

**WALKER DOUGLAS PINCERATI**

**O ESTATUTO DA PALAVRA QUE TEM EFEITO  
NEOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO DELIRANTE**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da  
Universidade Estadual de Campinas para obtenção do Título de  
Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Thereza Guimarães de Lemos

CAMPINAS

2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

P651e

Pincerati, Walker Douglas.

O estatuto da palavra que tem efeito neológico na construção do delirante / Walker Douglas Pincerati. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Cláudia Thereza Guimarães de Lemos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Efeito neológico. 2. Neologismo. 3. Construção delirante. 4. Psicanálise. 5. Psiquiatria clássica. I. Lemos, Cláudia Thereza Guimarães de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The status of words of neologic effect in delirious construction.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Neologic effect; Neologism; Delirious construction; Psychoanalysis; Classic psychiatry.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Cláudia Thereza Guimarães de Lemos (orientadora), Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite, Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira, Profa. Dra. Maria Rita Salzano Moraes, Profa. Dra. Flávia Trocoli Xavier da Silva.

Data da defesa: 26/06/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

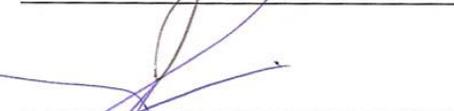
**BANCA EXAMINADORA:**

Cláudia Thereza Guimarães de Lemos



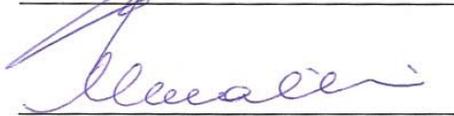
---

Mário Eduardo Costa Pereira



---

Nina Virgínia de Araújo Leite



---

Maria Rita Salzano Moraes

---

Flávia Trocoli Xavier da Silva

---

**IEL/UNICAMP**

**2009**

A Freud, pela ferida;  
A Lacan, por não deixar que obliterem a ferida;  
*As pedras de espera*, pelos mistérios  
cujas faces resguardam outras cenas,  
e que o olhar só alcança se se obliqua...  
para ver outra *coisa*.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não se realizou sem uma aposta. Quem a fez foi Cláudia Lemos, minha orientadora. Essa aposta começou com um “sim” no dia 18 de janeiro de 2007. A partir de então, leu todos os meus trabalhos com sinceridade, rigor e seriedade. Demonstrando, também, sensibilidade e delicadeza, em todos os momentos de angústia disse: “Estou aqui para te ajudar!” A Cláudia pela aposta, pela escuta, pelo sorriso.

Não posso esquecer de Nina Leite que três dias antes me recebeu em sua sala, na qualidade de minha orientadora de iniciação científica, para, diante de meu texto que tenta articular minha questão, dirigir a mim a seguinte pergunta: “Por que você não continua com esse tema no mestrado?!?” Antes e depois disso, sempre fez parte da trajetória que deu origem a este trabalho. Antes porque num dia me disse: “Insista no efeito neológico!” Depois, porque leu com zelo o texto de minha qualificação. Nina, insisti! A você!

Ao Mário Eduardo C. Pereira não só por aceitar os convites, como também por fazê-los; pelo diálogo fecundo e pelas contribuições preciosas.

A Maria Rita S. Moraes que muitas vezes ficou horas conversando comigo sobre o Freud; que esteve na minha qualificação; que leu meus textos e me passou muitas indicações bibliográficas e textos... A ti por sempre querer ver!

A Flávia Trocoli...; querida amiga que me escutou tantas vezes ao telefone e compartilhou comigo as angústias de ser um orientando. A ti, querida amiga! Que possamos ainda escutar muitas músicas juntos, que comamos muitas pizzas, que troquemos muitas experiências... e contemos muitas “fofocas” analíticas.

À Fapesp pela concessão da bolsa de pesquisa que possibilitou a execução da pesquisa que resultou nesta dissertação.

A duas amigas que escutaram, sorriram, trocaram...: Suely Aires e Vera Colucci.

Aos amigos do Grupo \$EMA\$OMa e do Centro de Pesquisa Outrarte: Conceição Azenha (Ciça), Luigi Barichello, Carlos E. B. Dias, Vanessa Alberto, Paulo de Souza Jr., Lilian Braga, Alessandra Carreira, Edmundo Gasparini, J. Guillermo Milán-Ramos, Viviane Veras, Eliana Benguela, Cláudia Leite, Sônia M. Rodrigues.

Aos professores do IEL/UNICAMP pela formação; especialmente, pelos incentivos e diálogos: Jonas Araújo, Bernadete Abaurre, Rosana Novaes, Rodolfo Ilari, Angel Mori, Edson Françaço, Fausta Castro, Wilmar D’Angelis, Sírio Possenti e, agora professor da UFRGS, Sérgio Menuzzi.

Ao Cláudio, Rose e Miguel que, na secretaria de pós-graduação, sempre estiveram dispostos e resolveram com competência, precisão e amizade problemas burocráticos.

A Ana Llagostera por se preocupar e se dedicar com competência às investigações e “caças” de bibliografias raras.

Ao meu amigo Márcio, com quem tive o prazer de morar, e que um dia, nessa “caça” pelas obras raras, conseguiu com jeitinho uma cópia do Séglas. Ao Aroldo Andrade e Simone Oliveira que do outro lado do Atlântico receberam obras que não vinham para cá e tão gentilmente enviaram para mim. E a Alessandra Canepelle por uma preci(o)sa indicação.

Ao Alessandro J. de Oliveira, ou simplesmente Alê, por sempre estar aí, lá e acolá; sempre companheiro, mesmo que eu não reconheça, às vezes; que aguentou os dias e noites de ausência porque eu só tinha olhos para os textos na tela do computador.

Aos especiais amigos: Valdir Pfeiffer, que é meu Che! mais que Che!, sempre amigo das conversas super-a-cadêmicas; Anselma Garcia, minha amiga, mulher e companheira.

Aos amigos que torceram e, por vezes, leram: Daniel do Nascimento e Silva, Clito Lagoeiro, Fabiana Mendes, Fabi Jesus, Adriana Leão e Rodrigo, Luciana Carvalho e Adriano, Joviniano Rezende, Vanderson C. Machado, Jane Silveira, entre muitos outros.

Aos meus pais pela grande torcida! Ao carinho com que me criaram; à educação que sempre prezarão; ao fervor com que sempre me amarão! Nunca me esquecerei, e sou sempre grato, das lutas por mim. Nunca me esquecerei das palmadas e as palmas! Ao projeto de vida que me dedicaram, com seus sonhos e investimentos que nunca arretaram.

Aos irmãos Kiko, Wal e Cicazinha pela força!

*“- Titia, diga-me alguma coisa, estou com medo porque está muito escuro.*

*- O que isso adiantaria, já que você não me pode ver?*

*- Não faz mal: quando alguém fala, fica claro.”*

Sigmund Freud,  
*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905).*

## RESUMO

Este estudo, partindo da tese psicanalítica de que existe uma diferença estrutural entre a linguagem na neurose e na psicose, tem por objetivo analisar e discutir o estatuto das palavras que têm efeito neológico no dizer psicótico. Lançando mão dos dados de LC, que tem o diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia, procurou-se: (i) levantar, descrever e analisar as palavras de efeito neológico nesse dizer situando-as como ápices ou condensações das “ideias delirantes” e significantes em trânsito no delírio; (ii) realizar uma comparação dessas palavras com as formas possíveis na língua, depreendendo, com isso, a especificidade do efeito neológico em relação ao que a Lexicologia entende como um neologismo; e (iii) discutir a função dessas palavras na produção da opacidade do dizer psicótico e na arquitetura do delírio. A partir da leitura lacaniana de Freud, tomou-se o delírio como um processo de significantização que visa atenuar a angústia e reatar as relações do delirante, enquanto habitante da linguagem, com a realidade. Com a análise, chega-se a conclusão de que a palavra que tem efeito neológico tem como função encapsular num significante ideias e significantes em jogo no delírio. Ela situa para o delirante uma significação especial.

**Palavras-chave:** Efeito Neológico; Neologismo; Construção Delirante; Psicanálise; Psiquiatria Clássica.

## ABSTRACT

Psychoanalysis assumes that there is a structural difference between language in neurosis and language in psychosis. This study adopts this thesis and discusses the status of words of neologic effect in psychotic discourse. By considering the data of LC, a subject with psychiatric diagnosis of schizophrenia, we attempted (i) to identify, describe, and analyze the words of neologic effect in such discourse, situating them either as apices or as condensations of “delirious ideas” and signifiers moving in the stream of a delirium; (ii) to compare these words with possible forms in language, thereby deducing the specificity of the neologic effect against what Lexicology calls a neologism; and (iii) to discuss the function of such words in the production of opacity in psychotic discourse and in the delirium architecture. The Lacanian reading of Freud takes delirium as a process of significantization which aims at attenuating anguish and re-establishing the relations of the delirious person, as an inhabitant of language, with reality. We conclude that the word of neologic effect works by condensing in a signifier ideas and signifiers at stake in the delirium. Such words gesture at a special signification for the delirious subject.

**Key-words:** neologic effect; neologism; delirious construction; psychoanalysis; classic psychiatry

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>BREVE HISTÓRIA DO NEOLOGISMO NA PSIQUIATRIA CLÁSSICA</b>	<b>18</b>
<b>O NEOLOGISMO NÃO É A PALAVRA QUE TEM EFEITO NEOLÓGICO NO DIZER PSICÓTICO</b>	<b>19</b>
<b>DA ENTRADA DO TERMO ‘NEOLOGISMO’ NA PSIQUIATRIA E DE SUA ESPECIFICIDADE NO DELÍRIO E NO <i>DELIRIUM</i></b>	<b>25</b>
LUDWIG DANIEL SNELL (1817-1892)	27
EUGENIO TANZI (1856-1934)	30
LOUIS JULES ERNEST SÉGLAS (1856-1939)	36
• NEOLOGISMOS PASSIVOS	38
• NEOLOGISMOS ATIVOS	38
<b>O NEOLOGISMO NA PSICANÁLISE OU O PASSO DE FREUD</b>	<b>40</b>
<b>“QUE EU SOU MAIS UM LOIDE DO QUE UM ANDROIDE.”</b>	<b>47</b>
NOTAS PRELIMINARES À ANÁLISE	48
PERPLEXIDADE E ANGÚSTIA: “EU PERDI O CONTROLE DA SAÚDE CORPORAL”	51
A RECONSTRUÇÃO: “CONTROLO O MUNDO... COM O PENSAMENTO.”	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>73</b>
<b>ANEXO</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta dissertação é o fenômeno da criação de palavras na psicose. Tem-se como objetivo discutir e analisar qual é o estatuto das formações lexicais que aparecem no dizer psicótico que têm efeito neológico.

Para tornar viável a persecução desse objetivo foram estipulados alguns objetivos específicos. A saber, (i) levantar as formações lexicais neológicas encontradas na fala de um psicótico, descrevê-las do ponto de vista linguístico e tentar situá-las em relação ao texto em que se inserem; (ii) comparar as unidades levantadas e descritas com as consideradas possíveis na língua portuguesa, segundo os processos de formação dessa língua; e (iii) a partir dessa comparação, definir o ‘efeito neológico’ no dizer psicótico tanto pelo que o distingue do neologismo aceito como forma possível na língua quanto pela sua função na constituição do texto enquanto metáfora delirante<sup>1</sup>.

A pergunta que tomei como ponto de partida para a persecução desse objetivo foi a seguinte: o que o linguista ao se defrontar com a fala delirante de um psicótico pode dizer sobre essa fala? Ela se coloca ao linguista quando, ao se dedicar ao estudo do dizer do psicótico, ele encontra algumas dificuldades. A saber, ao se debruçar sobre o dizer psicótico, enquanto fala ou instanciamento da língua que é seu objeto de estudo, o linguista tem dificuldade de nele se reconhecer como linguista. Com isso, não só fica impedido de se identificar nisso que o psicótico fala, como se defronta com a situação de ver suas posições teóricas e metodológicas suspensas por esse impedimento. É diante dessa impossibilidade que pode surgir a indagação sobre o que ele, linguista, pode dizer sobre a fala na psicose.

Dois procedimentos parecem ter sido mobilizados na tentativa de analisar essa fala. O primeiro, o mais comum e tentador, é o da psiquiatria e de uma semântica pragmaticamente orientada que consiste, como veremos adiante, em desqualificar o dizer psicótico, rotulando-o de “louco” e de deficiente ou desviante, do ponto de vista, por exemplo, da seleção e do arranjo das palavras. O segundo, menos percorrido e desafiador, é o

---

<sup>1</sup> Calligaris (1989), no que concerne a arquitetura do delírio, chama de *metáfora delirante* a forma especial e condensada do psicótico constituir o texto do delírio como uma alegoria. Segundo esse autor, por o saber do psicótico ser um saber que não comporta um sujeito suposto, como o saber do neurótico, então o psicótico, ao sustentar seu saber na sua pessoa, não construiria uma metáfora tal como é elaborada por um neurótico. Na crise, ao sofrer a injunção a se referir a uma significação que não lhe é possível simbolizar, o saber do psicótico entra num estado crepuscular, produzindo alucinações de todas as ordens. Elas dão forma ao delírio. Com isso, a *metáfora delirante*, para Calligaris, substitui a metáfora neurótica; é uma metáfora fracassada, é uma invenção trabalhosa do psicótico que testemunha sua tentativa de se estruturar como neurótico, em resposta à injunção (Ibid., p.62).

do pesquisador que começa por interrogar seu próprio saber sobre a língua (e sobre a linguagem), uma vez que esse saber foi posto à prova pelo próprio dizer psicótico<sup>2</sup>.

Um exemplo de trabalho que mobilizou o primeiro procedimento é o de Dascal e Françaço (1988). Esses pesquisadores afirmam que o problema do psicótico decorreria de uma “baixa capacidade de controle de suas operações mentais”, deficiência essa que explicaria sua dificuldade em encontrar a palavra precisa, recorrendo a “frases substitutivas” que resultam em associações bizarras (Dascal e Françaço, 1988, p.23-24). Partem, pois, de um modelo ideal a partir do qual avaliam o grau de desvio e o déficit da linguagem na psicose.

Por outro lado, por tratarem o dizer psicótico como outro modo possível de habitar a linguagem, reconhecendo que sua diferença em relação à normalidade é reveladora de uma diferença estrutural – formas diferentes de produzir fala numa mesma língua –, Novaes (1995) e Picardi (1997) se filiam ao segundo procedimento acima mencionado. Perguntaram-se, as autoras, o que caracteriza essa fala como esquizofrênica? (Picardi, 1997) O que caracteriza essa forma outra de dizer na psicose? (Novaes, 1995) Note-se, contudo, que ambas sustentam que, para o linguista penetrar nesse domínio, ele tem que reconhecer que o dizer psicótico possui uma opacidade; uma opacidade que aponta para uma diferença estrutural entre a linguagem na psicose e a linguagem considerada normal.

Configura-se, portanto, esta dissertação como uma proposta para penetrar nesse domínio, o do fenômeno da linguagem na psicose, mais especificamente, o da criação de palavras que têm um efeito neológico.

Essa proposta se esboçou quando, em minha graduação em Linguística, fiz um trabalho de iniciação científica, cujo objetivo era o de estudar como funcionavam semanticamente os neologismos produzidos por uma paciente psicótica e como eles teciam uma rede de significação que poderia dar uma direção ao delírio<sup>3</sup>. Com o gravador na mão, durante cinco meses frequentei uma instituição psiquiátrica<sup>4</sup> para entrevistar uma paciente psicótica. Ao retornar para “meu Instituto”, “o meu lugar” – o que revela um movimento de

---

<sup>2</sup> Rajagopalan (2000) aponta a necessidade da Linguística de repensar seus fundamentos. Esse pesquisador denuncia a tendência de várias disciplinas da Linguística em demonstrar fortes resistências a todos os esforços, originários em seus próprios meios, de repensar seus próprios fundamentos (Rajagopalan, 2000, p.40). Segundo esse estudioso, há declarações de Lyons, Lakoff e Harris que reforçam a necessidade de diálogo com outros campos de saber para uma nova guinada linguística, e cita como exemplos Chomsky e Saussure. De Lemos (1991) também já chamava atenção dos linguistas da necessidade de colocar o saber constituído sobre a língua em xeque, destacando que é justamente a necessidade de saber, de interrogar que promove e promoveu o avanço e o desenvolvimento da(s) ciência(s) da linguagem.

<sup>3</sup> Trata-se do projeto de pesquisa *Um estudo do dizer da mãe psicótica*, desenvolvido entre 2005 e 2006, sob orientação da profa. Dra. Nina Leite, DL/IEL/UNICAMP, com apoio do CNPQ (Pincerati, 2006a e 2006b).

<sup>4</sup> Centro de Atenção Psicossocial Antonio da Costa Santos, Centro de Saúde “Dr. Cândido Ferreira”, Campinas/SP.

voltar para o âmbito da Linguística, lugar do saber constituído sobre a língua –, para realizar a transcrição das fitas, um desafio se instalou. A saber, o de, no ato da transcrição, ter que lidar com o insólito e com a impossibilidade de recuperar sentidos daquilo que ouvia. Em minha angústia, interrogava o que sabia sobre a língua, na medida em que tinha sido suspenso, isto é, não dava conta da questão que então se impunha. Tive que lidar (i) com a frustração de não escutar o que queria ouvir, (ii) com o temor de estar forjando dados – no caso neologismos – e também o de ter que decidir sobre algumas construções sintáticas e sobre a pontuação a ser imposta a um texto falado; e (iii) com a angústia de ter que dar conta de uma fala cujos sentidos me escapavam, pondo, assim, tudo o que eu sabia sobre a língua em xeque.

Mas foi justamente no momento em que assumi como imperativo em meu trabalho a necessidade de uma postura ética, portanto o imperativo de me aproximar do dizer psicótico sem destituí-lo de seu estatuto de dizer, sem transformá-lo em dado (cf. De Lemos, 2003), é que pude me posicionar, enquanto pesquisador, face à tensão que se produziu. Eu estava diante de uma fala que me convocava enquanto sujeito falante, mas que também mostrava um sujeito produzindo uma fala que me excluía. Que fala era essa? Que falante era esse? Foi nesse momento que me dei conta de que, em primeiro lugar, se tratava de uma atividade de **pesquisa científica**, implicando pois uma posição de não saber – cientificamente legítima – a partir da qual eu poderia produzir questões. Isto é, a partir da qual eu poderia tomar a relação entre saber a língua (e/ou sobre a língua) e a fala na psicose como **algo a saber**. Foi com essa “sacada” que uma hipótese se esboçou, qual seja: **o neologismo produzido por um psicótico não pode ser da mesma ordem que o neologismo tal como concebido na linguística (no âmbito da lexicologia e da lexicografia)**. Hipótese essa que se desdobrou na seguinte pergunta: **qual é o estatuto do neologismo na psicose?**

Essa questão ganha pertinência se atentarmos às definições de neologismo vigentes na psiquiatria e na psicanálise. Essas disciplinas são as que tomam a psicose como objeto de estudo. Além disso, no que tange à questão colocada, podemos observar nessas disciplinas os dois modos de funcionar dos procedimentos acima mencionados. Contudo, se, de um lado, a psiquiatria parte de uma concepção da linguagem como veículo de sentidos transparentes, o que, na relação médico-paciente, torna tudo o que é obscuro ou desviante, na fala do paciente, manifestações ou evidências de sua enfermidade; de outro lado, a psicanálise, sobretudo lacaniana, vem se posicionar contra essa concepção ao reconhecer a importância da linguagem, portanto do linguístico, na constituição do sujeito, concebendo-o como efeito da inscrição de sua fala no campo da linguagem. Para o psicanalista, a psicopatologia diz dessa inscrição.

Do lado da psiquiatria, consideremos sobretudo a representada na CID-10<sup>5</sup>. A partir de um rápido exame da categoria Esquizofrenia (grupo F20-29: Esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes) dessa Classificação pode-se observar a resistência em produzir interrogações sobre o que acontece nessa psicopatologia. Vale salientar que as insuficiências nas tentativas de apreensão – classificação e descrição – do fenômeno psicótico são reconhecidas na própria CID-10, onde se lê o seguinte: “eles [os transtornos delirantes] constituem um grupo de transtornos heterogêneos e mal-compreendidos” (CID-10, 1993, p.85)<sup>6</sup>. Note-se que, dentre os sintomas elencados na CID, estão: “intercepções ou interpolações no curso do pensamento resultando em discurso incoerente, irrelevante ou neologismo” (Ibid., p.86).

Essa citação, além de tocar no tema aqui tratado, a saber, a presença de neologismos no dizer psicótico e seus efeitos, quais sejam, os de que estamos diante de um “louco”, é reveladora: não só dá a ver o recuo diante da necessidade de interrogar os fundamentos dessa afirmação, como deixa evidente o malestar que provoca o fenômeno da linguagem na psicose.

É na psicanálise, sobretudo lacaniana, que se encontra um tratamento da psicose, do ponto de vista do lugar do psicótico na linguagem e a partir de sua fala. Essa teoria traz para o bojo de sua teorização o sujeito, mas o sujeito implicado aí é o sujeito falante, efeito da inscrição de sua fala no campo da linguagem.

No que diz respeito ao neologismo, Jacques Lacan, em seu Seminário sobre as psicoses (1955-56), aproxima-se da teoria linguística sustentando suas elaborações em Saussure e Jakobson (e também Benveniste) para tentar explicar o fenômeno delirante na psicose. Para esse psiquiatra e psicanalista, o único modo de abordar esse fenômeno é por seu próprio modo de apreensão, a fala: “Só pela porta de entrada do simbólico é que se consegue penetrá-lo” (Lacan, [1955-56] 2002, p.20). A tese que sustenta a postura de Lacan é a de que o inconsciente tem estrutura de linguagem. Tendo isso em vista, Lacan define o delírio como “uma linguagem onde certas palavras ganham um destaque especial, uma densidade que se

---

<sup>5</sup> A sigla “CID-10” refere-se à *Décima Revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e de Problemas Relacionados com a Saúde*. A CID, publicada pela *Organização Mundial de Saúde* (OMS), define-se como um sistema de categorias atribuídas a entidades mórbidas e procura atender as necessidades de informação diagnóstica para finalidades gerais: é uma classificação base da *Família Internacional de Classificações da OMS* – sistema desenhado para permitir e promover a comparação internacional da coleção, processamento, classificação e apresentação do tipo de estatísticas globais de morbidade e de mortalidade -. A cada estado de saúde é atribuída uma categoria única à qual corresponde um código. Desse modo, constitui-se, a CID, como um manual de referência internacional de classificação e de diagnóstico de doenças.

<sup>6</sup> A propósito do aparecimento e uso do termo ‘transtorno’ em psiquiatria, ver Pereira (2002).

manifesta algumas vezes na própria forma do significante, dando-lhe esse caráter indiscutivelmente neológico tão surpreendente nas produções da paranóia” (Ibid., p.42).

É justamente nesse plano que é introduzida sua concepção de neologismo na psicose, considerada como palavra-chave, palavra original que organiza alguma significação especial para o sujeito. Partindo da concepção de que o significante é o material da linguagem e que a significação sempre remete à outra significação, Lacan afirma o seguinte:

No nível do significante, em seu caráter material, o delírio se distingue precisamente por esta forma especial de discordância com a linguagem comum que se chama um **neologismo**. No nível da significação, ele se distingue por isto: ele só pode se mostrar se vocês partem da idéia de que significação remete sempre a uma outra significação sabendo-se que, justamente, a significação dessas palavras não se esgota no remeter a uma significação. (Lacan, [1955-56] 2002, p.43; ênfase minha)

Essas elaborações permitem, a princípio, perceber que o neologismo na psicanálise está no nível do significante, distanciando-se de sua concepção na Lexicologia, na qual está no nível do signo (Barbosa, 2001). A partir disso, no que diz respeito à forma do neologismo no dizer psicótico, é possível supor que ela seria explicada pelo acoplamento ou condensação de significantes, o que remeteria a processos de formação diversos. Além disso, é possível retirar outra importante contribuição dessa formulação de Lacan. Qual seja, com ela uma primeira explicação do estatuto do neologismo pode ser elaborada em termos de uma diferença estrutural do dizer psicótico.

Para a psicanálise lacaniana existe uma diferença estrutural entre psicose e neurose – sendo a neurose considerada o padrão de normalidade, em referência a uma normatividade edípica –. O neurótico sempre fala, segundo essa teoria, em referência a um sujeito suposto saber. Grosso modo, quando o neurótico fala, ele projeta e antecipa imaginariamente um saber no seu interlocutor, que faz o mesmo, o que torna (imaginariamente) possível, na relação dialógica entre dois sujeitos neuróticos – normais –, o jogo de sentidos e de antecipações e projeções de sentidos.

Na psicose, para psicanálise, ocorre o contrário: o psicótico “se fala com seu eu” (Lacan, [1955-56] 2002, p.23). A alienação imaginária no jogo dialógico, que caracteriza a comunicação na neurose, não acontece na psicose. A dimensão da alteridade fica reduzida ao eu, à pessoa do psicótico. É nesse registro que se deve tomar o fenômeno delirante – alucinações, entre outros –, pois na psicose “o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade” (Ibid., p.23).

É, segundo a psicanálise, nessa produção psicótica de linguagem que a palavra torna-se a alma da situação (Lacan, [1955-56] 2002, p.43). Lacan reforça insistentemente que

é no registro da fala que se cria toda a riqueza da fenomenologia da psicose (Ibid., p.46). Os neologismos seriam marcas linguísticas da diferença estrutural entre psicose e neurose.

É, pois, na relação entre estudos linguísticos e psicanálise que se cria condições para interrogar a natureza da linguagem na psicose, permitindo reconhecer os efeitos que a opacidade semântica do dizer psicótico produz, interrogando sobre a natureza do linguístico na psicose e do sujeito nessa estrutura.

Ao tomar como ponto de partida minha questão inicial, qual seja, **qual é o estatuto do neologismo na psicose?**, defrontei-me com a necessidade de responder a outra questão que se impôs ao assumir neste trabalho a tese psicanalítica de que existe uma diferença estrutural entre neurose e psicose. A saber, se a fala na psicose tem uma estrutura diferente da fala na neurose, seria possível usar o termo ‘neologismo’ para se referir às palavras insólitas do psicótico?

O primeiro capítulo desta dissertação tem como objetivo responder a essa questão. Em primeiro lugar, faço uma discussão visando destacar a especificidade do **efeito neológico** em relação ao que na lexicologia é entendido como um **neologismo**. Feito isso, percorro a literatura da psiquiatria clássica sobre o neologismo na psicose com o objetivo de investigar por que e como foi atribuído à palavra insólita do psicótico o nome ‘neologismo’. A psicanálise herdou o termo da psiquiatria clássica, o que me levou a investigar o uso desse termo na psiquiatria do século XIX<sup>7</sup>. O exame do material (raro) encontrado desvelou a existência de duas tendências nos estudos da área; e foi por conta delas que optei por me restringir, ao contar a breve história do neologismo na psiquiatria clássica, a três autores: L. Snell, o pioneiro nesse estudo, E. Tanzi, cujo trabalho é o mais sistemático e importante nesse tema, e J. Séglas, que leu todos os trabalhos anteriores e propôs a famosa divisão dos neologismos em ativos e passivos. As referidas tendências se resumem no seguinte: (a) o neologismo do psicótico tem relação direta com o tema do delírio e não tem a ver com distúrbios de ordem orgânica ou cognitiva e (b) eles, os neologismos, têm uma especificidade quando encontrados no delírio psicótico, em relação àqueles encontrados nas outras doenças – como *delirium tremens*, paralisia geral, etc. –, doenças que são provocadas por uma debilidade ou deficiência física ou por um déficit no “processamento cognitivo”. Os neologismos ativos e passivos dizem dessa especificidade. Daí a importância do trabalho de Séglas<sup>8</sup>. Segundo Maleval (1998, p.7-10), essa especificidade aponta para a grande diferença

<sup>7</sup> Note-se que Sigmund Freud era neurologista e Jacques Lacan, psiquiatra.

<sup>8</sup> Trabalho que teve grande repercussão. Ver a propósito Bobon, 1952; Bobon, 1962; Teulié, 1927.

entre o “neologismo” no delírio do neurótico (*delirium*) e no delírio do psicótico (delírio). Para esse autor, esse é um dos tesouros da clínica psiquiátrica clássica, abandonado na atualidade. (Ibid.)

A psicanálise não abandonou esses tesouros, mas também não se acomodou a apenas incorporar passivamente as contribuições da clínica psiquiátrica. Esse é o tema do segundo capítulo. Nele procuro mostrar que Sigmund Freud inaugurou uma outra história, ou melhor, uma outra abordagem do “neologismo” na psicose. O pai da psicanálise valeu-se de uma concepção de linguagem totalmente diferente da psiquiatria. Freud a concebeu como constitutiva do sujeito. Por conta disso, pôde, em 1911, conceber o delírio como uma tentativa de cura, uma reconstrução. E, a partir de 1915, avançou nessa tese mostrando que o delirante, enquanto habitante da linguagem, reconstrói seu mundo com palavras. O psicótico, diz Freud, trata as palavras como se fossem coisas. Jean-Claude Maleval (1998), a partir da leitura lacaniana da tese freudiana, propõe que o delírio é um processo de significantização.

A partir disso pude entender o “neologismo”, ou melhor, a palavra que tem efeito neológico no dizer psicótico como um produto do encapsulamento de ideias delirantes e de significantes em trânsito no delírio. É com essa proposta que leio o *corpus* – falas transcritas de LC, que tem o diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia –, procurando situar as palavras de efeito neológico como ápices ou condensações do material em jogo no delírio. Nessa análise, além disso, procuro dar a ver como é que essas palavras participam de um momento que chamo de reconstrução, isto é, um momento em que se observa uma tentativa do delirante de edificar um mundo em que possa voltar a viver como um ser excepcional. Esse momento visa atenuar a angústia, isto é, a perplexidade diante das invasões e torturas a que o delirante é submetido. A discussão corre no sentido de discutir e depreender o papel da palavra que tem efeito neológico na reconstrução.

Início esta dissertação dizendo que quero com ela menos fechar questões do que revelar as pedras de espera que estão sempre no meio do caminho do pesquisador que se dedique ao estudo da linguagem na psicose. Há, nesse tema, muitas coisas a saber. Por isso, a meu ver, seria pretensão demais querer fechar questões aqui, ao invés de abri-las.

## BREVE HISTÓRIA DO NEOLOGISMO NA PSIQUIATRIA CLÁSSICA

Genericamente, o neologismo é uma “palavra nova”. Essa denominação pode, portanto, ser atribuída tanto aos neologismos espontâneos da linguagem corrente como aos neologismos criados pelos estudiosos para definir novos conceitos, assim como também, por último, aos neologismos mais ou menos voluntariamente criados pelos doentes mentais.

Como fato linguístico espontâneo, a neologia tem grandíssima importância na evolução da língua e na sua contínua renovação nominal, fonética e semântica. Os neologismos criados pelos estudiosos têm, em geral, uma clara etimologia e um precioso significado de referência a novos conceitos, teorias, mecanismos, substâncias, etc. **Os neologismos dos doentes mentais diferem dos precedentes em muitos caracteres particulares, mas, sobretudo, pelo fato de constituírem termos pessoais, “privados”, segundo a terminologia de Russel, por vezes incompreensíveis para os demais.**

**Na terminologia, os neologismos dos doentes mentais deveriam ser distintos dos neologismos de uso normal. Contudo, o uso generalizado é consenso entre os psiquiatras que aceitam essa impropriedade terminológica.<sup>9</sup> (ênfase minha)**

Sergio Piro, *Il linguaggio schizofrenico* (1987).

---

<sup>9</sup> Essa e todas as outras traduções são minhas.

## O NEOLOGISMO NÃO É A PALAVRA QUE TEM EFEITO NEOLÓGICO NO DIZER PSICÓTICO

Nesta primeira parte, detenho-me no exame da literatura psiquiátrica sobre o neologismo na psicose. Elegi, para a exposição, os principais autores do período da psiquiatria clássica, quais sejam, L. Snell, E. Tanzi e J. Séglas, porque deixam evidente a trajetória que o termo ‘neologismo’ assumiu nos estudos psiquiátricos sobre a psicose até se firmar, na literatura dessa área, como o termo que designa as palavras insólitas do psicótico.

Partindo da hipótese de que as “palavras novas” do psicótico não têm o mesmo estatuto que o neologismo tal como concebido na lexicologia e lexicografia, indago quando, como e por que o termo ‘neologismo’ se tornou o termo em psiquiatria e foi mantido na psicanálise para designar as palavras que têm efeito neológico no dizer psicótico. A origem dessa denominação é encontrada na psiquiatria clássica.

No entanto, em primeiro lugar, é importante esclarecer a diferença entre o que se chama de neologismo na lexicologia e em que consiste sua diferença em relação à palavra com efeito neológico. A partir disso, acredito ter condições de ir à psiquiatria clássica buscar a origem e as razões para o uso desse termo e no que implica seu uso nos estudos sobre os distúrbios de linguagem na psicose.

19

Na lexicologia, o termo ‘neologismo’ designa, segundo Alain Rey, a “unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua” (Rey, 1976 *apud* Correia e Lemos, 2005, p.17). Ou ainda, é “uma unidade lexical que é sentida como nova pela comunidade linguística” na sua relação com a época em que surge e ao estágio imediatamente anterior da língua (Correia e Lemos, 2005, p.16).

Resumidamente, Correia e Lemos (2005) dividem, do ponto de vista da criatividade, os neologismos em três tipos<sup>10</sup>:

1) neologismo denotativo: “resultante da necessidade de nomear novas realidades (objetos, conceitos), anteriormente inexistentes” (Correia e Lemos, 2005, p.13). Esse tipo de neologismo seria o que tem maior probabilidade de entrar no sistema linguístico e é mais frequente no discurso técnico-científico;

---

<sup>10</sup> Infelizmente, as autoras não dão muitos exemplos, somente os apresentados aqui.

2) neologismo estilístico: é aquele que seria resultante da procura de maior expressividade no discurso, ou “para traduzir ideias não originais de uma maneira nova ou para exprimir de modo inédito certa visão do mundo” (Correia e Lemos, 2005, p.13). Os neologismos resultantes desse processo são, segundo as autoras, geralmente inesperados e revelariam de forma privilegiada a “criatividade linguística”. Ainda que recorrentes no discurso humorístico, jornalístico e na crônica policial, seriam produções efêmeras;

3) neologismo de língua: “são unidades lexicais do discurso que, por não se distinguirem das restantes unidades lexicais da língua (elas correspondem apenas à atualização da competência derivacional dos falantes), não despertam qualquer sentimento de novidade no falante” (Correia e Lemos, 2005, p.14). Seriam exemplos, acrescentam, alguns advérbios terminados em *-mente*, como *fortuitamente* e *reconhecidamente*, e os adjetivos terminados em *-vel*, como *herdável* e *encomendável*, entre outros. Também estariam em jogo os “formantes de palavras na moda”, como *mega-*, *super-* etc. (*megaprograma*, por exemplo).

Do ponto de vista da novidade, continuam as autoras (Correia e Lemos, 2005, p.17-18), os neologismos podem ser também de três tipos:

1) formais: que apresentariam uma forma significante nova e “não atestada no estágio anterior do registro da língua”. São construídos com os recursos morfológicos e/ou sintáticos da língua;

2) semânticos: “quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado-significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova acepção”;

3) pragmáticos: quando resultantes da “passagem de uma palavra previamente usada num dado registro para outro registro da mesma língua”.

Correia e Lemos não estão interessadas em fazer um levantamento dos diversos tipos de neologismos em português, como o faz Alves (2004), entre outros. Dedicam-se apenas a discorrer sobre os processos que caracterizam a neologia lexical. Como o que importa aqui não é conhecer os diferentes tipos de neologismos, mas sim os mecanismos que os determinam, acredito ser o trabalho dessas autoras suficiente para os fins aqui propostos, a saber, assinalar a diferença entre **neologismo** e **efeito neológico**. Em síntese, interessa aqui tornar claro o que é conceituado como neologismo em lexicologia e o que, nessa disciplina, é dito sobre o “sentimento” que o falante tem dele.

Portanto, para a lexicologia, *megaespetáculo* é um neologismo atualizado e compartilhado pelos falantes porque corresponderia a uma “moda” no uso do prefixo *mega-*.

*Deletar* é um termo que foi incorporado<sup>11</sup> ao léxico do português brasileiro devido à presença massiva da tecla ‘Del’ ou ‘Delete’ (apagar), palavra inglesa, nos computadores. Designa o mecanismo de apagar da memória física do computador arquivos de qualquer natureza. Hoje essa palavra pertence ao léxico do português brasileiro sob a forma de um verbo da primeira conjugação: *deletar*<sup>12</sup>. Outro exemplo é *imexível*<sup>13</sup>, que se enquadra no tipo de neologismo que muitos falantes não sentiriam como novo e que não parece apresentar uma novidade pragmática ou semântica, mas parece ser fruto de um processo analógico possível na língua.

Esses exemplos, em concordância com a tipologia de Correia e Lemos (2005), são interessantes para mostrar que todos eles são formas possíveis na língua, que são motivadas e, como tais, atualizadas pelo falante.

A isso acrescento um ponto importante desenvolvido pelas autoras, ao afirmar que os neologismos são detectados no nível da fala e do discurso (discurso, entendido como a “língua em uso” [Correia e Lemos, 2005, p.14]), níveis a que pertencerão durante um determinado período (Ibid., p.18). Alguns, continuam elas, passarão para o sistema linguístico.

Dito isso, é possível perceber que o que diferencia o neologismo da palavra que tem efeito neológico no dizer psicótico é que enquanto aquele circula entre os falantes ou no discurso, essa não.

O neologismo, escreve Zhenhua (2001, p.14-15), traz consigo a marca das transformações e das relações sociais; é uma “operação linguística” e um “fenômeno social”. Para ele, citando Bakhtin, “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas... nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal.”<sup>14</sup> (Bakhtine, 1977, p.136 *apud* Zhenhua, 2001, p.15) O neologismo, então, é, para a lexicologia, um signo linguístico cuja motivação é dada e/ou encontrada no seio das relações sociais, mais que isso,

---

<sup>11</sup> Em lexicologia, utiliza-se o termo ‘empréstimo’ para se referir ao “processo de transferência de uma unidade lexical de um registro linguístico para outro dentro da mesma língua ou de uma língua para outra” (Correia e Lemos, 2005, p.85). Prefiro o termo ‘incorporar’ a ‘importar’ e ‘emprestar’ porque, mais que uma importação ou empréstimo, que sugere que haverá devolução, a palavra de uma língua entra em outra mediante uma adaptação às leis do sistema linguístico, podendo ganhar aí uma forma outra em conformidade a essas leis; isto é, é incorporada a essa língua.

<sup>12</sup> O Aurélio registra ‘deleta’ como um verbo transitivo direto com a acepção de ‘apagar’. Informa que é um termo da informática “adaptado do inglês” e que tem o sentido de ‘destruir’, ‘eliminar’ e ‘apagar ou rasurar’.

<sup>13</sup> Dito pelo ministro Magri numa entrevista no início do governo Collor.

<sup>14</sup> *La véritable substance de la langue n’est pas constituée par un système abstrait de formes linguistiques... ni par l’énonciation monologique isolée, ni par l’acte psychologique de sa production, mais par le phénomène social de l’interaction verbale.*

da interação verbal. Nessa perspectiva, uma unidade léxica só pode ser considerada neológica se é passível de ser interpretada pelo interlocutor (cf. Alves, 2004, p.11).

A palavra do psicótico que tem efeito neológico, ao contrário, fica restrita a **sua** fala. O que faz interrogar sobre o que é ou qual é a estrutura da fala na psicose; discussão que, por extrapolar os objetivos estipulados para esta pesquisa, será abordada em trabalhos futuros.

Segue, como exemplo, um trecho de uma conversa de Fernanda Picardi (1997) com o paciente psicótico LC, em que ele diz a ela que seu pai não tem o mesmo sangue que o dele e que, por isso, precisaria de uma transfusão:

LC: Necessitaria de uma transfusão, pro velho não ficar muito gordo, sabe? Ele engorda demais, ele engorda demais. Precisaria operar ele e...operava a gente, num sei. Mas eu ainda não descobri como que faz prá operar as pessoas.

Picardi: Operar de quê?

LC: Eu sei que precisava ser descarga elétrica, né?

Picardi: Descarga elétrica?

LC: Uma *onda de columb*.

Picardi: De quê?

LC: *Columb*. *Raios Columb*, *energia Columb*. *Beta, beta ômega alfásica*, *beta, alfa e ômega*. Tem que aplicar isso no corpo dele.

(Picardi, 1997, p.2 do Apêndice; ênfases minhas)

Um falante que tenha como língua materna o português reconhece sua língua nessa fala, mas ela parecerá, no mínimo, estranha para ele. No que diz respeito às palavras com efeito neológico, vemos, a princípio, duas: raios, onda ou energia *columb* e *alfásica*<sup>15</sup>.

Tomamos *columb* como uma palavra da língua, e ela é de fato. Inicialmente, pensaríamos, por aparecer como um especificador de ‘raios’ e de ‘energia’, tratar-se de uma palavra pertencente ao discurso da física. Mas o termo que, na física, designa a grandeza eletrodinâmica das cargas elétricas que atravessam um condutor elétrico é *coulomb*. *Columb*, ou *columbi* é o radical latino que designa ‘pombo’<sup>16</sup>. Acredito, pois, que houve ou uma dificuldade na transcrição, visto que *columb* e *coulomb* são parônimas, ou um “erro” de LC, porque não há nada que sugira que tenha algo a ver com *pombo*. Feita essa ressalva<sup>17</sup>, temos então que *raios*, *onda* ou *energia coulomb* tem efeito neológico tendo em vista que, inclusive

<sup>15</sup> Essa palavra aparecerá novamente no *corpus*, quando LC diz que “um dicionário seria um livro em linguagem alfabética...; que tenta descrever palavras, comportamentos, terminações das palavras, categorias, armazenamentos **alfásicos**, tritongos tristes e triviais, como uma fronteira entre a matéria e o som de sinalizações robustas e tudo o mais...” (Picardi, 1997, p.14 do Apêndice; ênfase minha). Após a leitura da análise dessa palavra empreendida no capítulo dedicado à análise do dizer psicótico de LC, perceber-se-á que seu aparecimento não é arbitrário e tem, nos dois pontos em que aparece, a mesma significação.

<sup>16</sup> *Columb(i)*- [Do latim *colūmbus*]. Elemento de composição. Igual a ‘pombo’: *columbicultura*, *columbídeo*. [Equiv.: *columbo*:-: *columbofilia*.]. (Dicionário Aurélio)

<sup>17</sup> Nas próximas citações desse trecho, substituirei ‘*columb*’ por ‘*coulomb*’.

na aproximação entre ‘operar’ e ‘raios *coulomb*’, a física (eletrônica) e a biologia (sobretudo, histologia hematopoiética ou sanguínea) são temas frequentes no delírio de LC.

Já *alfásica* é uma forma não reconhecível na língua portuguesa, embora seus constituintes o sejam. Tal reconhecimento, contudo, não deixa de apresentar dificuldades: seria *alfásica* formada por derivação, prefixo *al-* + substantivo *fásica*? Ou seria resultante de um processo de sufixação, *alfa* + (*s*)*íca*? Tratar-se-ia de uma composição do substantivo *alfa* + adjetivo *afásica*? Ou não seria uma prefixação de *alfa-* + adjetivo *afásico*?<sup>18</sup>

Se na lexicologia e lexicografia é chamada de neologismo toda unidade lexical produzida no nível da fala e/ou do discurso e que permanecerá aí algum tempo, podendo entrar na língua, então o que é a palavra insólita do psicótico senão uma forma que o falante da língua identifica como não-atualizada, ainda que possível? Aí está, a meu ver, a grande diferença entre neologismo e efeito neológico. O efeito neológico tem efeito de neologismo sem o ser. As palavras do psicótico nunca ultrapassa(ra)m a esfera de **sua** fala; não fazem laço social ou laço na interação verbal. Ao que tudo indica, a motivação dessas palavras é dada na própria construção delirante. Isto é, trata-se de uma “motivação” que tem sua razão em aspectos subjetivos e não nos processos de formação de palavra. Parece, então, que é no delírio que devemos buscar sua razão. A partir disso, pergunto: que participação tem a palavra que tem efeito neológico na construção delirante? Por que algumas dessas palavras lembram termos técnico-científicos?

Estabelecida a diferença entre **neologismo** e **palavra que tem efeito neológico**, procurarei, a partir de agora, responder às seguintes perguntas: como e quando o termo “neologismo” entrou no discurso psiquiátrico? Por que esse termo foi trazido dos estudos da linguagem para a psiquiatria? E, qual era seu estatuto nessa disciplina em seu período clássico?

Uma primeira resposta pode ser dada a essas interrogações, qual seja: o termo ‘neologismo’, bem como o termo ‘delírio’, entraram para a psiquiatria somente quando ela se oficializou como disciplina e como ramo da medicina no início da segunda metade do século XIX. No que diz respeito ao termo ‘neologismo’, segundo os psiquiatras Biéder, Bubrovsky e

---

18 Como prefixo, *alfa-*, na química, (1) indica, numa molécula, átomo ou grupo alfa: *alfa-aminoácido*; (2) indica, segundo critérios mais ou menos arbitrários, uma entre várias substâncias relacionadas: *alfa-ionona*; e (3) indica uma estrutura alfa (7): *alfa-(D)-glicopirano*. Como substantivo designa, entre outras coisas, na química (1) o átomo ligado a um dado grupo que é tomado como referência, ou de outro grupo ou átomo monovalente—, também ligado a esse átomo; (2) a face inferior de certas moléculas, quando estas estão representadas de forma convencional; e (3) a configuração espacial de moléculas que contêm grupos espaciais importantes na face alfa. Na física nuclear designa a partícula alfa; tem valor adjetivo, quando posposto a nome de processo relacionado às partículas alfa. (Dicionário Aurélio)

Callens (2002, p.412), ele entrou na psiquiatria em 1852 com a publicação do artigo de Snell (tratarei disso logo abaixo). Esse artigo é também considerado como o “ato de nascimento do neologismo psiquiátrico”<sup>19</sup>, no que diz respeito ao debate dos psiquiatras da época em torno da terminologia médica e da introdução e criação de termos no campo do discurso psiquiátrico (Biéder, Bubrovsky e Callens, 2002, p.412). É na mesma época que a psiquiatria foi institucionalizada como ramo da medicina (Beauchesne, 1989, p.31). Quanto ao termo ‘delírio’, o psiquiatra e psicanalista Maleval (1998) informa que ele “foi introduzido na língua francesa no século XVI, mas que foi no século XIX que adquiriu um sentido técnico, favorecido pela separação da psiquiatria como disciplina autônoma” (Maleval, 1998, p.14).

---

<sup>19</sup> [...] *l'acte de naissance du néologisme psychiatrique.*

## DA ENTRADA DO TERMO ‘NEOLOGISMO’ NA PSIQUIATRIA E DE SUA ESPECIFICIDADE NO DELÍRIO E NO *DELIRIUM*

A psiquiatria clássica se interessava, pois, pela linguagem buscando nela determinadas alterações que fossem significativas seja do débil desenvolvimento intelectual seja dos delírios crônicos; a semiologia da linguagem não era sistemática, não podia se separar radicalmente do que se observava na afasia e colocava no mesmo plano a taquifrenia e os neologismos. **As categorias linguísticas provinham diretamente das humanidades latinas e gregas frequentadas pelos psiquiatras durante sua adolescência e se resumiam às partes tradicionais da gramática.** (ênfase minha)

Georges Lantéri-Laura, *Les apports de la linguistique a la psychiatrie contemporaine* (1976).

Essa epígrafe contém elementos importantes para este trabalho. Lantéri-Laura permite concluir, diante do que foi dito acima, que o termo ‘neologismo’ entrou para o vocabulário da psiquiatria por falta de um termo mais adequado e pela necessidade que a nova disciplina tinha de estabelecer sua terminologia.

25

Além disso, os psiquiatras do século XIX, segundo Maleval (1998), não dispunham de nenhuma teoria que esclarecesse os “meandros do delírio”, de modo que não tiveram outro meio de estudá-lo senão o de se deterem nas formas e na “evolução” dele (Maleval, 1998, p.28). E acrescenta: para que pudessem isolar a “evolução” do delírio, uma “**construção do observador**” era necessária, colocando em evidência algo que equivale a descobrir a existência de uma estrutura para além dos conteúdos imaginários (Ibid., p.29).

Por um lado, essas afirmações de Maleval permitem compreender, juntamente com a epígrafe de Lantéri-Laura, que os alienistas do século XIX, para elaborarem seus achados clínicos, não tiveram outra saída senão a de se utilizarem de termos que não eram próprios de sua disciplina<sup>20</sup>. Não lhes restava senão, no caso das categorias linguísticas por eles referidas, a alternativa de retirá-las da gramática tradicional<sup>21</sup>; “importação” que,

---

<sup>20</sup> Biéder, Bubrovsky e Callens (2002, p.412) contam que o famoso alienista francês Phillippe Pinel (1745-1826) já reclamava que lhe faltavam termos próprios para se referir a alguns fatos e para descrevê-los com nuances.

<sup>21</sup> Schlieben-Lage (1993) informa que a gramática só se interessou pela neologia após a década de 1770. A neologia foi vista como útil ao desenvolvimento das artes e das ciências, desde que a nova palavra seguisse um modelo linguístico que correspondesse ao “gênio da língua”, a analogia (Schlieben-Lage, 1993, p.291).

contudo, não foi sem adaptações<sup>22</sup>. Por outro lado, Maleval abre a possibilidade de interrogar, dado que a psiquiatria era uma disciplina a se construir – tanto no que diz respeito aos seus métodos como a sua semiologia –, o que foi feito, então, pelos psiquiatras dos “neologismos” dos psicóticos.

Esse é um ponto de particular interesse na medida em que, como já foi afirmado acima, a palavra que tem efeito neológico dita por um psicótico parece só ter sentido no seu delírio, na lógica e trama de seu delírio.

Mais uma vez esse tema ganha fundamental importância aqui quando Maleval afirma que na psiquiatria clássica há tesouros a serem resgatados. Ele diz:

Em uma época em que a confusão entre demência e loucura readquire vigor, é útil recordar que desde os princípios do século [20], Jaspers se encontrava em condições de afirmar: “se se quer compreender o delírio, é indispensável se libertar desse preconceito segundo o qual haveria uma debilidade intelectual [...] É necessário que admitamos que não há debilidade intelectual, mas **uma transformação particular das funções psíquicas...**” (Maleval, 1998, p.9; ênfase do autor)

Quando Maleval fala dos tesouros, ele está se referindo à distinção entre delírio e *delirium*. O delírio “correspondia a ideias sistematizadas, enquanto o *delirium* designaria melhor as experiências de um imaginário desenfreado” (Maleval, 1998, p.68). Essencialmente, o delírio refere-se à psicose e o *delirium* ao onirismo.

26

A psiquiatria clássica distinguiu onirismo e psicose. Distinção que não ocorreu sem um longo debate. Maleval explica que, de um lado, havia uma teoria onírica do delírio que tinha, fundamentalmente, como premissa que o sonho é um fenômeno insensato e que “o louco é um dormente desperto” ou que “o sonho é uma curta loucura e a loucura um longo sonho”<sup>23</sup>. Para essa teoria, segundo os psiquiatras Eugen Bleuler e Henri Ey, o delírio é, então, “resultante de um defeito de síntese mental que libera modos de pensamento arcaico análogos aos do sonho” (Maleval, 1998, p.27). Ou, na perspectiva dos psicanalistas kleinianos, “a consciência do delirante se encontra submergida em mecanismos análogos aos que funcionam no sonho” (Ibid., p.26). De outro lado, havia uma corrente que procurava colocar em evidência uma especificidade do delírio irreduzível a qualquer outra formação psíquica. Por se deterem nas formas e na evolução da estrutura do delírio, logo de início se

---

<sup>22</sup> Refiro-me ao fato de que os psiquiatras não desconheciam o sentido que o termo ‘neologismo’ tinha nos estudos da linguagem. Eles atribuíam, contudo, um sentido outro ao termo, uma vez que, ao passar de um campo a outro, o termo tem seu sentido alterado.

<sup>23</sup> Essas são, respectivamente, fórmulas de Kant e de Schopenhauer (cf. Maleval, 1998, p.24).

depararam com traços que distinguiam sonho e delírio. Essa corrente, ainda vigente, se originou, informa Maleval (Ibid., p.28), em meados do século XIX. Abarca a maioria dos grandes autores da psiquiatria clássica<sup>24</sup> e, também, Sigmund Freud.

As ideias dominantes no *delirium* têm o caráter de suposição e são passageiras. Já o delírio dos psicóticos é marcado pela presença de ideias fixas e pela existência de pontos verossímeis. O delírio (do psicótico) é uma construção sistematizada. O onirismo do neurótico não é a logolatria do delirante, assevera Maleval (1998, p.72).

Encontramos no bojo dessa distinção outro tesouro da psiquiatria clássica, o qual, neste trabalho, é de grande importância. A saber: há, no seio dessa distinção, uma nada negligenciável especificidade do “neologismo”. Esse é um ponto precioso, em que observamos um esforço de “construção dos psiquiatras” para dar conta dela. Apreciar e resgatar esse tesouro, examinando todo o seu brilho, mas sem me deixar ofuscar ou encantar por ele, é meu objetivo nesta parte do trabalho.

Neste ponto encontro-me, pois, diante da possibilidade de responder a outra pergunta acima levantada: o que a psiquiatria clássica fez dos “neologismos” dos psicóticos? Pergunta que ganha toda importância neste ponto do trabalho. Deter-me-ei nos trabalhos de Snell, Tanzi e Séglas. Vamos, então, aos clássicos.

27

### **Ludwig Daniel Snell (1817-1892)**

O médico-alienista alemão Snell publicou em 1852 *Ueber die veränderte Sprechweise und die Bildung neuer Worte und Ausdrücke in Wahnsinn* (em português: *Sobre o modo de falar alterado e sobre a formação de palavras novas e expressões no delírio*). Esse trabalho foi considerado por muitos como introdutor dos estudos sobre os “neologismos” na psicose<sup>25</sup>. Nesta dissertação, utilizo a versão traduzida para o francês, publicada em 1980.

Snell diz que teve sua atenção voltada para o modo estranho de falar<sup>26</sup> de muitos doentes mentais, mas que se interessou particularmente pelas “expressões bem precisas que

---

<sup>24</sup> Maleval cita o alemão Wilhelm Griesinger (1817-1868), o francês Jean Pierre Falret (1794-1870), o francês Ernest-Charles Lasègue (1816-1883), o francês Jacques Joseph Valentin Magnan (1835-1916), o alemão Emil Kraepelin (1856-1926), o francês Emmanuel Jean-Baptiste Joseph Régis (1855-1918), o francês Paul Sérieux (1864-1947), o francês Joseph Capgras (1873-1950), o francês Gaëtan Georges Gatien de Clérambault (1872-1934), o francês Joseph Lévy-Valensi (1879-1945) e o francês Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981).

<sup>25</sup> Bobon (1952, p.5-12); Bobon (1962, p.23); Biéder, Bubrovsky e Callens (2002, p.412-413), Ceresola (2003) e Ramela (2004, p.454) e Pennisi et al (200-?).

<sup>26</sup> [...] *la façon de parler étrange*.

esses doentes utilizavam diferentemente da maneira de falar usual”<sup>27</sup> (Snell, [1852] 1980, p.365). Constatou “que na linguagem dos doentes mentais apareciam palavras inteiramente inventadas e outras que eles utilizavam num sentido completamente diferente daquele das pessoas sãs de espírito”<sup>28</sup> (Ibid., p.365).

Para ele, a tendência à formação de expressões e de novas palavras é encontrada em todos os doentes mentais. Contudo, há uma diferença entre aquelas observadas nos estados de excitação (furor) e nos idiotas<sup>29</sup> em relação às encontradas nos delírios. Essa diferença, explica Snell, consiste no fato de que, de um lado, nos estados de excitação (furor) a aparição de palavras novas é passageira, dependente de uma sucessão muito rápida e tumultuosa de representações ou é resultante de uma pronúncia incompleta e deformada das palavras (Snell, [1852] 1980, p.365). De outro lado, nos idiotas, as criações verbais são resultantes de uma memória falha e uma percepção incompleta das impressões sensoriais (Ibid., p.366). No caso de delírios, pelo contrário, “os conceitos ligados a essas neofomações verbais são fixos e suscetíveis de um esclarecimento ulterior por parte do próprio doente”<sup>30</sup> (Ibid., p.365-366).

Note-se que Snell traça uma diferença entre as criações verbais que aparecem no delírio daquelas que aparecem nos estados de excitação e nos idiotas. Isso é motivo, conforme ele mesmo afirma, para dedicar seu trabalho à formação de palavras novas no delírio. Note-se também que Snell não utiliza a palavra ‘neologismo’, embora apresente uma definição muito aproximada ao que se entende nos estudos da linguagem como sendo um neologismo<sup>31</sup>.  
Vamos aos exemplos:

Uma mulher de 52 anos sofre há 4 anos de delírio. Suas ideias delirantes principais giram em torno da opinião de que o mundo inteiro está constantemente ameaçado pelo seu fim, que esse perigo provém, essencialmente, do fogo subterrâneo e de fontes perigosas, que os homens só seriam capazes de escapar de tais ameaças se fossem capazes de compreender e dirigir a natureza. Ela utiliza os neologismos e as expressões novas seguintes: a *música* (*Musik*) é a ordem do mundo. *Italia Clima* é a natureza boa e justa. A letra *A* significa o começo, *E* é a terra [A sendo inicial de *Anfang* (início) e *E* é de *Erde* (T/terra)], *Y* é o mundo em si, *O* o presente. *Curso* significa algo como o número dez. *Kor* é a coesão, *Kar* é a recessão. *Linnen* equivale a cor: por exemplo, o Reno e a Mão *colorem* (*linnen*) conjuntamente [isto é, eles confluem]. Quando se pergunta à doente de onde ela tira tais e tais coisas de suas

<sup>27</sup> [...] j'avais donc dirigé mon intérêt sur les expressions bien précises que ces malades utilisent différemment de la façon de parler usuelle.

<sup>28</sup> J'en ai retenu que dans le langage des malades mentaux apparaissent des mots inventés de toute pièce, et d'autres qu'ils utilisaient dans un sens complètement différent de celui des personnes saines d'esprit.

<sup>29</sup> Segundo o dicionário Le Robert, o termo ‘idiotas’ data de 1836 e designa a forma mais grave de deficiência mental de origem congênita, má-formação e/ou deficiência sensorio-motora.

<sup>30</sup> Dans le cas des délires, les concepts liés à ces néoformations verbales sont fixes et sont susceptibles d'un éclaircissement ultérieur de la part du malade lui-même.

<sup>31</sup> Na tradução francesa, a palavra ‘neologismo’ aparece uma única vez. Ressalto, ainda, que *die Bildung neuer Worte* não é *Neologismus*, termo alemão que corresponde em português a *neologismo*.

ideias delirantes, ela responde: “Percebo o tom” (es *tönt mich so an*), no que ela designa sem nenhuma dúvida as alucinações auditivas. (Snell, [1852] 1980, p.366)<sup>32</sup>

E,

Uma mulher de 58 anos, doente mental há 12 anos, tem uma ideia delirante segundo a qual a privariam ilegitimamente de uma grande fortuna e a teriam como prisioneira por essa razão. Ela fala de seus sofrimentos como de uma *história de processos-verbais (Protokolls-geschichten)*, e seus perseguidores são os *Zoll-Janitscharen* ou *Zollbuben* [*Zoll*: alfândega; *Bub*: garoto, rapaz]; as alucinações auditivas das quais ela sofre são as *Bannworte* [*Bann*: exílio; *Wort*: palavra. Palavra tendo o poder de condenar ao exílio] ou *Bannerworte* “que lhe fariam penetrar no coração”. Em outro momento usou a expressão “*Hass und Maass verfolgen mich*” [*Hass*: ódio; *Maass*: remete à *Mass*: medida, extensão. “Ódio e medida me perseguem”]. Questionada sobre a significação desse *Maass*, ela respondeu que se trataria de acusações de pessoas malévolas.<sup>33</sup> (Snell, [1852] 1980, p.368-369)

Veja que, como *raios coulomb* e *alfásica* de LC, as doentes de Snell dizem palavras que têm um sentido particular no seu próprio dizer. O que observamos em LC também se repete nesses exemplos, a saber, as “neoformações verbais” e “expressões” das doentes remetem sempre a suas ideias delirantes. No primeiro exemplo, há um delírio que gira em torno de uma natureza ameaçadora e, no segundo, remete ao campo do Direito.

Para Snell há três causas das “neoformações verbais”, a saber:

a) *as alucinações auditivas*

Snell comenta que há muitos doentes que dizem ouvir as palavras que lhes são ditas. Algumas vezes, o que é dito pelas vozes não é entendido inicialmente pelo paciente e só depois ele interpreta o que ouviu, dando-lhe um sentido singular. Esse sentido sempre tem relação com o tema do delírio desenvolvido. Um dos exemplos é o de uma doente que várias vezes ouviu uma voz chamando-a de “*Kieserin*” e concluiu então que se tornaria imperatriz, *Kaiserin* (Snell, [1852] 1980, p.369).

29

---

<sup>32</sup> *Une femme de 52 ans souffre depuis quatre ans de délire. Ses idées délirantes principales tournent autour de l'opinion que le monde entier est constamment menacé de sa fin, que ce danger proviendrait essentiellement du feu souterrain et de sources dangereuses, que les hommes ne seraient capables d'écarter de tels dangers que s'ils étaient capables de comprendre et de diriger la nature. Elle utilise les néologismes et les expressions nouvelles suivantes: la musique (Musik) est l'ordre du monde. Italia Clima est la nature bonne et juste. La lettre A signifie le début, E est la terre [A étant l'initiale de Anfang (début), et E celle de Erde (terre)], Y est le monde en soi, O le présent. Curso signifie quelque chose comme le nombre dix. Kor est la cohésion, Kar est la récession. Linnen équivaut à couler: par exemple, le Rhin et le Main coulent (linnen) ensemble [c'est-à-dire, ils confluent]. Quand on demande à la malade d'où elle tient telle ou telle chose de ses idées délirantes, elle répond: “J'en perçois le ton” (es *tönt mich so an*), en quoi elle désigne sans aucun doute des hallucinations auditives.*

<sup>33</sup> *Une femme de 58 ans, malade mentale depuis douze ans, a une idée délirante selon laquelle on la privait illégalement d'une grosse fortune et on la tenait prisonnière pour cette raison. Elle parle de ses souffrances comme d'une histoire de procès-verbal (Protokolls-geschichten), et ses persécuteurs sont des Zoll-Janitscharen ou Zollbuben [Zoll: douane; Bub: gamin, galopin]; les hallucinations auditives dont elle souffre sont des Bannworte [Bann: exil; Wort: mot. Mot ayant le pouvoir de condamner à l'exil] ou Bannerworte “qu'on lui ferait pénétrer dans le cœur”. Autrefois, elle employait l'expression “Hass und Maass verfolgen mich” [Hass: haine; Maass renvoie à Mass: mesure. “La haine et la mesure me poursuivent”]. Questionnée sur la signification de ce Maass, elle répondit qu'il s'agissait des accusations de personnes malveillantes.*

b) *sensações e emoções singulares*

Tratar-se-ia, segundo o psiquiatra alemão, de sensações e emoções às quais o paciente é submetido, que não deixam de ser estranhas e singulares para ele mesmo. Então, diz Snell, “eles [os doentes] buscariam novas designações com o objetivo natural de torná-las compreensíveis”<sup>34</sup> (Snell, [1852] 1980, p.370).

c) *a subjetividade*

Ela se resume no fato de que a pessoa se coloca em primeiro plano na sua relação com o resto do mundo, a ponto de não se preocupar com o uso de denominações que, por alguma razão, lhe pareçam adequadas, mas que, contudo, não têm relação com o uso ordinário. (cf. Snell, [1852] 1980, p.370)

Como muitos autores afirmam, Snell tem a importância de ser o primeiro a dedicar um estudo à presença de “palavras novas” na psicose. Para além disso, resalto que seu trabalho não deixa de traçar uma diferença importante: a especificidade do “neologismo” no delírio, quando comparado aos produzidos nos estados de excitação (furor) ou pelos idiotas. Entretanto, Snell atribui como causa dos “neologismos” não à posição do sujeito na linguagem, mas às alucinações e/ou a uma **subjetividade exacerbada**<sup>35</sup>, uma vez que a alucinação é tomada como um fenômeno de percepção; isto é, se se pode assim dizer, sua origem é atribuída aos distúrbios de percepção.

30

No que diz respeito ao delírio, Snell observou que, devido a suas “ideias delirantes”, o delirante, com qualquer grau de instrução, “se exprime habitualmente com mais facilidade e segurança que nos estados normais”<sup>36</sup> (Snell, [1852] 1980, p.373). Isso parece sugerir que o delírio seria um “lugar” em que o psicótico teria segurança para se exprimir.

### **Eugenio Tanzi (1856-1934)**

O psiquiatra italiano Tanzi publicou em 1889-1890 os artigos<sup>37</sup> que o tornaram internacionalmente famoso, a saber, *I neologismi degli alienati in rapporto con delirio cronico* (*Os neologismos dos alienados em relação com o delírio crônico*).

Infelizmente, não tive acesso aos seus trabalhos. Utilizo-me, então, do “resumo” que o psiquiatra belga Jean Bobon (1912-1990) faz deles no quarto capítulo, *Les néologismes et la mentalité dite primitive* (*Os neologismos e a mentalidade dita primitiva*) – inteiramente

---

<sup>34</sup> *Ils cherchent de nouvelles désignations dans le but naturel de se rendre compréhensibles.*

<sup>35</sup> *subjectivité accrue.*

<sup>36</sup> *Les délirantes s'expriment d'habitude avec plus de facilité et de sécurité que dans l'état normal.*

<sup>37</sup> Efetivamente, trata-se de apenas um artigo que tem sua continuação na edição de 1890.

dedicado a Tanzi (Bobon, 1952, p.28-45) –, de seu livro *Introduction historique a l'étude des néologismes e des glossolalies en psychopathologie* (1952; em português: *Introdução histórica ao estudo dos neologismos e das glossolalias em psicopatologia*). Esse é um livro considerado muito importante para uma introdução ao estudo (histórico) do tema<sup>38</sup>.

Em 1889, Tanzi faz uma classificação de 239 neologismos encontrados na fala de 168 doentes mentais, matoides<sup>39</sup> e paranoicos. Agrupa-os em 7 tipos: (a) *nomes fazendo alusão a pessoas ou a seres simbólicos*; (b) *nomes fazendo alusão a agentes ou a estados físicos*; (c) *nomes fazendo alusão a agentes ou estados fisiopatológicos de natureza alucinatória, com ou sem qualificação sexual*; (d) *conjuração, imprecção, fórmulas de exorcismo e de oração* (em Séglas [1892, p.55]: *conjurações, fórmulas de exorcismo e evocação*); (e) *terminologia metafísica e pseudocientífica*; (f) *autodenominação*; e (g) *neologismos assistemáticos e absurdos*<sup>40</sup> (cf. Bobon, 1952, p.28-36).

Cito, ainda, as considerações feitas por Séglas sobre esse agrupamento de Tanzi. Acredito que elas situam bem a interpretação que foi dada a ele nos estudos dos “neologismos” dos delirantes na psiquiatria (clássica). Séglas, um dos autores clássicos mais importantes, utilizou-se do trabalho de Tanzi para sustentar suas concepções e elaborações sobre o “neologismo” no delírio. Para ele, os “neologismos” de Tanzi revelam que há leis do delírio, isto é, há elementos que são comuns a todos os delirantes. Segue a citação:

É interessante notar que o mesmo neologismo se encontra em delirantes vivos distantes uns dos outros e que não se conhecem. Essa identidade do pensamento nos doentes vivos em culturas diferentes mostra que as leis do delírio são muito mais simples e constantes do que poderíamos crer. [...]

Os neologismos que se aplicam às personificações visam, sobretudo, os personagens malfeitores. Nos que fazem alusão a agentes ou a estados físicos, é fácil de reconhecer as sensações novas, um ponto de partida alucinatório. Aí se está igualmente mais próximo do terceiro grupo. Os neologismos que têm como traço as ideias genitais marcam mais uma interpretação que uma descrição, e, como tais, estão mais em relação com os distúrbios de ideação que com os de percepção.

Bem frequentes, os neologismos que se aplicam aos perseguidores têm uma marca de superstição e revelam uma crença em poderes sobrenaturais.

Os neologismos assistemáticos são difíceis de compreender, e seus inventores, que resumem assim seu delírio, não podem ou não querem dar uma significação deles.

<sup>38</sup> Cf. Berrios (1998, p.82; 1999, p.62), Dorgeuille (1995) e Ramella (2004, p.454).

<sup>39</sup> Em nota, Bobon (1952, p.33) afirma que o termo ‘matóide’ (*matto*, do italiano, significa louco) é utilizado apenas na escola antropológica italiana e agrupa as neuropsicopatias, os desequilibrados, as paixões mórbidas (sentimento de grandeza, profetas, doutrinários, inventores, reformadores sociais, religiosos e de ciências, etc) e os paranoicos reivindicadores. Informa, ainda, que a variedade mais frequente de matóides é a dos matóides grafômanos.

<sup>40</sup> (a) *noms faisant allusion à des personnes ou à des êtres symboliques*; (b) *noms faisant allusion à des agents ou à des états physiques*; (c) *noms faisant allusion à des agents ou à des états physiopathologiques de nature hallucinatoire, avec ou sans qualification sexuelle*; (d) *conjurations, imprécations, formules d'exorcisme et de prière* (Séglas: *conjurations, formules d'exorcismes, évocations*); (e) *terminologie métaphysique et pseudo-scientifique*; (f) *autodénominations*; (g) *néologismes asystématiques et absurdes*.

Eles mesmos são impostos à consciência sem gênese lógica, e é frequentemente essa origem misteriosa para o doente que o fascina.

É inútil buscar nos neologismos a menor analogia, do ponto de vista de sua formação, com a linguagem da criança, pois o alienado já está em posse de uma língua completa. Contudo, aí estão alguns, do último grupo notadamente, que recordam inteiramente a linguagem primitiva.

**O que caracteriza todos esses neologismos é a presença de ideias delirantes que eles condensam de alguma maneira. Ademais, eles revelam uma tendência a exagerar a importância da palavra, uma espécie de fé em sua virtude misteriosa. [...]**

**Em resumo, o neologismo não é por ele mesmo um sintoma patológico, mas torna-se índice de um distúrbio mórbido quando, como sempre no alienado sistemático, exprime um fato de superstição se desenvolvendo na consciência e praticamente atestando as proporções de uma ideia fixa<sup>41</sup> (Séglas, 1892, p.57-58; ênfase minha)**

Dessas considerações, não posso deixar de destacar dois pontos importantes: (i) Séglas retira o essencial do que fez Tanzi e (ii) isso tem a ver com as consequências que podem ser extraídas das elaborações dos trabalhos do psiquiatra italiano, quais sejam: (a) os “neologismos” só têm sentido no delírio; (b) eles revelam uma regularidade que torna possível entrever que há leis do delírio; por isso, (c) o delírio é uma construção sistemática e coerente, segundo suas leis; (d) os “neologismos” só têm sentido aí porque condensam, de alguma maneira, as ideias delirantes; e (e) a importância da palavra para o delirante ganha sentido diante deste fato: há uma crença na palavra, no “neologismo”, e ela tem relação direta com a ideia delirante, isto é, com o delírio.

Séglas, nesse último ponto, está chamando atenção para outro ponto do desenvolvimento das ideias de Tanzi, a saber: o “neologismo” se originaria na exaltação da palavra em si mesma e na crença em seu poder, que, note-se, pode fascinar o delirante. Tanzi chama isso de **logolatria**, em seu trabalho de 1890 (conforme as indicações de Bobon, 1952).

---

<sup>41</sup> *Il est intéressant de noter que le même néologisme se retrouve chez des aliénés vivant loin les uns des autres et ne se connaissant pas. Cette identité de la pensée chez des malades vivant dans des milieux différents, montre que les lois du délire sont beaucoup plus simples et plus constantes qu'on pourrait le croire. [...] Les néologismes que s'appliquent à des personnifications visent surtout des personnages malfaisants. Dans ceux qui font allusion à des agents ou à des états physiques, il est aisé de reconnaître des sensations nouvelles, un point de départ hallucinatoire. Il en est de même à peu près du troisième groupe. Les néologismes ayant trait à des idées génitales marquent plutôt une interprétation qu'une description, et, comme tels, sont plus en rapport avec les troubles de l'idéation qu'avec ceux de la perception. Bien souvent, les néologismes que s'appliquent aux persécuteurs ont une empreinte de superstition et révèlent une croyance à des pouvoirs surnaturels. Les néologismes asystématiques sont souvent difficiles à saisir, et leurs inventeurs, qui résument ainsi leur délire, ne peuvent ou ne veulent pas en donner une signification. Ils se sont imposés à la conscience sans genèse logique, et c'est souvent cette origine mystérieuse pour le malade qui le fascine. Il est inutile de rechercher dans les néologismes la moindre analogie, au point de vue de leur formation, avec le langage de l'enfant, car l'aliéné est déjà en possession d'une langue complète. Cependant, il en est quelques-uns, du dernier groupe notamment, qui rappellent tout à fait le langage primitif. Ce qui caractérise tous ces néologismes, c'est la présence d'idées délirantes qu'ils condensent en quelque sorte. De plus, ils révèlent une tendance à exagérer l'importance du mot, une sorte de foi en sa vertu mystérieuse. [...] En résumé, le néologisme n'est pas par lui-même un symptôme pathologique, mais il devient l'indice d'un trouble morbide lorsque, comme toujours chez l'aliéné systématique, il exprime un fait de superstition se développant dans la conscience et atteignant presque les proportions d'une idée fixe.*

A logolatria é conceitualizada pelo psiquiatra italiano nos seguintes termos: “o delirante tem... uma espécie de culto pelo verbo. O neologismo paranoico não é senão o rito desse culto, ao qual não está mal dar o nome de logolatria”<sup>42</sup> (Tanzi, p.19-20, 1890 *apud* Bobon, 1952, p.39). Ela consistiria na tendência de exagerar o valor do número e da palavra, da conjuração e das fórmulas mágicas, atribuindo-lhes um poder misterioso e mágico, ou mesmo um poder de cura ou resolução de um problema. Essa “tendência” é, para Tanzi, análoga ao “pensamento primitivo” (cf. Bobon, 1952, p.39-40).

Tanzi afirma que o “homem primitivo” detém os germes da paranoia<sup>43</sup>; “primitivo” entendido em termos de uma hierarquia social, conforme à ideia de que há escalas evolutivas entre as sociedades (do primitivo, na base, à civilização [europeia], no topo). O “homem primitivo” se igualaria ao adulto civilizado inculto, à criança e ao delirante, pelo fato de que todos eles atribuem, de uma forma ou de outra, à palavra um peso misterioso ou mágico; por acreditarem nas superstições e em outros sistemas de crenças; ou, como a criança, por darem muita importância à palavra como tal (Tanzi remete aos jogos verbais das crianças, que não teriam nenhum sentido senão o de “brincar com as palavras”). Diante disso, o delírio é, para esse psiquiatra, “a reaparição, sob forma consciente e quase espacial, de uma superstição até então subconsciente em um “cérebro desenvolvido””<sup>44</sup> (Tanzi, 1890, p.33 *apud* Bobon, 1952, p.43).

Se, de um lado, essas ideias são preconceituosas, porque colocam como primitivas, selvagens e inferiores as culturas e comunidades tribais, numa comparação hierarquizada com a cultura europeia, de outro lado, contudo, a comparação não é totalmente desinteressante.<sup>45</sup>

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, no texto *L'efficacité symbolique (A eficácia simbólica)*, analisa um ritual de cura xamânica da comunidade indígena Cuna. Faz parte do ritual o canto, que tem como objetivo ajudar o parto difícil de uma mulher da comunidade. O ritual tem sua eficácia porque o parto se realiza. Com o canto, explica Lévi-Strauss, são descritas todas as etapas que antecederam e que procederam à cura: são descritas todas as falas, os detalhes dos preparativos para o ritual, as invocações e a confecção das imagens sagradas. Também é descrita toda a luta que o xamã e seus espíritos protetores

---

<sup>42</sup> *Il delirante cronico ha... una specie di culto pel verbo. Il neologismo paranoico non è che il rito di questo culto, a cui non ista male il nome di logolatria.*

<sup>43</sup> *...tutti i germi della paranoia, nessuno eccetuato, preesistono nell'uomo primitivo.* (Tanzi, p.31, 1890 *apud* Bobon, 1952, p.41; em português: todos os germes da paranoia, sem exceção, preexistem no homem primitivo.)

<sup>44</sup> *Le délire n'est que “la réapparition, sous forme consciente et quasi spatiale, d'une superstition jusqu'alors subconsciente dans un “cerveau développé””.*

<sup>45</sup> Maleval, por exemplo, considera que o conceito de logolatria é muito importante para entender o “neologismo” no delírio (Maleval, 1998, p.76).

travam com os espíritos maus que estariam obstruindo o trabalho do parto. O xamã caracteriza e nomeia os espíritos (bons e maus) em jogo nessa luta.

O autor observa que os nomes dos espíritos invocados pelo xamã representam os órgãos em causa no parto – o útero, a vagina, etc. -. A luta acontece então no próprio corpo da doente. Segundo Lévi-Strauss, o canto tem a função de recitar de forma mítica todas as vivências da doente – descreve o sangue que escorre e as dores; isto é, os estados fisiológicos em jogo no parto -. A descrição, conclui Lévi-Strauss, revive de maneira muito precisa e intensa uma situação inicial e faz perceber mentalmente seus mínimos detalhes, o que provoca acontecimentos no corpo. “Passa-se da situação banal ao mito, do universo físico ao universo fisiológico, do mundo exterior ao corpo interior”<sup>46</sup> (Lévi-Strauss, [1949] 1998, p.221). “A técnica de recitar visa, então, reviver uma experiência real, em que o mito se limita a substituir os protagonistas”<sup>47</sup> (Ibid., p.223).

É a partir disso que Lévi-Strauss pôde entrever que o que está verdadeiramente em jogo é uma **linguagem** que veicula, organiza e materializa todo o universo de crenças do povo Cuna; uma linguagem que faz reviver esse universo no corpo da doente e que é só a partir do fato de que há uma crença no poder dessa linguagem que o ritual de cura tem sua eficácia, crença da qual não se desconfia. Ele escreve:

A cura consiste, então, em tornar pensável uma situação dada primeiramente em termos afetivos e aceitáveis para o espírito as dores que o corpo recusa a tolerar. Que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva não tem importância: a doente acredita nela e ela é membro de uma sociedade que crê nela. Os espíritos protetores e os espíritos maus, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos, fazem parte de um sistema coerente que funda a concepção indígena do universo. A doente os aceita ou, mais exatamente, **ela jamais os põe em dúvida**. O que ela não aceita são as dores incoerentes e arbitrárias que constituem um elemento estranho a seu sistema, mas que, recorrendo ao mito, o xamã irá reorganizar no conjunto onde tudo tem lugar.<sup>48</sup> (Lévi-Strauss, [1949] 1998, p.226; ênfase minha)

Como é possível, a partir de Lévi-Strauss, entender a aproximação que Tanzi fez entre delírio, neologismo, logolatria e “pensamento primitivo”? Se a doente de que nos fala

---

<sup>46</sup> *On va donc passer de la réalité la plus banale au mythe, de l'univers physique à l'univers physiologique, du monde extérieur au corps intérieur.*

<sup>47</sup> *La technique du récit vise donc à restituer une expérience réelle, où le mythe se borne à substituer les protagonistes.*

<sup>48</sup> *La cure consisterait donc à rendre pensable une situation donnée d'abord en termes affectifs: et acceptables pour l'esprit des douleurs que le corps se refuse à tolérer. Que la mythologie du chaman ne corresponde pas à une réalité objective n'a pas d'importance: la malade y croit, et elle est membre d'une société qui y croit. Les esprits protecteurs et les esprits malfaisants, les monstres surnaturels et les animaux magiques, font partie d'un système cohérent qui fonde la conception indigène de l'univers. La malade les accepte, ou, plus exactement, elle ne les a jamais mis en doute. Ce qu'elle n'accepte pas, ce sont des douleurs incohérentes et arbitraires, qui, elles, constituent un élément étranger à son système, mais que, par l'appel au mythe, le chaman va replacer dans un ensemble où tout se tient.*

Lévi-Strauss só pode ser curada porque ela acredita no mito ao qual o xamã recorre; se a aproximação de Tanzi consiste exatamente no fato, observado por ele, de que o delirante acredita no poder mágico das palavras, talvez, então, seja possível entender que essa aproximação reside em pôr em relevo um fenômeno muito característico no delírio, qual seja, **o fenômeno da crença delirante**.

Encontro respaldo para essa leitura de Tanzi à luz de Lévi-Strauss em Maleval, na medida em que afirma que o fenômeno da crença delirante é a logolatria na psiquiatria clássica (Maleval, 1998, p.75). Maleval afirma ainda que esse conceito, na psicanálise, corresponde à noção de “numerosas alterações da linguagem”, de Freud, e de “intrusão psicológica do significante”, de Lacan. E, mais importante, que “o testemunho disso, de maneira muito clara, é a criação de neologismos, e de maneira mais infrequente, a de *ritornelos* ou estribilhos” (Ibid., p.75).

Acredito que é possível perceber que o conceito de logolatria, pensado em termos de **fenômeno da crença delirante**, está presente na leitura que Séglas fez de Tanzi. Em Séglas a logolatria é conceituada como **ideia fixa**. Já no que diz respeito à afirmação de Tanzi de que o “neologismo” é o **rito de culto ao verbo**, Séglas assevera que ele, o “neologismo”, condensa de alguma maneira as ideias delirantes (Séglas, 1892, p.57).

Talvez seja ainda possível suspeitar que, à luz de Lévi-Strauss, o conceito de logolatria de Tanzi incluiria, mesmo que implicitamente, a ideia de cura, uma vez que, aproximado à cura xamânica, o fenômeno da crença delirante consiste em exagerar o valor de algumas palavras – no caso, os “neologismos”, que são o “rito de culto ao verbo” – e na atribuição de um poder de cura a essas palavras e/ou à linguagem – o delírio.

Do ponto de vista dos psiquiatras da época, parece que a noção de “logolatria” revela não só uma tentativa de denominar fenômenos que escapam a uma ordem considerada normal, mas também uma tentativa de teorização que torne possível entrever leis que organizam o delírio. Penso que foi isso que Séglas extraiu de Tanzi.

Para terminar esse ponto, é importante ressaltar que Tanzi diferencia os “neologismos paranoicos” dos encontrados em outras doenças mentais. Na mania, os “neologismos” são passageiros e nos delirantes febris são devidos a distúrbios amnésicos. São, em ambos os casos, nas palavras de Tanzi, “pobres e incolores”. “Nos paranoicos, ao

contrário, testemunham uma superprodutividade, uma “exuberância” funcional”<sup>49</sup> (cf. Bobon, 1952, p.39).

### **Louis Jules Ernest Séglas (1856-1939)**

Em 1892 aparece a monografia do célebre psiquiatra francês Jules Séglas, *Des troubles du langage chez les aliénés (Os distúrbios da linguagem nos alienados)*, tema privilegiado de uma série de conferências clínicas ministradas durante 1891 no hospital de la Salpêtrière. Nessa monografia, a importância da linguagem se torna explícita e os “neologismos”, observa Séglas (1892, p.46), merecem um estudo particular. Fazem, então, parte de um capítulo dedicado às dislogias, “distúrbios da linguagem falada provocados por distúrbios intelectuais com integridade da função da linguagem”<sup>50</sup>.

As dislogias traduzem as alterações intelectuais fundamentais (cf. Séglas, 1892, p.16). Contudo, observa Séglas, essas alterações podem ser muito variadas,

pois compreendem os distúrbios de ideação, de sentimentos e da vontade; e além disso, elas não são típicas das perversões delirantes (ideias delirantes, alucinações, etc) que repercutem na linguagem, mas também de todas as anomalias funcionais sem delírio propriamente dito, tais como as modificações da associação das ideias, da memória, da imaginação, da atenção voluntária, da emotividade, etc.<sup>51</sup> (Séglas, 1892, p.16-17)

36

Os neologismos, como veremos, não escapam a essa distinção. Pelo contrário, são elementos linguísticos que põem em evidência essa diferença.

Séglas inicia o livro enfatizando a importância da linguagem. Para ele, a determinação do estado mental e a apreciação das faculdades intelectuais do indivíduo envolvem vários fatores. Todavia, para que um exame psicológico possa ser realizado é necessário um **interrogatório** do alienado<sup>52</sup> (a ênfase é de Séglas). Ele escreve:

Não é possível entrar em comunicação com o doente senão por um único procedimento que é a linguagem sob seus diversos aspectos, e, quer com o alienado

---

<sup>49</sup> *Chez les paranoïaques, au contraire, ils témoignent d'une surproductivité, d'une "exubérance" fonctionnelle.* Em nota Bobon acrescenta o original: “*il frutto d'una funzione che esubera dai limiti normali*” (Tanzi, 1890, p.365 *apud* Bobon, 1952, p.39).

<sup>50</sup> *Troubles du langage parlé résultant de troubles intellectuels avec intégrité de la fonction langage, dislogies.* (Séglas, 1892, p.16).

<sup>51</sup> *...car elles comprennent les troubles de l'idéation, des sentiments, de la volonté; et de plus, ce ne sont pas seulement les perversions délirantes (idées délirantes, hallucinations, etc.) qui retentissent sur le langage, mais encore toutes les anomalies fonctionnelles, sans délire proprement dit: telles que les modifications de l'association des idées, de la mémoire, de l'imagination, de l'attention volontaire, de l'émotivité, etc.*

<sup>52</sup> *...l'interrogatoire de l'aliéné.*

quer com o homem são, isso sempre será por intermédio da linguagem, falada, escrita e gestos, que traduzem as modificações do pensamento e as diferentes emoções.<sup>53</sup> (Séglas, 1892, p.1)

Sem uma familiarização com a linguagem dos alienados, os sintomas podem passar despercebidos, serem mal interpretados e informações preciosas ao diagnóstico e ao prognóstico podem ser negligenciadas. E, mais que isso, acrescenta Séglas, qualquer alienado, seja de países diferentes seja de épocas diferentes, salvo algumas variações sociais, educacionais etc., exprimem fundamentalmente seu delírio da mesma maneira. Por isso, a importância de se familiarizar com sua linguagem (Séglas, 1892, p.2).

No que diz respeito aos “neologismos”, Séglas é o primeiro a vinculá-los explicitamente ao delírio, porque, ao dar importância à linguagem do doente, descarta a possibilidade de tomá-los isoladamente. O autor os define da seguinte maneira:

Embora a palavra neologismo só se aplique estritamente à criação de um vocábulo novo, englobamos também sob esse nome, a fim de não multiplicar as divisões, os casos em que as palavras usuais são desfiguradas ou desviadas de seu sentido habitual (paralogismos<sup>54</sup>); todos esses fatos tendo, aliás, em medicina mental, uma significação análoga.

Essas palavras nascem respeitando os mesmos processos que os que se introduzem na linguagem ordinária.<sup>55</sup> (Séglas, 1892, p.46)

37

Séglas reconhece que a definição do que seja um neologismo para os estudos da linguagem não é a mesma utilizada em psiquiatria. Dito isso, divide os neologismos em grupos, tendo em vista seu modo de aparição e sua significação psicológica, a saber: neologismos passivos e neologismos ativos.

---

<sup>53</sup> *Il n'est possible d'entrer en communication avec le malade que par un seul procédé qui est le langage sous ses différents modes, et, chez l'aliéné comme chez l'homme sain, ce sera toujours par l'intermédiaire du langage, parole, écrite, gestes, que se traduiront au dehors les modifications de la pensée et les différentes émotions.*

<sup>54</sup> A origem do termo ‘paralogismos’ como sinônimo de ‘neologismo semântico’ está em Tanzi (1889). Em nota, Bobon (1952, p.37) escreve o seguinte: “paralogismos “em que a novidade consiste na terminação ou na significação insólita dada ao vocábulo pelo doente.” Em outro lugar, Tanzi define unicamente os paralogismos: “palavras correntes com significação mudada com propósito deliberado” [Tanzi, 1889, p.364]. O termo paralogismo se aplica então, em todo caso, ao que chamaremos em seguida de “neologismos de significação”; Tanzi aí acrescenta um elemento de vontade” (original: *Paralogismes “dont la nouveauté consiste dans la terminaison ou dans la signification insolite donnée au vocable par le malade”. Ailleurs, Tanzi définit uniquement les paralogismes: “mots courants avec signification changée de propos délibéré [Tanzi, 1889, p.364]. Le terme de paralogisme s'applique donc, en tout état de cause, à ce que l'on appellera dans la suite “néologisme de signification”; Tanzi y ajoutant un élément de volontariété).*

Ressalto ainda que, para Tanzi, dos 239 neologismos encontrados, apenas 89 poderiam ser tomados como “verdadeiros neologismos” (*vrais néologismes*), o restante seriam paralogismos (Tanzi, 1889, p.387 *apud* Bobon, 1952, p.37).

<sup>55</sup> *Quoique le mot néologisme ne s'applique strictement qu'à la création d'un vocable nouveau, nous engloberons aussi sous ce nom, afin de ne pas multiplier les divisions, les cas où les mots usuels sont défigurés ou détournés de leur sens habituel (paralogismes); tous ces faits ayant d'ailleurs, en médecine mentale, une signification analogue. Ces mots nouveaux prennent naissance suivant les mêmes processus que ceux qui s'introduisent dans le langage ordinaire.*

- **neologismos passivos**

Os neologismos passivos são resultantes do simples automatismo psicológico<sup>56</sup> ou processos automáticos. Esses neologismos se devem (a) à associação vertiginosa de ideias e/ou representações, (b) à memória falha ou seu distúrbio, (c) aos distúrbios ou reflexos motores, (d) à sensibilidade exaltada, entre outros. São encontrados no alcoolismo crônico, na paralisia geral progressiva, na demência, nos imbecis<sup>57</sup> e nos idiotas<sup>58</sup>. Cita como exemplo (i) uma doente que sob a influência de uma viva emoção pronunciava certas interjeições, entre elas “*Béaah!*”, que lhe dava alívio; (ii) um outro pronunciava “*Crouque*” cada vez que estava num estado de muita excitação; (iii) outro doente com ideias obsedantes pronunciou “*Bibi-Raton*” para fazer cessar suas crises de angústia (cf. Séglas, 1892, p.50-51).

Os neologismos passivos estão tanto relacionados a estados incuráveis da demência e da paralisia geral, como também são encontrados em estados benignos, como os estados de excitação maníaca. (Séglas, 1892, p.60)

- **neologismos ativos**

Os neologismos ativos são aqueles criados “voluntariamente”. Há “intenção” e correspondem a ideias mais ou menos nítidas para o sujeito. Têm como origem “as múltiplas associações sistemáticas, coordenadas numa certa direção, resumindo-se definitivamente em uma palavra nova” (Séglas, 1892, p.51). Esses neologismos, continua Séglas, estão sobretudo relacionados aos delírios sistemáticos, quaisquer que sejam suas variedades. E diz mais:

Uma vez organizado o delírio, mais ou menos engenhoso segundo os recursos de seu espírito, após ter longamente refletido, longamente buscado, após ter meditado seus argumentos, discutido seu valor, o doente os concentra em algumas dessas palavras novas, que lhe parecem mais apropriadas que os termos ordinários para exprimir de uma maneira precisa suas convicções errôneas. Mas, o que é bom notar, é que, uma vez encontrada a palavra, ele se contentará a partir de então com ela. Essa palavra fixa seu pensamento, e, desde então, ele quase esquecerá as sínteses sucessivas que o levaram a sua criação. Não há mais nada para explicar, nada para buscar, a palavra diz tudo e sua presença mascara, no fundo, uma considerável debilidade do pensamento. Não existe aí desgraçadamente também, como no estado

---

<sup>56</sup> O termo ‘automatismo psicológico’ (ou mental) “é utilizado em psiquiatria ou em psicologia para designar o funcionamento espontâneo da vida psíquica normal ou patológica, fora do controle da consciência e da vontade”. (original: *est utilisé en psychiatrie ou en psychologie pour désigner le fonctionnellement spontané de la vie psychique normal ou pathologique, en dehors du contrôle de la conscience e de la volonté*) (Roudinesco et Plon, 1997, p.82).

<sup>57</sup> O termo ‘imbecil’ aparece na psiquiatria no século XVII. Designa a deficiência mental de grau intermediário da tríade oligofrênica – debilidade mental (grau leve), imbecilidade e idiotia (grau máximo) -. O imbecil tem um comprometimento do intelecto que o torna incapaz de maiores aprendizados, conservando, entretanto, a capacidade de obedecer a ordens e cumpri-las de forma cabal. Aprende a falar sem maiores dificuldades. (Cf. Le Petit Robert e Wikipédia, a enciclopédia livre)

<sup>58</sup> Ver nota 29.

normal, em que os forjadores de sistemas científicos que não fazer senão dissimular, com o uso de vocábulos mais ou menos pomposos e pitorescos, a debilidade e o vazio de suas teorias? Assim como o alienado crônico, eles cultuam a palavra; são, como se tem dito, os “logólatras”.<sup>59</sup> (Séglas, 1892, p.52)

Por exemplo, um doente com ideias persecutórias se queixa de ser perseguido por “*Reluquets*”<sup>60</sup>; outro doente também com ideias persecutórias ouve vozes que qualifica como “*polyphoniques*” e “*téléphoniques*” (“*polifônicas*” e “*telefônicas*”). (Séglas, 1892, p.52-53)

Note-se que há uma nítida diferença entre neologismos passivos e neologismos ativos, qual seja: **enquanto aqueles são produtos/resultantes de processos automáticos, esses últimos são criações que dão a ver um investimento, um trabalho de “invenção” do sujeito.** Os neologismos passivos são encontrados em doentes com debilidades orgânicas e/ou funcionais, enquanto os neologismos ativos são sínteses de ideias ou representações sistemáticas. Aqueles estão relacionados a estados de exaltação ou de debilidade, ao passo que esses últimos estão relacionados a delírios sistematizados. Em síntese, como diz Maleval (1998, p.76), o neologismo passivo está relacionado ao *delirium onírico* (paralisia geral, *delirium tremens*, confusão mental, etc.), que remete a um “imaginário desenfreado”, enquanto os neologismos ativos pertencem ao delírio (psicose), correspondente a ideias sistematizadas.

39

Apoiado nas observações de Tanzi (que na sua concepção de logolatria sustentava, segundo ele, também o argumento de que os “neologismos” têm como significação a regressão atávica<sup>61</sup>), Séglas conclui que os neologismos ativos denotam um delírio sistematizado, uma afecção crônica e uma debilidade intelectual que só se acentuará. (Séglas, 1892, p.59)

---

<sup>59</sup> *Une fois le délire organisé, plus ou moins ingénieux suivant les ressources de son esprit, après avoir longuement réfléchi, longtemps cherché, après avoir médité ses arguments, discuté leur valeur, le malade les concentre en quelque sorte dans des mots nouveaux, lui paraissant mieux faits que les termes ordinaires pour exprimer d'une manière précise ses convictions erronées. Mais, ce qu'il est bon de noter, c'est que, une fois le mot trouvé, il s'en contentera désormais. Ce mot fixe sa pensée, et, dès lors, il oublie presque les synthèses successives qui l'ont amené à sa création. Il n'a plus rien à expliquer, rien à chercher, le mot dit tout et sa présence cache, au fond, un affaiblissement considérable de la pensée. N'en est-il pas malheureusement ainsi, même à l'état normal, chez bien des faiseurs de systèmes scientifiques qui ne font que dissimuler, sous des vocables plus ou moins ronflants et pittoresques, la faiblesse et le vide de leurs théories? Ainsi que l'aliéné chronique, ils ont le culte du mot; ce sont, comme on l'a dit, des “logolâtres”.*

<sup>60</sup> De *reluquer*: termo familiar que significa ‘fitar’, ‘mirar curiosamente’, ‘obliquamente’, ‘de canto de olho’. Há também uma significação maliciosa.

<sup>61</sup> Com efeito, segundo Bobon (1952), Tanzi pensa o delírio, logo o “neologismo”, como um fato de regressão atávica. Contudo, primeiramente, precisaria ler os trabalhos de Tanzi para entender melhor que significação é dada à regressão atávica, visto que, em segundo lugar, é também fato que as palavras que têm efeito neológico no dizer psicótico lembram muito os neologismos tecnoletais ou técnico-científicos. Se a logolatria é somente um sintoma de uma regressão ao estado dito primitivo, como, então, explicar que o psicótico constrói palavras que remetem ao discurso da ciência? Tomar o conceito de logolatria de Tanzi à luz de Lévi-Strauss se revela muito mais produtivo e lhe dá mais relevância e rigor.

## O NEOLOGISMO NA PSICANÁLISE OU O PASSO DE FREUD

Num breve texto em que indaga o que significa recorrer à história da psiquiatria desde suas origens, Lantéri-Laura escreve o seguinte:

Se a referência à história pode servir de índice do pouco rigor da disciplina efetivamente referida, talvez seja precisamente porque ela ainda precisa referir-se mais à história para se tornar mais rigorosa; e a elucidação da gênese [de] conceitos operatórios só pode ajudá-la a adquirir mais rigor. (Lantéri-Laura, 1989, p.15)

Essa citação tem sentido aqui tendo em vista o que diz Maleval: numa época em que demência e loucura voltam a se confundir, é importante recorrer à história da psiquiatria a fim de resgatar o tesouro da clínica psiquiátrica clássica, abandonado na atualidade (Maleval, 1998, p.9).<sup>62</sup>

No capítulo anterior, procurei, tomando como referência a noção de história da psiquiatria de Lantéri-Laura (1989)<sup>63</sup>, delinear qual era o estado-da-arte da psiquiatria no momento em que essa disciplina se voltou para o estudo das “palavras novas” no delírio dos psicóticos. Para isso, busquei elucidar a história do termo ‘neologismo’ na clínica psiquiátrica clássica.

A psiquiatria clássica se deparou, no início da segunda metade do século XIX, com a questão da existência de palavras que têm efeito neológico no dizer psicótico. É digno de nota o fato de que, desde Snell, os “neologismos” no delírio tenham sido considerados diferentes dos “neologismos” no *delirium*. Com Tanzi e Séglas, essas palavras ganharam o seguinte estatuto: elas “organizam” sob a forma de uma espécie de síntese de uma série de associações de ideias ou representações (delirantes) que no limite “resumem-se” numa única palavra. E, mais ainda, o doente tem uma crença no poder mágico dessas palavras. O “neologismo mórbido”, então, parece ter a função de resolução dos problemas do doente ou

---

<sup>62</sup> As afirmações de ambos os autores ganham muito mais relevância frente a publicações, cada vez mais frequentes, de trabalhos em que a esquizofrenia é estudada em animais, tais como camundongos (cf. Hikida et al., 2007; ver também Ozeki et al., 2003). Tais pesquisas sobrepoem “comportamento” animal e humano. Partem do pressuposto de que os “estados de consciência” são simples projeções de reações genéticas e/ou de lesões cerebrais e que são passíveis de serem produzidos com drogas. Esses trabalhos voltam a confundir loucura e demência, logo delírio e *delirium*; e, nas palavras de Lantéri-Laura (1989, p.17-18), neles “a observação clínica não passa de *ancilla domini* desse senhor da psicopatologia”, que acredita saber das coisas de antemão, instalando um conforto presumidamente legítimo.

<sup>63</sup> A rigor, para esse autor, “não existe uma **história da psiquiatria**, tomada no sentido de uma obra global que preste contas de seu passado e seu presente, em sua presumida totalidade. Só é possível produzir obras parciais, que esclarecem um certo número de aspectos e que podem se completar, sem jamais realizar um saber inteiro e absoluto” (Lantéri-Laura, 1989, p.15; ênfase do autor). Ver a propósito Foucault ([1961] 2003; [1963] 2003; [2003] 2005; entre outros).

de possuir, para ele, um poder de cura. Se a linguagem é o meio que funda a possibilidade de conhecer as alterações das faculdades psíquicas ou intelectuais de um indivíduo, então o delírio traduz a própria reorganização dessas faculdades, logo da linguagem. Os “neologismos” são notadamente marcas linguísticas desse processo. Por isso, não podem ser isolados do delírio ao qual pertencem.

Uma consequência disso é a de que o delírio consiste numa tentativa de cura desenvolvida pelo próprio doente. É exatamente essa tese que Freud irá defender. Contudo, é importante esclarecer, tal consequência não está colocada em Snell, nem em Tanzi nem em Ségla, embora seja possível dizer que, mesmo nevoada em alguns pontos, está esboçada nos trabalhos desses dois últimos psiquiatras.

A tese de que o delírio é uma tentativa de cura é de Freud. Quando escrevo, então, que em Tanzi já estaria presente essa concepção do delírio, mais os desdobramentos que apresentei, isso só é possível mediante uma leitura que é freudiana.

Essa leitura é freudiana porque, tendo Freud levantado a referida tese, ele tornou possível a leitura que fiz dos clássicos, apresentada acima. Desse modo, posso dizer que essa é uma leitura com Freud. Além disso, dizer que a leitura é freudiana significa dizer que tentei ler um Freud nos clássicos. Isto é, tentei ler o que Freud pode ter lido nesses psiquiatras e qual foi o passo que deu em relação a eles. Penso que esse passo só foi possível porque na psicanálise há outra concepção de linguagem.

S. Freud, em 1891<sup>64</sup>, já subvertia a possibilidade de pensar a palavra como dependente e posterior à ideia, concepção presente em Ségla<sup>65</sup>. Isto é, subverte a concepção segundo a qual a linguagem é apenas uma faculdade bem localizada no córtex cerebral e que serve unicamente para traduzir as ideias. Para ele, a linguagem é constitutiva da própria percepção do mundo. Diante disso, a noção de cura na psicanálise passará pelo reconhecimento de que há linguagem **entre** médico e paciente<sup>66</sup>. Ou melhor, a psicanálise

---

<sup>64</sup> O texto *A interpretação das afasias* representa um momento de ruptura de Freud com a neurologia da época.

<sup>65</sup> Para Ségla (1892, p.5-6), a palavra é unicamente auxiliar da ideia. A ideia pode existir sem a palavra e é bem independente dela. Falar é traduzir ideias.

<sup>66</sup> Esse **entre** tem aqui sua radicalidade. Ora, como disse Saussure ([1916] 2002), a linguagem tem um lado social ao mesmo tempo que tem um lado individual. O que quero dizer: na mesma proporção que a linguagem é um fato social, permitindo fundar a relação entre os indivíduos, há o fato de que o sujeito fala. A grande pergunta que colocou a psicanálise, e é isto que a diferencia da linguística, é: por que e para quem se fala? E, no limite, quem fala onde **isso** fala? Esse **isso** que fala a despeito daquilo que o sujeito falante queira falar tem o nome de **inconsciente**.

toma como ponto de partida o fato de que o sujeito fala: “só conhecemos algo dos processos de pensamento porque falamos do que nos ocorre”<sup>67</sup>.

Foi o rigor com que Freud tratou o fato, também mencionado por Ségla, de que a linguagem constitui **o único meio** de conhecer as transformações das funções psíquicas de um sujeito, que permitiu que sua obra ocupasse um lugar outro nos estudos sobre a psicose. Em suma, Tanzi e Ségla, por disporem de uma concepção de linguagem como pura transmissão das ideias, não puderam dar o salto que deu Freud<sup>68</sup>. É essa, a meu ver, a lacuna deixada pela psiquiatria (clássica). A psicanálise, por sua vez, não negligenciou essas questões. É nisso que reside o salto de Freud.

Em que consiste esse salto? Tomo, então, as palavras de Maleval para deixar bem claro isso que já está delineado:

Foi em 1911, ocasião em que fez seu comentário do livro do presidente Schreber<sup>69</sup>, quando Freud concebeu o que nunca ninguém antes dele induzirá com clareza, a saber: “o que nós consideramos a produção patológica, a formação delirante, é, na realidade, a tentativa de cura, a reconstrução”<sup>70</sup>. Alguns psiquiatras perceberam a existência de uma sucessão de fases regulares no delírio crônico, inclusive alguns supuseram que a passagem de uma fase para outra se explicava por um trabalho de dedução lógica operada pela razão, mas nenhum concebeu a existência de uma finalidade interna dirigida – segundo Freud – para reeditar o universo, “não mais esplêndido, mas ao menos de tal maneira que [o sujeito] possa voltar a viver nele”<sup>71</sup>. O alienista do século XIX considerava que o louco se mantinha num mundo separado, inacessível; o psicanalista o colocou mais perto, isolando a existência de mecanismos psicopatológicos amplamente compartilhados. Foi graças ao descobrimento do recalque nos neuróticos que Freud pôde conceber que o delírio paranoico possui “um objetivo”, o de reatar as relações do sujeito com a realidade e o de atenuar a angústia. A partir de 1911 o delírio pode ser apreendido como uma defesa, segundo Freud, contra um desejo homossexual rechaçado, isto é, contra aquilo que pode suscitar a angústia. (Maleval, 1998, p.45)

42

Não é difícil perceber que Freud colocou a própria linguagem como matéria do delírio, na medida em que é utilizada pelo delirante para reconstruir outra realidade em que possa voltar a viver. Essa reconstrução é um refúgio do delirante.

---

<sup>67</sup> Acredito que essa frase de Moraes (2002) sintetiza bem qual é a importância que a linguagem assume nos primeiros escritos de Freud: da percepção à consciência há linguagem que cifra o material psíquico. Para Freud, então, não há ideia sem linguagem.

<sup>68</sup> É interessante notar que a concepção de linguagem como transmissão transparente do pensamento esbarra no argumento de que ela é **o único meio** de entrar em contato com o paciente. Se é **o único meio** de o médico entrar em contato com o paciente, qual é a natureza desse **meio**? Freud percebeu que o doente fala ao médico e desconfiou da presumida transparência de sentidos dessa fala, devido a sua experiência com as histéricas. Parece-me que essa foi a pergunta que os psiquiatras deixaram de fazer. Segundo Foucault (1984), essa é a grande diferença entre a clínica psicanalítica e a clínica psiquiátrica.

<sup>69</sup> Daniel Paul Schreber era um paranoico, doutor em direito e ex-presidente da Corte de Apelação da cidade de Dresden (Alemanha), que desenvolveu um delírio de emasculação e de redenção descritos autobiograficamente no livro *Memórias de um doente dos nervos*, publicado em 1903 (cf. Schreber, [1903] 1995).

<sup>70</sup> Freud, [1911] 1996, p.65.

<sup>71</sup> Idem.

É, no entanto, no texto *O Inconsciente*, de 1915, mais precisamente na sétima subparte, intitulada *Identificando o inconsciente*, que se pode observar, em sua elaboração, qual é o estatuto da palavra na psicose.

Freud inicia essa subparte observando que as fontes de informações sobre o inconsciente são limitadas, pois se restringem apenas ao que se sabe da vida onírica e das neuroses de transferência. Assim, inclui na investigação as psiconeuroses narcísicas, isto é, o gênero de afecções que, nas palavras de Balbure (2007, p.255), “[...] são caracterizadas tanto por uma inflação desmedida do narcisismo quanto como por sua depressão irredutível”.<sup>72</sup>

No que se refere a essas afecções, Freud faz uma caracterização da esquizofrenia “[...] em função do modo como a psique desses pacientes se comporta diante do Eu e do objeto” (Freud, 1915 [2006], p.45). Ele diz que no caso das neuroses de transferência (histeria e obsessão) não existe essa oposição. É o impedimento ao acesso ao objeto que causa a irrupção da histeria. “Sabia-se também que a libido que foi retirada do objeto real retrocede em direção a um objeto que existe na fantasia e deste dirige-se a um objeto recalçado” (Ibid.). O investimento de carga no objeto continua a existir no sistema inconsciente (ou Ics) como consequência do recalque.

O contrário, assevera Freud, acontece na esquizofrenia: “[...] a libido retirada do objeto não mais procura um novo objeto, **mas se recolhe ao Eu, ou seja, desiste-se de investir carga no objeto e estabelece-se um estado de narcisismo primitivo, sem objeto**”<sup>73</sup> (Freud, [1915] 2006, p.45; ênfase minha). Disso decorre o fato de não haver transferência nem resposta à terapia. Há uma singular rejeição ao mundo externo que clinicamente se desvela no sobreinvestimento de carga aplicado ao próprio Eu e apatia total do doente. Além disso, essa singular rejeição tem relação com o fato de que muitos aspectos que na esquizofrenia se expressam de forma consciente, nas neuroses só podem ser encontrados através da psicanálise do Ics. É então que Freud se interroga sobre o nexos faltante entre a relação Eu-objeto e as relações mantidas pela consciência. Cito:

---

<sup>72</sup> “O termo ‘narcisismo’ é empregado em psicanálise para designar um comportamento (*Verhalten*) pelo qual um indivíduo ‘ama a si mesmo’, em outras palavras, um comportamento pelo qual um indivíduo trata o próprio corpo da mesma maneira como se trata habitualmente o corpo de uma pessoa amada. [...] O termo assumirá toda sua importância na teoria psicanalítica a partir do momento em que indicará uma *fase* necessária da evolução da libido, antes que o sujeito se volte para um objeto sexual externo.” (Lambotte, 1996, p.347)

<sup>73</sup> Em 1911, Freud escreveu: “[...] na paranoia temos um indício clínico de que a libido subtraída do objeto é destinada a um emprego particular. Recordemos que a maioria dos casos de paranoia mostra um pouco de delírio de grandeza e que esse último pode constituir uma paranoia. Daí inferimos que na paranoia a libido liberada se volta ao Eu, se aplica à magnificação do Eu. Assim, volta-se ao estágio do narcisismo, conhecido pelo desenvolvimento da libido, estágio em que o próprio Eu era o único objeto sexual.” (Freud, [1911] 1996, p.67)

...eis que aquilo que estávamos procurando parece ter sido encontrado de um modo que não suspeitávamos: nos esquizofrênicos observam-se [...] algumas alterações de *fala* que merecem especial atenção. A forma de os esquizofrênicos expressarem-se é muitas vezes objeto de grandes cuidados e torna-se “rebuscada” e “floreada”. Ademais as frases desses pacientes sofrem de uma desorganização específica na sua estrutura, o que nos faz considerar as falas dos doentes desprovidas de sentido. No conteúdo dessas falas, muitas vezes prevalecem referências a uma relação com os órgãos ou com as inervações do corpo. Além disso, nesses sintomas da esquizofrenia, que correspondem às formações substitutivas da histeria ou da neurose obsessiva, a relação entre o substituto e o recalque apresenta peculiaridades que nos causariam estranheza se as encontrássemos nas duas neuroses citadas. (Freud, [1915] 2006, p.45-46).

Notemos que Freud chama atenção para a linguagem do esquizofrênico. Com essa assertiva compreendemos que o nexos entre a relação Eu-objeto e as relações mantidas pela consciência é encontrado nas alterações da linguagem. Além disso, não é a referência das palavras às coisas, aos objetos do/no mundo que prevalecerá nessa linguagem com que o delirante constrói seu delírio, mas a relação peculiar que ele estabelece com a própria linguagem. Essa linguagem se caracteriza por uma prevalência na referência a uma relação com os órgãos. Freud explora alguns exemplos para tornar isso claro.

Um dos exemplos é o de uma doente de V. Tausk. Freud destaca o fato de que a própria doente quer esclarecer o sentido de suas falas. Trata-se de uma moça que, após uma briga com seu amado, foi levada à clínica com a queixa: “Os olhos dele não estão certos, eles estão alterados, distorcidos, tortos.” Ela “não consegue entendê-lo, cada vez ele tem uma aparência diferente, ele é um **hipócrita**, um *distorcedor de olhos*, ele torceu e virou os olhos dela, agora é ela quem tem os olhos revirados, distorcidos, não são mais dela aqueles olhos, ela agora vê o mundo com outros olhos.” (Freud, [1915] 2006, p.46; ênfases minhas)

Para Freud é importante o comentário que os esquizofrênicos fazem de suas próprias falas, pois expressam o conteúdo equivalente ao de uma análise. Além disso, chama atenção para o fato de que os doentes esclarecem, de maneira compreensível para nós, o significado e a gênese de palavras. Referindo-se ao exemplo fornecido por Tausk, destaca que a linguagem da doente é uma *linguagem dos órgãos*, pois apresenta um traço hipocondríaco, isto é, tem uma relação privilegiada com os órgãos – no caso o olho –. Mais importante ainda, essa relação com o órgão substitui todo o conteúdo e passa a representar seus pensamentos. (cf. Freud, [1915] 2006, p.46)

A isso, agrega uma segunda informação da mesma doente: “Ela está na igreja, de repente sente um **solavanco**, *precisa se colocar [stellen] em outra posição, como se alguém a colocasse nessa posição, como se ela fosse colocada.*” (Freud, [1915] 2006, p.46; itálicos do autor e ênfases minhas) Após isso, diz que seu amado é ordinário, “[...] que a transformou, a

ela, moça de família fina, também em uma ordinária. Ele a tornou parecida com ele, fazendo-a acreditar que ele lhe era superior; agora, ela tinha ficado como ele, pois acreditava que se tornaria melhor se fosse igual a ele. Ele a *iludiu* [*sich verstell*], ela agora é como ele (identificação!), ele a *deslocou* [*sie verstell*]” (Ibid., p.46-47; ênfases minhas)

Se atentarmos para o fato de que o verbo *stellen* significa ‘pôr’, ‘colocar’ e o verbo *verstellen* significa ‘mudar’, ‘ajustar’, ‘regular’, ‘dissimular’<sup>74</sup>, percebemos que esse último, na fala da paciente, assume toda uma cadeia de pensamento, qual seja, a queixa de que o namorado é um hipócrita, um distorcedor de olhos, que ele a deslocou, que ela também está deslocada. É exatamente nesse ponto em que Freud irá focar sua argumentação. Para além do fato de que há uma prevalência, na linguagem dos doentes, de um elemento cujo conteúdo é uma inervação corporal, ele ressaltará a importância do fato de que essa linguagem se caracteriza por algumas palavras representarem todo o conteúdo de um pensamento:

No caso da esquizofrenia, as *palavras* são submetidas ao mesmo processo que também transforma os pensamentos oníricos latentes em imagens oníricas. Trata-se do que chamamos de *processo psíquico primário*. Neste, as palavras são condensadas [*verdichtet*] e transferem integralmente uma à outra suas cargas de investimento deslocando-as. O processo pode chegar ao ponto de uma única palavra assumir a representação de toda uma cadeia de pensamentos, devido às múltiplas relações que mantém com outros elementos. (Freud, [1915] 2006, p.47)

Freud explica que, se fosse uma histérica, ela teria revirado os olhos compulsivamente ou teria executado o solavanco, em vez de ter sentido o impulso ou a sensação dele. E jamais teria pensamentos conscientes e tampouco teria sido capaz de dizê-los depois. (Freud, [1915] 2006, p.47)

A partir disso tudo, chega-se à conclusão de que na esquizofrenia as palavras são tratadas como objetos (cf. Freud, [1915] 2006, p.73, nota 109). A formação substitutiva na neurose, no caso de uma histeria, é uma inervação corporal. No caso da esquizofrenia, escreve Freud, é a predominância da relação com a palavra em vez da relação com a coisa. É a equivalência com a expressão linguística que determina a substituição na esquizofrenia e não a semelhança dos objetos definidos. “Portanto, é justamente nos aspectos em que palavra e coisas não se equivalem que a formação substitutiva esquizofrênica se diferencia das neuroses de transferência.” (Ibid., p.48)

---

<sup>74</sup> Na nota nº 105 à tradução brasileira, lemos o seguinte: “Trata-se aqui de um jogo de palavras com o verbo *verstellen*, que, utilizado como reflexivo (*sich verstellen*) tanto pode significar *dissimular*, *disfarçar*, quanto *mudar a si próprio de lugar, posição*. Quando reflexivo, *sich verstellen*, dá o duplo sentido de dissimular e mudança de lugar. No entanto, quando utilizado com um objeto significa que uma pessoa mudou a outra de lugar; no caso em questão, alguém a empurrou e ela precisou mudar de posição, depois o namorado a iludiu e por fim fez com que ela tivesse de mudar de posição e não mais fosse quem era antes.” (Ibid., p.72)

Então, segundo a concepção freudiana, é ao tratar as palavras como se elas fossem coisas que o esquizofrênico cria “neologismos”<sup>75</sup>. Essa prevalência da palavra, esse investimento na palavra, representa a primeira tentativa de cura, pois, ressaltando Freud, visa recuperar objetos perdidos seguindo um caminho que toma a parcela desse objeto composta pela palavra. “No entanto, ao seguirem por essa via, terão de se contentar com as palavras em vez das coisas.” (Freud, [1915] 2006, p.51)

Quando a doente de Snell utiliza as palavras *Musik* para dizer da ordem do mundo e *Italia Clima* para significar a natureza boa e justa, entre outras, não há nisso qualquer referência às coisas do mundo. Quando LC diz que seu pai precisa de uma *transfusão* que consiste numa *descarga elétrica* de uma **onda, raio, energia de Coulomb**, o caráter estranho dessa palavra de efeito neológico consiste no fato de que ela não representa coisas no mundo. Contudo, atentemos para o fato de que há uma coerência no alinhamento das palavras *transfusão, descarga elétrica e onda/raio/energia Coulomb*. Essa coerência resulta da pertinência dessas palavras ao discurso da eletrônica. Além disso, no que diz respeito aos processos de condensação e deslocamento, poderíamos dizer mais. A saber, que o estranho reside em tratar a eletricidade como sangue. Deixarei, porém, esse ponto para a análise do *corpus*.

O propósito neste momento é apreender a qualidade e importância do salto de Freud em relação aos psiquiatras clássicos. A partir de Freud a palavra que tem efeito neológico pode ser pensada como um produto da condensação ou encapsulamento de “ideias delirantes” e significantes em trânsito no delírio. Essa palavra representaria toda uma cadeia de pensamentos. Nesse processo as coisas abstratas são tratadas como se fossem concretas.

Jean-Claude Maleval (1998), a partir da leitura lacaniana da tese freudiana de que o delírio é uma tentativa de cura, uma reconstrução, propõe, com Soler (1990, p.28), que esse processo de encapsulamento de ideias e do material significativo em trânsito no delírio se trata de um **processo de significantização**. Para ele, o delírio é um processo de significantização que tem “[...] “um objetivo”, o de reatar as relações do sujeito com a realidade e de atenuar a angústia” (Maleval, 1998, p.46), por meio da (re)construção do mundo subjetivo do delirante com palavras.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> Na referida nota 109, Freud escreve: “Ocasionalmente, o trabalho onírico trata palavras como objetos, criando então falas “esquizofrênicas” muito semelhantes ou neologismos”. Tal aproximação, porém, poderia servir como um contra-argumento ao que foi anteriormente dito no primeiro capítulo desta dissertação: que Freud se filia à corrente de pensamento que distingue delírio de *delirium*. O editor inglês, contudo, esclarece que Freud faz uma referência à *Interpretação dos Sonhos* (1900) e que essa distinção já está clara no *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos* (1917).

<sup>76</sup> Cf. Maleval (1998); principalmente as subpartes “Contentar-se com palavra no lugar das coisas” (cap. 3), *Delírio e perturbações da linguagem* (cap. 4) e o capítulo 5, *Estudo geral do desenvolvimento do delírio*.

## “QUE EU SOU MAIS UM LOIDE DO QUE UM ANDROIDE.”

O doente subtraiu das pessoas ao seu redor e do mundo exterior em geral o investimento libidinal que até então lhes havia dirigido; com isso, todo se tornou indiferente e desinteressante para ele, e ele tem que o explicar, mediante uma racionalização secundária, como coisa “do milagre, feita às pressas”. O sepultamento do mundo é a própria projeção dessa catástrofe interior; seu mundo subjetivo foi sepultado desde que ele lhe subtraiu seu amor.

Face à maldição com que Fausto renega o mundo, o coro dos espíritos canta:

“Ai!, Ai!

Está destruído

com punho poderoso

este belo mundo!

Funda, Despenca!

Um semideus o despedaçou!

47

Mais potente

para os filhos da Terra,

mais esplêndido,

o reconstrua,

dentro de teu peito, o reconstrua!”

[Goethe, *Fausto*, parte I, cena 4]

E o paranoico o reconstrói, claro que não mais esplêndido, mas ao menos de tal maneira que possa voltar a viver nele. Edifica-o de novo mediante o trabalho de seu delírio. **O que nós consideramos a produção patológica, a formação delirante, é, em realidade, a tentativa de restabelecimento, a reconstrução.** (ênfase minha)

Sigmund Freud,

*Notas sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente (1911)*

## NOTAS PRELIMINARES À ANÁLISE

A análise que realizo abaixo se situa na fronteira entre Linguística e Psicanálise. Trata-se de uma análise exploratória em que, a partir da escuta da fala transcrita de um sujeito com diagnóstico de psicose, procuro depreender o estatuto da palavra que tem efeito neológico no dizer psicótico. A fim de situá-la, retomarei, de forma resumida, os pontos importantes anteriormente trabalhados.

Com Snell (1852) o termo ‘neologismo’ entrou para o campo dos estudos psiquiátricos sobre a linguagem na psicose, designando as palavras ou expressões novas criadas pelo delirante ou palavras existente utilizadas pelo doente num sentido não usual. Esse alienista voltou sua atenção para o fato de que tais palavras têm relação direta com o tema do delírio desenvolvido por cada doente. Tanzi (1889-1890) classificou os neologismos que aparecem nos dizeres dos psicóticos, entre outros, de acordo com a significação que assumem no delírio. A partir disso, ele chegou à conclusão de que a “mentalidade” do paranoico equivale à “mentalidade” do homem primitivo ou da criança porque todos eles atribuem à palavra um poder mágico ou místico. Para o psiquiatra italiano, o paranoico é um logólatra. Séglas (1892) retomou essas ideias entendendo que o neologismo do delirante, ao qual atribui o nome de neologismo **ativo**, devido ao fato de ser produto de um trabalho do delirante, atesta um fato supersticioso e as proporções de uma ideia fixa se desenvolvendo na consciência.

48

Do **die Bildung neuer Worte** de Snell ao **néologisme actif** de Séglas observamos uma única tendência, qual seja: os neologismos criados pelo delirante não se comparam aos criados pelos outros doentes porque eles são fixos e estão ligados a ideias delirantes que têm particular importância para o doente. Além disso, todos observaram que o delírio tem como característica marcante uma linguagem mais rebuscada e que o delirante se expressa com mais facilidade e segurança em seu delírio do que quando em “estado normal”. Séglas chega a comparar o delirante aos forjadores de sistemas científicos, por florear sua fala com termos pomposos e pitorescos, mas que, no fundo, revelam o vazio de suas teorias.

Com efeito, tais fatos são observados no dizer psicótico e estão amplamente atestados nos manuais, compêndios e dicionários de psiquiatria (cf., p.e., Hinsie and Campbell, 1960, p.481; Thuillier, 1996, p.638-639). Contudo, não encontramos uma explicação do ponto de vista do sujeito na linguagem sobre todos esses fenômenos.

Embora a clínica psiquiátrica clássica tenha avançado no tema dos neologismos no delírio, contribuindo para a descrição dos fenômenos de linguagem no delírio e no

*delirium*, ela concebeu, contudo, a linguagem como instrumento e auxiliar do pensamento. Por conta disso, toda a riqueza de suas descrições fica limitada a uma concepção de que há uma debilidade intelectual ou um déficit de percepção na psicose. O próprio Ségla atribui, como vimos, grande importância à linguagem na clínica. Contudo, afirma que há debilidade intelectual no delírio crônico<sup>77</sup>. Esse tipo de afirmação se sustenta no pressuposto de que há um antes da linguagem e que é pela observação dela que se chega ao pensamento (cf. Ségla, 1892, p.5).<sup>78</sup>

É em Freud que encontramos uma abordagem que coloca o delirante mais perto do médico, entendendo-o como um habitante da linguagem. Trata-se de uma abordagem que descreve os fenômenos de linguagem na clínica das psicoses do ponto de vista do sujeito na e da linguagem. A clínica psicanalítica, com isso, inaugura um novo modo de pensar o delírio e, conseqüentemente, as palavras de efeito neológico nele.

Da leitura do Caso Schreber, publicado por Freud em 1911, já é possível, logo na *Introdução* ao texto, depreender que não há distúrbio ou debilidade intelectual na psicose (cf. Pincerati, 2008). Mais a diante, Freud afirma que o delírio é uma tentativa de cura, é uma reconstrução (cf. Freud, [1911] 1996, p.65). Segundo ele, é a partir do momento em que o presidente Schreber, um paranoico, recusa de forma muito enérgica (*verwefen*) uma representação homossexual que advém a doença. Falam a todo momento com ele; é invadido por vozes que o torturam e o blasfemam. Seu corpo é submetido a um despedaçamento impiedoso pelo outro. Ele fica num estado de perplexidade e angústia. É somente quando ele se reconcilia com a representação homossexual rechaçada que a angústia é atenuada e advém a estabilização. Nesse sentido, dizer que o delírio é uma tentativa de cura é dizer que ele tem como objetivo atenuar, mediante um trabalho doloroso, aquilo que suscita a angústia (cf. Maleval, 1998). E mais ainda, entender o delírio como uma reconstrução significa dizer que ele é linguagem e que o delirante habita essa linguagem.

Mas é no texto *O Inconsciente*, de 1915, que podemos entender o delírio como uma tentativa de cura em relação com o investimento na palavra. Freud, nesse texto, escreve que é porque ocorre uma desistência de investimento nos objetos do mundo que o delirante percorrerá os caminhos das palavras. As alterações de fala na esquizofrenia revelam essa

---

<sup>77</sup> Atente-se que, para Ségla, o neologismo ativo denota “um trabalho intelectual anterior” (Ségla, 1892, p.51), porém ao mesmo tempo afirma: “a palavra dita tudo e sua presença revela, no fundo, **uma debilidade considerável do pensamento**” (1892, p.52; ênfase minha); e, mais à frente: “o neologismo ativo denota um delírio já muito sistematizado, tendendo à cronificação e **repousando sobre um fundo de debilidade intelectual**” (Ibid., p.59; ênfase minha).

<sup>78</sup> Certamente, a premissa que sustenta essa concepção é a de que a linguagem é ‘**aprendida**’ (cf. Ségla, 1892, p.5-8). Para uma crítica contundente à noção de ‘aprendizagem’ e de ‘desenvolvimento’ para pensar a aquisição da linguagem, ver De Lemos, 2006.

prevalência da palavra nessa psicopatologia, bem como revelam a particular relação do Eu-objeto. Essa relação tem a ver com o fato de o esquizofrênico tratar as palavras como coisas, já que ele procura por meio delas os objetos perdidos. O estranho advém do fato de que as palavras não têm a ver com as coisas no mundo; essas últimas estão perdidas. É por meio do investimento nas palavras que o psicótico reconstrói o seu mundo.

Diante disso, parto para a análise com as seguintes perguntas: qual é o papel do neologismo, ou melhor, da palavra que tem efeito neológico na reconstrução do delirante? O que ele diz desse processo; que é um processo que tem como característica uma oscilação entre angústia e reconstrução? Enfim, como as palavras com efeito neológico funcionam no texto delirante?

Porém, antes de iniciar a análise, é preciso fazer duas observações. A primeira é a de que, neste trabalho, me filio à proposta de Maleval (1998) de pensar o delírio como um processo de significatização. Isto é, um processo que consiste na mobilização do significante como recurso do delirante para atenuar a angústia (Ibid., p.121). O termo ‘angústia’, por conta disso, será utilizado nesta dissertação nesse sentido. Ou seja, remetido ao desmoronamento e à perplexidade; opondo-se, por conseguinte, à reconstrução.

A segunda observação a ser feita é a de que as falas analisadas são de LC, sujeito que foi entrevistado por Fernanda D. Picardi, com o objetivo de constituir o *corpus* para sua pesquisa de mestrado, que deu origem à dissertação *Linguagem e Esquizofrenia: na fronteira do sentido* (cf. Picardi, 1997). LC, na época, era um paciente semi-interno do Serviço de Saúde “Dr. Cândido Ferreira”, Campinas/SP, tinha 29 anos e o diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia (Ibid., p.15). As falas transcritas desse paciente constituem o *corpus* desta dissertação e estão reproduzidas integralmente no ANEXO.

## PERPLEXIDADE E ANGÚSTIA: “eu perdi o controle da saúde corporal”<sup>79</sup>

Vejamos o seguinte recorte:

### PRIMEIRO RECORTE:

Sabe, eu, a **única coisa que eu não entendo nesse mundo são de homem e mulher, sabe?** Como é que faz prá homem casar, prá mulher casar, o que é necessário ou não. Porque eu conheço a vida minha, não a vida que as pessoas leva, então. Essa vida de documentos, essa vida de prescrições, **eu acredito, eu nasci perfeito, eu nasci tonto, nasci biruta**, conheço a lei direitinho, **já nasci sabendo** como é que era a lei, como que era a justiça, como que era a civilidade, os poderes, os regimes, as maneiras, a cápsula, os acasos, os por acasos, sabia tudo, **agora não sei**. Achava que eu era que nem uma seringueira, sabe tia? [...] **Queriam extrair borracha de mim**, sabe tia? [...] [com os] pensamentos, idéias, jogos, fórmulas matemáticas, métodos físicos, químicos, eletrônicos, genéticos, métodos de guerra, métodos de vida, métodos de sobrevivência, aspirações, idéias, poesias, máquina, controle, aparecimento no lugar mais próprio, mais impróprio, roubaram tudo, isso aí tia.<sup>80</sup>

Esse recorte apresenta um aspecto interessante, que está, a meu ver, sintetizado na afirmação: *eu nasci perfeito, eu nasci tonto, nasci biruta*.<sup>81</sup> Esse tipo de afirmação não é única; ela pode ser encontrada em outros momentos do *corpus*. Ela sinaliza a presença de uma tensão ou oscilação entre ser perfeito e ser tonto/biruta que se faz presente em todo dizer psicótico de LC.

Do lado da perfeição há a afirmação: *já nasci sabendo*. Ao dizer isso, toda uma série de termos pertencentes ao universo discursivo do Direito é mencionada e, logo após, uma série de termos relativos ao discurso da ciência. Há coerência na mobilização desses significantes, que pode ser também notada pelos efeitos produzidos: os arranjos *os acasos, os por acasos*; a repetição da palavra *métodos* e o arranjo *lugar mais próprio, mais impróprio* produzem rimas e aliteraões na cadeia falada.

Já do lado da significação de ser *tonto e biruta* há os temas que estão ligados à perseguição. Mais que isso, penso que *tonto e biruta* são termos que têm relação com as expressões: *agora não sei, extrair de mim e roubaram tudo*.

Ao ler esse recorte, percebe-se (i) que há as “coisas” que dão poder e saber a LC – as séries de palavras ditas, mormente as relacionadas ao discurso da ciência – e (ii) há o roubo e a extração delas, bem como (iii) há ainda algo que é para ele da ordem do não saber. Esses dois últimos o deixam num estado angústia e perplexidade. É, pois, sobre esse “não saber” e a “perseguição” dos outros que tratarei nesta subparte, deixando para depois o ponto (i).

<sup>79</sup> Frase dita por LC. Ver ANEXO desta dissertação, p.83.

<sup>80</sup> Ibid., p.86.

<sup>81</sup> Adotarei o estilo *itálico* para assinalar todas as falas de LC.

Quem roubou tudo?, perguntou Picardi. LC respondeu:

SEGUNDO RECORTE:

Esse pessoal, tia! Essas pessoas que eu falo prá senhora que eu não sei quem é. Eles não gosta da gente, então eles mata, eles trai o corpo da gente, transforma a gente num louco, num monstro, numa coisa horrível, depois vão andar pelas ruas, não sei o que, olhar o mercado, não é a senhora, outras pessoas.<sup>82</sup>

Note-se a não identificação dos perseguidores. Mais que isso, *essas pessoas/eles* são os responsáveis por toda sorte de infortúnios sofridos por LC. Já é possível, também, no que diz respeito à linguagem, observar deriva no final da fala de LC. Essa perseguição, porém, tem algumas razões, como se pode observar nos recortes abaixo:

TERCEIRO RECORTE:

(LC explica para Picardi o porquê de não ter muitos amigos)

LC: Num tenho direito, tia, porque todos os meus amigos eles são amigos, tá certo? São **amigos**, mas no fundo **eles** querem é o meu sangue, meu **sangue especial** que eu tenho no corpo, sangue “o” negativo. **Todo mundo quer ter o sangue “o” negativo limpo, igual o meu. Só isso. Eles lutam prá conseguir o meu sangue “o” negativo**”.

Picardi: Por que que você acha isso?

LC: É, num sei, **eu tenho certeza**, né? É o jeito, todo mundo quer se sentir saudável e rico em sexo, ao invés de ser rico em saúde, rico em vida, em modo de viver, em comunicação e expressão, coisas assim. **Eles querem passar o golpe na gente. Eles num gosta que a gente chega perto de mulher, num sei o que e a gente sabe chegar perto de mulher.**<sup>83</sup>

52

*Esse pessoal* do SEGUNDO RECORTE tem, no início do TERCEIRO RECORTE, um referente: *os amigos*. Porém, de *os amigos* passa-se para *eles*, os que querem o *sangue especial* de LC, que é o *sangue “o” negativo limpo*. Note-se que ao dizer isso, o sentimento de perseguição é estendido a *Todo mundo*. Perde-se o referente de *eles/elas*, voltando à situação do recorte anterior de indeterminação do perseguidor, e *todo mundo* passa a ser perseguidor. LC, a partir de então e por conta desse *sangue*, além da perseguição, sofre traições. Encontramos, com isso, um importante elemento pelo qual é perseguido: *o sangue*.

Esse TERCEIRO RECORTE também permite depreender outro elemento ou aspecto da perseguição. A errância nesse recorte nos leva a ele: *chegar perto de mulher*. Contudo, a questão da *mulher* no dizer de LC está relacionada a outros temas que fogem ao escopo deste trabalho, pois remete a aspectos que levariam a outros lugares, inclusive teóricos, que fugiriam das questões relativas à aparição de palavras de efeito neológico<sup>84</sup>. Só quero assinalar que em diversos momentos nos defrontamos no dizer de LC com a questão da

---

<sup>82</sup> Idem, p.86.

<sup>83</sup> Idem, p.78-79.

<sup>84</sup> Como, por exemplo, a questão da sexualidade na psicose. Adentrar nesse terreno certamente exige uma discussão mais alentada sobre a sexualidade, subjetividade e linguagem na psicose.

*mulher*. E no PRIMEIRO RECORTE temos a exata dimensão do que isso provoca em LC: um não saber. A mulher, como vemos e veremos, comparece como um enigma; um enigma que o deixa, como as perseguições, igualmente perplexo, não só pelo não saber, mas também porque isso é razão, como vimos no TERCEIRO RECORTE, de investidas traidoras d'*eles*. Ou seja, o não saber de LC provoca sofrimento infligido pelos outros, isto é, suscita angústia.

O TERCEIRO RECORTE também é interessante porque dá a ver a importância atribuída ao significante *sangue "o" negativo*. Razão de perseguição, LC tem que fazer um esforço descomunal para mantê-lo. A tortura que LC sofre é tamanha, que ele se sente morto:

QUARTO RECORTE:

(Reclamando que os outros roubaram tudo dele, tudo o que ele sabia)

Enfiam um ferro na cabeça da gente, estepe, uma coisa gigantesca que você não sabe nem prá que serve, estouram a mente da gente, ficam batendo o pé na cabeça da gente, batendo o pé na cabeça da gente, arrastando o salto, cada vez tem um formato, o sutien, o óculos, o gorro, a peruca, o cabelo, o penteado, a cor, o blush, a cor dos olhos.... Fica batendo essas coisas em cima da gente.

**Acho que eu já morri**, doutora.

Picardi: Você morreu?

LC: Acho que sim.

Picardi: Quem tá falando agora?

LC: **Meu sotaque, meu fígado, né? Fígado meu que sobrou do corpo, matéria do meu corpo que desencantou e que agora fala no meu lugar**. Faz eu falar, eu mesmo devo estar enterrado em algum lugar por aí. Não sei se aqui é um telégrafo que puseram enquanto fico enterrado num lugar tentando fazer bastante coisa lá enterrado e quando eu tô aqui alguma coisa, quando eu tô lá **alguma coisa faz eu sentir uma pessoa aqui controlada como se fosse um sistema de rádio**, e eu sinto essa pessoa (incompreensível).<sup>85</sup>

Com esse último recorte se percebe a perplexidade dolorosa de LC diante das torturas dos outros. Há uma desintegração do seu mundo que o leva a ter um sentimento de morte. A dimensão da angústia comparece de forma marcante, de tal modo que, segundo ele, quem fala é seu *sotaque* e seu *fígado*, aquilo que *sobrou do corpo*. Seu corpo está despedaçado e isso é fruto do trabalho d'*eles*.

Além disso, ele se sente controlado *como se fosse um sistema de rádio*. Veremos, mais a baixo, que esse *como se* se transforma nas afirmativas *é / sou* na parte da reconstrução. Será como uma máquina infalível (na verdade, mais que isso) que ele se identificará. Isso sugere que alguns elementos que comparecem em momentos de angústia e perplexidade são submetidos a um investimento diferente, ou melhor, são ressignificados e se tornam particularmente importantes para a reconstrução do mundo subjetivo de LC. Isso, a meu ver, remete à tese do apaziguamento: um elemento que suscita angústia pode passar por um

---

<sup>85</sup> Idem, p.86.

processo de ressignificação que reconcilia o sujeito com determinadas ideias delirantes e, mediante esse trabalho, esse elemento passa a constituir uma das peças da reconstrução<sup>86</sup>.

É igualmente interessante observar que nesse recorte parte das palavras mobilizadas por LC para se queixar das torturas que sofre é remetida ao tema da *mulher*. Note-se que essas palavras remetem a acessórios e vestimentas femininas e que elas são tratadas como se fossem coisas com que batem na cabeça dele. Isso sugere que é na sua dimensão de coisa que as palavras atingem o corpo de LC, provocando nele o sentimento de perplexidade e produzindo um despedaçamento de seu corpo.

Essa dimensão do corpo despedaçado comparece igualmente sob a forma de um não saber, outro aspecto observado logo no PRIMEIRO RECORTE, o que produz perplexidade e angústia. LC afirma num dado momento o seguinte:

QUINTO RECORTE:

LC: Sabe por que que eu sou doente, tia?

Picardi: Hum?

LC: Porque eu não entendo nada de saúde. A única coisa que eu entendo que me faz viver, eu tô descobrindo agora, só que eu não tenho certeza, sabe o que é tia?

Picardi: Não.

LC: O sangue O negativo.<sup>87</sup>

Esse recorte é muito interessante. A afirmação de LC de que só entende do *sangue O negativo*, seu *sangue*, e que é esse saber que o faz viver, desvela com grande precisão o lugar em que incidem os investimentos para a reconstrução. Tratarei, porém, desse último ponto mais a frente. No momento, cabe ressaltar que a relação entre *saber* e *não saber* tem, como já temos notado, grande importância para depreender aquilo que é da ordem da *perfeição* e aquilo que suscita angústia. *Não saber* sobre a *saúde* equivale, para LC, a *ser doente*.

Pelo que já atentamos, o significante *saúde* está ligado àquilo que suscita angústia. *Não entender nada de saúde* é não poder controlá-la. Mais que isso, penso, com base em todo o que foi discutido, que o que está verdadeiramente em jogo é *não saber* → *ser doente* → *ter saúde terrível*. O despedaçamento do corpo e o desconhecimento daquilo ou de quem provoca as torturas têm relação com o desconhecimento da saúde.

---

<sup>86</sup> Para ser mais exato no exemplo, se nesse momento se sentir *como se fosse um sistema de rádio* diz respeito a um modo de ser controlado pelo outro perseguidor, em outros momentos, como veremos abaixo, a expressão 'sistema de rádio' caracterizará o ser infalível que tem transistores, fusíveis RST, etc. Aquilo que num momento é tomado como característica deletéria, em outro é tomado como uma característica especial. Mas cabe ressaltar que, como poderemos observar ao longo da análise, essas características sempre têm a ver com a *forma* do corpo.

<sup>87</sup> Idem, p.94

Gostaria, neste momento, de fazer uma observação que julgo relevante. Calligaris, ao discutir uma das diferenças observadas na clínica com neuróticos e com psicóticos, chama atenção à relação com o saber estabelecida pelo neurótico e pelo psicótico. Cito:

Na relação do neurótico com o seu saber, no final das contas, o que sustenta o saber e o sujeito é sempre a referência ao pai. Sempre há, para o neurótico, um sujeito suposto cujo domínio da situação permite descansar. O pai, referência central do saber do sujeito, é suposto saber. Daí uma significação é garantida ao sujeito sem que um esforço no campo do saber seja necessário: referir-se ao pai é suficiente, visto que ele é suposto se encarregar do saber. **Mas para o psicótico, relacionado a um saber sem sujeito suposto, é certo que a tarefa de sustentar este saber cabe ao sujeito mesmo. Ele só pode sustentá-lo assim, com a sua pessoa, então com a sua certeza egóica.** (Calligaris, 1989, p.24; ênfase minha)

Muito poderia ser dito, com efeito, a partir dessa citação. Contudo, devido aos objetivos estipulados para este trabalho, me restringirei a traçar uma relação de LC com o saber. LC não sabe da *mulher* e da *saúde*. A quem é atribuído esse saber? Ele responde: *eu tenho certeza, né?* (ver TERCEIRO RECORTE). Essa certeza radical do psicótico é a certeza egóica de que fala Calligaris. Não se trata então de fazer uma equivalência entre o que Calligaris chama de certeza egóica e o dizer de LC que há coisas que ele sabe e outras que ele diz não saber. Trata-se, na verdade, de dizer que devido não haver sujeito a quem LC possa supor um saber, ele o sustenta em si mesmo – certeza egóica –, e, por conta disso, tem certeza de ser perseguido por aquilo que ele diz não saber. Trata-se de uma projeção. Isto é, ele sabe que há um outro que o persegue por ele não saber; ou ainda, ele sabe que o outro sabe que ele não sabe, e é perseguido por isso. O desmoronamento do mundo e da vida, as perseguições, as torturas, a situação de grande perplexidade dolorosa parece ser efeito dessa relação com o saber de LC: se ele não sabe, isso tudo acontece, porque ele tem certeza que o outro sabe que ele não sabe. Porém, se ele sabe, não há angústia. Os fenômenos de linguagem não escapam a essa tensão.

No que toca os fenômenos de linguagem, observamos, no que diz respeito a essa tensão, duas tendências na formação delirante de LC. Primeira, os significantes ligados às representações corporais e saúde estão intimamente ligados àquilo que suscita angústia e perplexidade. Segunda: no momento em que aparecem significantes ligados a temas científicos, essa angústia parece se atenuar. Igualmente, quando notamos os momentos de perplexidade, a linguagem se torna mais fragmentada, há mais errância e deriva. O contrário é observado quando LC fala daquilo que está relacionado ao poder e à perfeição. Essas oscilações são observadas no recorte abaixo:

SEXO RECORTE:

LC: [...] a gente tem medo de se cristalizar com alguém, de chamar uma mulher de bonita, qualquer coisa, querer casar com ela.

Picardi: Por quê?

LC: Ah, porque se a gente fizer isso o mundo pode acabar, né, doutora?

Picardi: Por que você acha que o mundo pode acabar?

LC: Tem gente que tem uma **luz tão grande no corpo**, né, tia?, um desenvolvimento tão metafísico, extra-metafísico, super-cinético que se ela falar bobagem assim no meio dos outros, aquelas pessoas vão começar a ficar olhando as esquadrias da parede, os rodapé, os teto, as lâmpada, os quadro, uma coisa e outra, vão se sentir enebrecida, né?, enebrecido, com vontade de se desintegrar, de engordar, de emagrecer.

Picardi: O que que é enebrecido?

LC: Ah assim **doente**, né tia?, com uma **visão parcial matemática, física, genética, química**, qualquer coisa assim, que vai trazer **transtorno**, né? para o universo **destruição da vida**.<sup>88</sup>

Esse recorte tem particular interesse porque coloca em pauta os aspectos que estão sendo discutidos em relação com o aparecimento da palavra que tem efeito neológico. Observamos nesse recorte o tema da *mulher* reaparecer na sua dimensão de um não saber. Respeitando a tendência observada nos recortes anteriores, esse não saber pode provocar a *destruição da vida*, que se traduz numa **visão parcial matemática, física, genética, química**.

Há uma errância nesse recorte que dificulta a compreensão. *Chamar uma mulher de bonita* etc. pode fazer o *mundo acabar*. Por quê? Porque se ela falar bobagem no meio dos outros *vão* se sentir *enebrecido/a*. Por conta disso, não é fácil entrever uma significação dessa palavra que tem efeito neológico. Se é possível escutar, de um lado, os significantes ‘enebrecido’ e ‘breu’, de outro lado, é igualmente possível escutar ‘enebrecido’. Note-se, ainda, que num momento comparecem sequências tais como *metafísico*, *extra-metafísico* e *super-cinético*; mas também logo após há deriva significativa. É nesse contexto que aparece *enebrecido/a*. Se, por um lado, *enebrecido* pode se ligar à *luz tão grande no corpo*, de outro pode perfeitamente estar ligado à *vontade de se desintegrar, de engordar, de emagrecer*, bem como remete ao significante *doente*.

O que quero assinalar é que essa palavra que tem efeito neológico parece condensar todas essas significações, e por isso, abre a possibilidade de se escutar tanto o significante ‘enebrecido’ como ‘enebrecido’. Isto é, abre à possibilidade de escuta de significantes que estão alinhados tanto a representações angustiantes como representações que estão em jogo na reconstrução – que veremos mais adiante -.

Entretanto, o que me parece ser mais importante é que tanto antes como depois do aparecimento da palavra *enebrecido* se fazem presentes, no dizer de LC, significantes que remetem ao discurso da ciência. E esses significantes estão alinhados, isto é, constituem séries metonímicas de termos científicos; séries que, note-se, se mantêm em seu dizer. Isso sugere

---

<sup>88</sup> Idem, p.87.

que a palavra que tem efeito neológico emerge em contextos em que há atualização no dizer de séries de termos científicos de particular importância para o sujeito. Isso leva a questão da importância do discurso da ciência na psicose.

Há outro momento em que LC fala daquilo que provoca angústia e em que aparecem palavras que têm efeito neológico. Vejamos:

SÉTIMO RECORTE:

(Logo após a fala recortada no TERCEIRO RECORTE, LC muda abruptamente de assunto e diz a Picardi que às vezes é preciso cuidar de pai e mãe)

LC: [...] Mas a minha mãe, tia, ela tem o sangue “o” negativo igual o meu, mas o sangue do meu pai não, o sangue do meu pai é “ab”, é “a” ou “b”, quer dizer, “a” ou “b”, poder ser que seja “b” também. **O velho não tem o sangue igual todo mundo tem.** Essa **operação** nele prá ele ficar com o sangue igual o meu e o da minha mãe...

Picardi: Que operação?

LC: Ah, num sei, uma **transfusão**.

Picardi: Hum...

LC: Necessitaria de uma **transfusão**, pro velho não ficar muito gordo, sabe? Ele engorda demais, ele engorda demais. Precisaria operar ele e...operava a gente, num sei. Mas eu ainda não descobri como que faz prá operar as pessoas.

Picardi: Operar de quê?

LC: Eu sei que precisava ser **descarga elétrica**, né?

Picardi: Descarga elétrica?

LC: Uma **onda de Coulomb**.

Picardi: De quê?

LC: Coulomb. **Raios Coulomb, energia Coulomb.** Beta, beta ômega **alfásica**, beta, **alfa e ômega.** Tem que aplicar isso no corpo dele.<sup>89</sup>

57

Esse recorte é muito interessante porque confirma aquilo que já se suspeitava: a importância do discurso da ciência, especialmente da eletrônica e sua terminologia para LC. Observamos, também, nesse recorte alguns pontos bem opacos: o significante *transfusão* “vira” de repente uma *operação* que consiste em *descarga elétrica*. É como se a palavra *transfusão* perdesse seu significado e, numa ligação significativa do elemento  *fusão*, apontasse para *descarga elétrica*. Atualiza-se, com isso, em seu dizer toda a constelação de significantes da eletrônica e eletrodinâmica.

Não existe, contudo, *raios*, *onda* ou *energia Coulomb*. *Coulomb* é a unidade de medida, na física, da carga elétrica ou quantidade de **eletricidade**. *Raios*, *onda* ou *energia Coulomb* designaria então uma quantidade grande ou intensa de **eletricidade** na *trans-fusão*.

É fácil perceber uma razão para *raios*, *onda* ou *energia Coulomb*. O mesmo, porém, não é o caso da outra palavra que tem efeito neológico, *alfásica*. Se, no entanto, escutarmos essa palavra na cadeia, percebemos um alinhamento de significantes que pode dar

---

<sup>89</sup> Idem, p.79.

uma pista do que pode estar em jogo. LC diz: *Beta, beta ômega alfásica, beta, alfa e ômega*.  
Esquematizo:

<u>LC diz:</u>	<u>Realinhando:</u>
Beta ômega <b>alfásica</b>	} Beta ômega <b>alfásica</b> Beta ômega <b>alfa</b>
Beta <b>alfa</b> ômega	

*alfásica* e *alfa* produzem uma ressonância na cadeia. Desse eco, ademais, é impossível não escutar o significante ‘afásica’. Parece haver uma atualização da tensão entre as coisas que ele não sabe e as que sabe, mencionada acima<sup>90</sup>. Poderíamos, talvez, descrever essa palavra como uma condensação de, de um lado, *alfa*, termo científico que se refere a uma partícula atômica dos *raios, ondas* ou *energia de Coulomb*, e, de outro lado, ‘afásica’, em referência à “ideia delirante” de um corpo *paralisado*, imobilizado pelos “outros”, impedido de falar. E é o que ele diz logo no começo: *Eu sofria de...como fala? Uma espécie de paralisia misturado com agilidade, né? Agilidade corporal misturado com paralisia ao mesmo tempo no cérebro e um calor estranho no corpo.*<sup>91</sup>

Porém, essa explicação não é muito satisfatória, pois não esclarece o tipo de representação delirante que essa palavra estaria condensando. Trata-se de uma palavra que certamente tem a ver com *alfa*, mas pouca garantia de que tenha a ver com *afásica*. Afinal, fica a pergunta: por que é que apareceria justamente o significante *afásica*?

Há duas razões que talvez possam apontar uma resposta. Se ele, LC, tem uma *saúde terrível, é tonto e biruta*, então uma *transfusão* deveria necessariamente “transmitir” essa característica. Nesse sentido, estaria no *sangue* de LC essa debilidade. E ele, lembremos, diz exatamente isso: *nasci assim*. Nesse sentido, *afásica* se alinha ao significante *doente e saúde*.

Uma outra razão é a questão mesma da perfeição. LC, conforme se verá no próximo recorte, diz que Deus só seria perfeito se fosse construído por *um remédio, uma droga construída com andróides vivos*<sup>92</sup>. Não consigo, por isso, deixar de ver uma semelhança entre esse e o NONO RECORTE, na medida em que há muitos momentos em que

<sup>90</sup> A questão do pai e a da mulher são temas que no dizer de LC são da ordem de um não saber. Há outros momentos em que essa relação com o pai comparece como um enigma, uma vez que ele não sabe se seu pai tem o sangue igual ao dele. A relação de LC com o pai se constitui como um enigma também para quem escuta sua fala, pois ficamos impossibilitados de saber qual é o estatuto desse pai para ele. Veremos, mas adiante, que esse pai por vezes se confunde com Deus e com Cristo.

<sup>91</sup> Idem, p.78.

<sup>92</sup> Ver página 60-61.

a figura do pai se confunde com a de Deus e de Cristo. Porém, tocar nesse ponto é adentrar caminhos que fogem ao escopo desse trabalho. O que quero mostrar é a relação entre angústia e reconstrução. E a palavra que tem efeito neológico *alfásica* instaura no meio de uma cadeia, em que apenas escutamos significantes ligados à eletricidade, tema “preferido” no delírio, a possibilidade de ler essa oscilação em questão: a debilidade na perfeição.

Talvez esteja aí mesmo a possibilidade de uma leitura. Se, para LC, *o sangue especial*, que é um *sangue tipo O negativo*, é eletricidade, então, encontramos a correlação com *alfa*. A *transusão* no pai só seria possível por uma *descarga elétrica* porque seu sangue é eletricidade. Tal operação possibilitaria ao pai ter o sangue igual ao dele. Pelo fato de o pai não ter o sangue igual ao dele, isso também é motivo de perseguição: querem obrigá-lo a *ficar quieto*, o que dá a escuta *afásico*. Num dado momento LC diz:

**OITAVO RECORTE:**

(LC conta a Picardi que é que aconteceu para ele sentir uns “negócio estranho” na cabeça)

LC: Foi lá na escola, né? Eu estudava lá nesse colégio, **começaram a me obrigar a ficar quieto, a não falar, não sei o quê, porque eles sabiam do meu pai, né?** Que meu pai era doente, **sabiam que meu pai era doente.**

Picardi: Seu pai é doente?

LC: **É, que meu pai tinha o sangue AB.** Eles começaram a me...e descobriram isso aí meu segredo, né?, começaram a me chamar de bruxo, de nazista, me chamar de pecebista, fascista, me chamar de negro também uns falavam, invertiam a cor, outros falavam que eu era racista, que eu num gostava de negro, cada um tinha uma mania.<sup>93</sup>

59

Então, poderíamos talvez explicar *alfásica* como uma condensação da ideia delirante de que é só por meio da eletricidade, que equivale a seu sangue especial, que lhe dá a perfeição – e nesse sentido ser mais que Deus ou se equiparar a ele –, que poderá ocorrer uma reconciliação consanguínea com o pai, e portanto, cessaria a perseguição de que é vítima.

Temos pois delineada a dimensão daquilo que pode suscitar angústia. Mas temos também a direção que aponta para a reconstrução; uma vez que está apontada a tentativa de defesa. Mas, afinal, contra quê LC se defende? Essa é a pergunta de Calligaris, que dá a seguinte resposta: “Contra o que seria, imaginariamente, o seu destino se ele não se defendesse se estruturando: ser – reduzido ao seu corpo – o objeto de uma Demanda imaginária do Outro, se perder como objeto do gozo do Outro.” (Calligaris, 1989, p.14)

---

<sup>93</sup> Idem p.80.

## A RECONSTRUÇÃO: “Controlo o mundo... com o pensamento.”<sup>94</sup>

Já pudemos notar logo no primeiro recorte que a reconstrução delirante se dá a ver, no dizer psicótico de LC, nos momentos em que ele tenta se situar como uma “pessoa” que sabe tudo, que é perfeito e, como veremos, que controla o mundo. Coloco aspas em “pessoa” porque, efetivamente, se trata mais de situá-lo como diferente, superior, muito evoluído; e isso se dá pela via da localização na palavra de um sentimento de ser um *robô*<sup>95</sup>, uma *máquina perfeita*<sup>96</sup>, uma *máquina radioativa*<sup>97</sup>, um *andróide* e, mais ainda, um *lóide* (como veremos). Todos aqueles significantes recorrentes no discurso da ciência, mormente da eletrônica, fornecem o material para a construção desse mundo. *Eu nasci estudando a eletrônica*<sup>98</sup>, é o que ele afirma num dado momento.

Note-se que o significante *nascer* é repetidamente mencionado nos momentos em que se instala em seu dizer uma grande certeza, uma certeza inabalável. É a certeza ou convicção delirante de que ele sabe tudo. É o fenômeno da ‘crença delirante’ que atesta que estamos diante da reconstrução – como pudemos ler em Calligaris.

É inequívoco o seu conforto com a eletrônica. LC aí é um ser potente, poderoso. Aí, como já notamos, sua linguagem toma um outro aspecto: ele tem mais segurança em seu delírio. Séglas (1892), como Snell e Freud, já havia notado esse fenômeno quando comparou os “forjadores de sistemas científicos” aos delirantes, chamando ambos de “logólatras”<sup>99</sup>. Nos termos de Freud ([1915] 2006, p.46), sua linguagem fica mais “floreada” e “rebuscada”.

Recorto o trecho em que o sentimento de potência logra encontrar uma palavra que significantize essa posição poderosa e única. É o único momento em que encontramos uma palavra que localiza (encapsula) essa potência ao máximo, que é *loide*. Leiamos:

### NONO RECORTE:

Picardi: O quê que é ideologia, LC?

LC: [...] Talvez ideologias, né tia? Ideologias como uma forma de criar Deus. Conceitos químicos, físicos, matemáticos, genéticos, científicos, conceitos científicos (gráficos) ainda que com todo aquele peso, eles só descobriram um modo de fazer ele mandar... nas coisas.

Picardi: Quem?

LC: **Deus. Fizeram ele só mandar. Mas acho que prá ele ser perfeito mesmo, ele necessitaria assim dum choque, dum raio, de um remédio, de uma droga construída por andróides vivos mesmo, aqueles que já tinham mais borbulhação elemental.**

<sup>94</sup> São todas falas de LC. Ver ANEXO, p.91 e p.82.

<sup>95</sup> Idem, p.98

<sup>96</sup> Idem, p.87.

<sup>97</sup> Idem, p.85. Note-se que ao longo de três dias, 22 e 29/05/1995 e 27/06/1995, isso persiste.

<sup>98</sup> Idem, p.98.

<sup>99</sup> Ver citação nas páginas 38-39. E, como já foi assinado, Snell (1852) também chamou atenção para esse fato (ver página 30).

Picardi: Quem são os andróides?  
 LC: Alguns andróides que já existissem assim no mundo, né?  
 Picardi: Existem andróides no mundo?  
 LC: Eu acho que existe, **eu acredito que existe.**  
 Picardi: **Você falou uma vez que você achava que você tava virando um andróide?**  
 LC: **Eu virei mesmo.**  
 Picardi: Como que é isso, LC?  
 LC: É o **conhecimento** que eu tenho, o modo de organizar as coisas, de interpretar e de fazer funcionar *associvamente*, perto de gente, né? **E tenho também um, vamos dizer caracteres, a força da saúde também, tia. Força da saúde da gente de sangue tipo A negativo que corre na minha veia.** Essas coisas assim.  
 Picardi: Mas como que você começou a virar um andróide, como você percebeu isso?  
 LC: **Eu nasci assim, tia.**  
 Picardi: Você nasceu assim?  
 LC: Eu nasci assim.  
 Picardi: Mas o que é ser um andróide?  
 LC: Ah, **ser um andróide..., ser andróide é controlar o mundo**, tia, controlar o mundo: a vida de cada um, a matéria, os sonhos, as idéias, o sexo, a família, a distração, a ginástica, a eletrônica, a mecânica, a guerra, os pensamentos, o afloramento pensamental, as distâncias, os metros, os quilômetros, os centímetros, os milímetros, os segundos, os dias, as noites, os tempos, as semanas, os anos, os decênios, os milênios, os séculos, os milhões de anos, a lembrança, o ponto, o local, a tangência, a hidrologia, coisas assim tia.  
 Picardi: Você controla isso tudo?  
 LC: **Controlo tudo isso, tia.**  
 Picardi: **Como?**  
 LC: **Com o pensamento. Que eu sou mais *lói*de do que um andróide, né?**  
 Picardi: **Que que é *lói*de?**  
 LC: **Sou mais um *lói*de, um ser muito especial, muito evoluído, né?, um ser muito evoluído que entende de tudo, ser muito evoluído que tem um agasalho, né?, prá sair na rua de um lugar para o outro, agasalho prá sair de um lugar pro outro.**  
 Picardi: Que agasalho?  
 LC: **Mas andróide mesmo seria a forma da matéria da gente.** As estrelas que tem no corpo. Por exemplo, sabe, tia? **Sabe o que falta prá mim me tornar um andróide especial?**  
 Picardi: Hum?  
 LC: Só uma estrelinha do mar, sabe aquelas estrelinhas que dá no mar, estrelinha de água salgada?  
 Picardi: Sei.  
 LC: Só faltava eu comer uma delas<sup>100</sup>

61

Esse trecho é muito representativo ao mostrar: (a) os pontos em que notamos a atualização de séries de determinados significantes – quase as mesmas séries já observadas na seção anterior, os *conceitos físicos, químicos, matemáticos, genéticos* entre outros –, e outra sequências de significantes em trânsito – *remédio, choque, sangue, andróide* etc. –; (b) a instalação do tema delirante da *perfeição*; e (c) o momento em que isso cai, momento (de angústia) em que observamos uma deriva e um “retorno” daquilo que falta a sua *saúde* – *falta comer* – para ser um *andróide especial*. Em suma, dá-se a ver o momento de condensação num significante, isto é, a significantização do poder de LC na palavra que tem efeito neológico *lói*de, bem como a não sustentação dessa posição.

Atentemos ao trânsito dos significantes. Lembremos que os significantes *remédio* e *droga* remetem à *falta de saúde*, anteriormente significantizada na palavra que tem efeito

<sup>100</sup> Idem, p.82.

neológico *alfásica*. Eles estão, por outro lado, alinhados ao significante *choque*, que é aquilo que permite a *Deus ser perfeito*. Note-se também que o significante *remédio* remete àquilo que se *faltar* pode provocar um *efeito trágico*. Temos, então, nesse momento os significantes que, por um lado, apontam para a *saúde terrível*, mas se configuram, por outro lado, como uma solução para atenuá-la. É a partir disso que é possível escutar uma *falta* atualizada em *andróide*.

Contudo, o termo *andróide*, que é um termo muito utilizado em histórias de ficção científica, progressivamente alinha-se à *perfeição*, até mesmo porque constitui aquilo que possibilita a perfeição de Deus. *andróide*, nesse sentido, está no lugar da perfeição, embora carregue uma marca da *saúde*. Prova disso é quando LC diz que é preciso *comer* uma *estrela do mar* para se tornar um *andróide especial*. O significante *andróide* tem uma significação híbrida. Por isso, na constelação significativa de LC, traz a marca da *falta*, isto é, daquilo que pode suscitar angústia; o que se faz presente em outros momentos do *corpus*, por exemplo:

DÈCIMO RECORTE:

Picardi: [...] O quê que você desenhou?

LC: Hum? Um **robô**.

Picardi: Um robô?

LC: **É igual ao que eu penso que eu sou.**

Picardi: **É complicado esse seu robô.**

LC: **Por isso é que eu sou assim. [...]**<sup>101</sup>

62

Voltemos, entretanto, ao NONO RECORTE, a *andróide*. Embora esse significante aponte para o que *falta*, ele é progressivamente enredado num arranjo significativo que toma LC e que aponta progressivamente para a *perfeição*. E é por essa via que LC irá se enredar. Essa trama se constrói passo a passo, como verificamos no arranjo dos significantes mobilizados: *acredito que existe andróides no mundo* → *virei um andróide* → ***nasci assim*** [*um andróide*] → ***sou mais um lóide*** do que um *andróide*...

É notável a importância, para o avanço rumo à posição poderosa no mundo, do sintagma ***nasci assim***. Marca disso é que ele comparece na posição anterior à posição do sintagma *eu sou mais um lóide*. É só depois que ele diz *nasci assim*, um *andróide* que ***controla o mundo... com o pensamento***, que ele diz: **[É] que eu sou mais um lóide do que um andróide**. É como se, ao dizer *nasci assim*, operasse uma “transferência” desse poder à *lóide*, palavra com efeito neológico que irrompe, encapsulando assim o poder de *controlar tudo*. Essa transferência, contudo, como vimos no primeiro capítulo, não tem a ver com a que está

---

<sup>101</sup> Idem, p.98.

em jogo nos processos de surgimento de um “neologismo” (ver nota 11), mas tem a ver com aquilo que diz Freud ([1915] 2006, p.47), a saber, transferências de cargas de investimento de um significante a outro; significantes esses vinculados no delírio. Isto é, dizem respeito a processos subjetivos (e delirantes), e não se reduzem aos processos de formação de palavras na língua. Vejamos, ainda, como nessa transferência está em jogo o material significante que está disponível na formação delirante.

Nesse processo, outros significantes são enunciados: ...*andróide* → *o conhecimento* → *força da saúde* → *sangue de tipo A negativo* → *nasci assim* → *andróide* → ***controlar o mundo*** → ***o pensamento*** → *lóide*. Grifo os significantes que produzem uma “virada” naquilo que poderia significar *andróide*: à medida que são mencionados, mais forte e condensada se torna a “ideia delirante” da perfeição no mundo. Isto é, de que detém um conhecimento e um modo de interpretar e organizar; enfim, de que essas palavras dão a prova por elas mesmas da excepcionalidade de LC no mundo. Observe-se que, a partir do sintagma *Força da saúde da gente de sangue tipo A negativo que corre na minha veia*, esse *sangue* já é o *sangue especial* que está em jogo no TERCEIRO RECORTE: um *sangue* que é ‘eletricidade’<sup>102</sup>. Embora apareçam os significantes *saúde* e *sangue*, eles estão inteiramente imiscuídos em meio aos significantes *conhecimento*, *força* e *negativo*; são aí “objetos” de poder. Logo após comparece o significante *nasci*. Com esse significante, como já vimos, instala-se marcadamente a crença delirante da superioridade no mundo, que é *controlar o mundo* – [eu] *controlo tudo com o pensamento*. Veja-se como a linguagem de LC, a partir de então, torna-se “rebuscada”: palavras são mencionadas como uma “declamação” quase “poética” de sua superioridade. Há menos errância ou deriva significante. As séries se mantêm: são conceitos psicológicos, conceitos físicos, unidades de medidas físicas e de tempo, conceitos geométricos, etc. Há uma cadência em sua fala. O significante *andróide*, a partir de então, já não tem mais a significação que tinha antes; “algo a mais” se instala. Com efeito, se *andróide* traz em si a marca da *falta*, urge a necessidade de outro significante para encapsular, isto é, significantizar toda essa excepcionalidade e superioridade de LC. Eis então que irrompe *lóide*.

Notemos que esse “algo a mais” que é significantizado em *lóide* pode ser escutado na própria estrutura do enunciado *Que eu sou mais um lóide do que um andróide*; e é por isso que o coloco sob a forma de título deste capítulo. Nele se produz um eco. Porém, não é mais a

---

<sup>102</sup> O que é muito interessante observar é que em momento algum LC diz isso, embora na leitura do *corpus* isso salte na nossa cara, como podemos ver nos diversos recortes e citações que faço. Notemos que o que parece estar em jogo é que *sangue* e ‘eletricidade’ correm por vasos e fios, o que permite realizar tal equivalência.

ressonância produzida por alguns paradoxos presentes em sua fala (nos momentos de deriva). Trata-se de um eco produzido pela justa presença do sufixo *-oide* tanto em *andróide* como em *lóide*. Se *andróide* antecede na fala *lóide*, mas se no sintagma em questão *lóide* se antepõe àquela palavra, seria possível pensar que *lóide* é um derivado de *andróide*? Não penso que seja simples assim. Não se trata de uma simples “amputação” ou “mutilação” de palavras<sup>103</sup>. O que observamos é um efeito do significante: *andróide* fornece material significante a *lóide*; daí o eco. Ademais, a própria estrutura sintagmática do enunciado nos permite escutar isso: dizer *eu sou mais um lóide do que um andróide* é retirar toda a carga de importância dessa última palavra transferindo-a àquela palavra que tem efeito neológico. Como vimos acima, essa transferência implica ainda uma condensação de “ideias delirantes”.

Nesse sentido, a palavra que tem efeito neológico *lóide* encapsula as “ideias delirantes” em jogo na formação delirante, uma vez que *andróide* porta em si, ou seja, em sua forma um elemento que remete a *saúde terrível*. Por consequência, *andróide mesmo seria a forma da matéria da gente*.

Esse encapsulamento, por outro lado, não se produz sem uma mobilização do significante na formação delirante. Trata-se de uma palavra com efeito neológico porque ela é efeito dessa mobilização e desse encapsulamento. A significação de *lóide* é efeito dos processos de significantização inscritos no delírio. *Sou mais um lóide, um ser muito especial, muito evoluído... que entende de tudo*. Eis uma fala que é oposta àquelas que situam o desmoronamento, a catástrofe subjetiva, a perplexidade e angústia. Não há oscilação, só certeza. Por isso, esse é um lugar privilegiado. *lóide* é uma palavra que logra situar LC como diferente, como excepcional, superior, poderoso em seu mundo, e, ainda, não é demais escutar, por conta disso tudo, o significante ‘lorde’. Temos, pois, o papel da palavra que tem efeito neológico na reconstrução delirante.

Há, porém, outra explicação que vem se juntas a essas; ou talvez venha complementá-las, senão reforçá-las. Ela é efeito da escuta desse eco, pois ao escutá-lo no enunciado *Que eu sou mais um lóide do que um andróide*, escutamos também, efetivamente como um eco, o significante *debiloide*. Essa escuta não é absurda se atentarmos aos processos analógicos possíveis na língua. E é possível na língua portuguesa dizer: “Eu sou mais um *lóide* do que um *debiloide*”, como se se quisesse, por analogia, dar um sentido lexical à última

---

<sup>103</sup> Cf. Neisser (1890 e 1897); De Sanctis e P. Longarini (1900); Stransky (1905) e Travaglino (1911); dentro outros exemplos presentes em Bobon (1952).

porção dessa palavra, *loide*, transformando a outra porção, *debi*, num prefixo negativo. Saussure mencionou esse processo<sup>104</sup>.

No dizer de LC *lóide* tem efeito neológico justamente porque esse processo não resulta numa forma reconhecida como atualizada pelo falante. Contudo, *lóide* é uma forma possível<sup>105</sup>. Se tomamos essa forma possível no enunciado em questão, vemos mais um motivo para afirmar que *lóide* condensa as ideias de uma superioridade, de um ser para além do homem que controla o mundo com o pensamento, atenuando significativamente a angústia.

Como uma forma possível embora não atualizada, *lóide* é insólita. Na formação delirante de LC é opaca, pois não há um passo de sentido (como há no chiste produzido na situação descrita na nota 105). É no seu dizer psicótico, isto é, é no processo de reconstrução que podemos depreender que essa palavra é uma condensação das “ideias delirantes” em desenvolvimento numa cadeia de pensamentos – para usar o termo de Freud (1915) -. Isto é, *lóide* condensa a ideia de que LC é um ser superior e perfeito que controla o mundo com o pensamento, com as palavras.

Há, com efeito, uma espécie de transferência e condensação das “ideias delirantes” que culminam em *lóide*. E é interessante observar que quando essa palavra irrompe, há uma “encenação da subjetividade”: um trabalho se dá a ver. Nos termos de Lacan, é uma “encenação da subjetividade”<sup>106</sup> porque se dá a ver uma reação, uma construção. A “linguagem do delirante” se constitui como um abrigo para ele, atenuando sua angústia ao situá-lo como um *lóide*; e é aí que ele se sente confortável, em seu habitat, que, note-se, é tecido de palavras. Cito Lacan:

[...] uma outra linguagem, e uma linguagem de um sabor particular, muitas vezes extraordinária, que é justamente a linguagem do delirante, essa linguagem onde certas palavras ganham um acento, uma densidade especial, e que é o que se manifesta algumas vezes na forma mesma da palavra, na forma do significante, isto é, que dá à palavra um caráter francamente neológico que é algo impressionante nas produções da paranoia. (Lacan, 1955-56, p.41 ou 30.11.95, p.5)<sup>107</sup>

<sup>104</sup> “A língua passa seu tempo a interpretar e a decompor o que há nela da contribuição das gerações precedentes – essa é a sua profissão! -, para em seguida com as subunidades que obteve, combinar novas construções.” (1.386.2573.2 I Rie, *apud* Bouquet, 2000, nota 39, p.140).

<sup>105</sup> Tanto é que ela compôs parte de um título do filme famoso de Peter e Bobby Farrelly, qual seja, *Debi&Lóide: Dois idiotas em apuros* (1994), que é uma tradução do original *Drumb and Drumber*. Nessa tradução genial é uma letra que inscreve no seio da palavra ‘debiloide’ um jogo de significantes que abre à escuta significantes e sentidos outros, dando o tom do humor.

<sup>106</sup> Cf. Lacan, 1955-56, p.40 ou aula III de 30.11.95, p.4. Na versão editada, ver Lacan [1955-56] 1981, p.41 e, em português, Lacan, [1955-56] 2002, *idem*.

<sup>107</sup> [...] *un autre langage, et un langage de cette saveur particulière, quelquefois souvent extraordinaire, qui est justement le langage du délirant, ce langage où certains mots prennent un accent, une densité spéciale, et qui est celui qui se manifeste quelquefois dans la forme même du mot, dans la forme du signifiant, c'est à dire qu'il*

A palavra que tem efeito neológico no dizer psicótico se localiza num ponto culminante da formação delirante, o ponto de instalação mesma da crença delirante, ponto em que ocorre uma condensação das “ideias delirantes” e uma síntese significativa. Essa crença delirante, no dizer psicótico de LC, é marcada pelo aparecimento do sintagma *nasci assim*.

É preciso enfatizar que não estou dizendo que o sintagma *nasci assim* é aquele que vem instalar a convicção delirante. Ele se constitui como uma marca linguística que no dizer psicótico de LC dá a ver que de fato estamos diante dessa crença. As formações que culminam na significantização da “ideia delirante” de poder, de superioridade e de excepcionalidade no mundo se fazem presentes em determinados momentos sem que esse sintagma privilegiadamente compareça. Trata-se de um indício relevante por sua frequência de ocorrência em posições que antecipam a irrupção de palavras que têm efeito neológico. Além disso, sua carga semântica é muito forte. De fato, há momentos em que ele não aparece e que aparecem também palavras de efeito neológico, como veremos no próximo exemplo. Contudo, fica a questão da importância desse (tipo de) sintagma como um elemento decisivo para a irrupção de um significante que situe o delirante como um “ser” poderoso. A formulação dessa questão ganha sentido a partir da leitura do trecho que abordarei abaixo.<sup>108</sup> Nele, embora seja enunciado também um ser poderoso, esse ser só comparece no plano descritivo, não é denotado por um significante.

Não obstante, todas as tendências que observamos no plano do significante, apontadas acima, são igualmente verificadas neste trecho. Leiamos:

DÉCIMO PRIMEIRO RECORTE:

LC LÊ A DEFINIÇÃO DE ANEL ESCRITA POR ELE A PEDIDO DE PICARDI: [...] “compensado rústico envolvente demais, demais mesmo”. Compensado rústico, é rústico.

**Eu:** O quê que é rústico?

**LC:** O anel, doutora, o anel da cabeça da gente, esses anéis que a gente tem dentro da cabeça, pequenos *plasmoglinfos*.

**Eu:** Pequenos o quê?

**LC:** *Plasmoglinfos*. Pequenos *plasmoglinfos*.

**Eu:** O que que é *plasmoglinfos*?

---

*donne au mot un caractère franchement néologique qui est quelque chose de si frappant dans les productions de la paranoïa.* Nas versões editadas, ver Lacan [1955-56] 1981, p.42 e, em português, Lacan, [1955-56] 2002, idem.

<sup>108</sup> Bem como ganha pertinência se aproximarmos da discussão realizada acima sobre a relação que LC tem com o saber. Quando esse não saber se projeta no outro sob a forma de uma certeza de perseguição, instala-se a perplexidade, o enigma e a angústia. Quando ele tem a ver com o tema da perfeição e há na cadeia falada uma atualização de uma constelação de significantes ligados à ciência, esse saber se configura como uma magnificação do eu do psicótico. Note-se que, para avançar nesse ponto, seria preciso aprofundar a discussão sobre perplexidade, angústia, estrutura do delírio, saber e discurso científico.

LC: É a forma de arco que eu falo, né? Pequenos *plasmoglinfos*, reticulares sem manipulação, sem interferômetro, são interferentes, são resistocados, né? *Resistocados*.

Eu: Mas o quê que é *plasmoglinfos*?

LC: São os recromossomos aí, né?

Eu: O quê?

LC: *Recromossomos*.

Eu: Mas o quê que é *recromossomos*?

LC: O que tem na cabeça da gente, né?

Eu: Me explica o que é *recromossomo*.

LC: É uma forma indivisível da matéria, inquebrantável, desmontável só pelo curso do funcionamento, que num deve se desligar sozinha, nem por ninguém, que não há ordem de desligar mesmo, existe o extrato nitrólito dela, são os fusíveis RST de três ampéres cada um, para por base em fase RST e depois é um circuito assim anti-dor, né? Seria uma evasão da fé onde se consegue sentir nem dor, nem cansaço e o cansaço alimenta. Nem dor nem cansaço e o cansaço alimenta. Que nem falava Jesus dessas coisas.<sup>109</sup>

Como nos anteriores, observamos uma concentração de significantes do universo da eletrônica. Há, porém, dois termos exorbitantes: *plasmoglinfo* e *recromossomo*. As outras duas palavras que têm efeito neológico, quais sejam, *resistocado* e *extrato nitrólito*, remetem à terminologia da eletrodinâmica e eletroquímica. Aquelas duas palavras são exorbitantes apenas no que diz respeito à forma: seus constituintes são elementos mórficos que remetem, em parte, ao discurso da biologia, mais precisamente da hematologia, *plasma*, e da genética, *cromossomo*. É interessante observar, a esse respeito, a “circularidade” entre essas duas palavras: *pequenos plasmoglinfos* são *recromossomos*.

67

Note-se que entre esses dois significantes há outros: *plasmoglinfo* → *reticulares sem manipulação* → *sem interferômetros* → *resistocados* → *recromossomo*. A relação entre eles é perfeita: *reticulares* forma uma rede sem manipulação – não é difícil lembrar da fala de LC em que ele diz: *Qualquer ser humano é assim [...]. Uma espécie de uma máquina, de um testador... De transistor. Testador de transistor de força, de eletricidade, de alimentação, comportamento, de forma infalível.*<sup>110</sup> Bem como quando ele diz:

#### DÉCIMO SEGUNDO RECORTE:

[...] inventaram uma máquina mais superior que essas porcarias que eu tenho em casa. [...] [Máquinas que eu tenho] no cérebro. Neurônios, neurônios especiais, neurônios muito especiais. [...] É o alimento, tia. A força da percepção, da inteligência e a força da compreensão. Um líquido, tia, que nasceu no meu cérebro, percebo tudo, sei tudo.<sup>111</sup>

A partir disso é possível escutar o eco que por si só já explica a formação da palavra que tem efeito neológico *resistocados* e, também, da palavra *recromossomos*. É como

<sup>109</sup> Idem, p.93.

<sup>110</sup> Idem, p.88.

<sup>111</sup> Idem, p.87.

se LC dissesse: os *plasmoglinfos* são/formam uma rede sem manipulação (leia-se: sem controle), sem interferômetros<sup>112</sup> e são **resistocados**, isto é, é um estoque (*estocados*) de *resistores*<sup>113</sup> (significante que remete, por similitude fonética, ao significante *transistor*<sup>114</sup>), que são os *recromossomos*. Note a atualização da constelação de significantes do discurso da eletrônica que se condensam em *resistocados* e *recromossomos*. Há eco entre esses dois significantes.

Ou melhor, se escutamos bem o sintagma em que aparecem essas duas palavras, percebemos o fenômeno (significante) da aliteração: *Pequenos plasmoglinfos reticulares sem manipulação, sem interferômetro, são interferentes, são resistocados*; e o último termo: *são os **REcromossomos***. É um movimento que, se se inicia com a explicação do que é *plasmoglinfo*, então o próximo termo só poderia ser *REcromossomo*. A palavra que tem efeito neológico *plasmoglinfo* não interrompe a lógica desse processo, uma vez que o termo GLinfo designa, na linguagem computacional, um “programa engrenagem” que possibilita a um software que ele seja rodado. É uma produtividade significativa notável que soa como poética: um significante desliza para outro numa cadência muito produtiva.

Essa produtividade, mediante todos os significantes que ela mobiliza – que se constitui efetivamente numa constelação dos significantes que ele não se cansa de enunciar, que são *os conceitos físicos, químicos, matemáticos, genéticos*<sup>115</sup> –, culmina na impressionante descrição do que ela significa: *É uma forma **indivisível da matéria, inquebrantável, desmontável só pelo curso do funcionamento, que num deve ser desligada sozinha, nem por ninguém, que não há ordem de desligar mesmo, existe o extrato nitrólito dela, são os **fusíveis RST de três ampères cada um*****<sup>116</sup>, *passa por **base RST** e depois é um **circuito assim anti-dor, né?*** Ora, poderia existir *uma forma* tão mais poderosa e perfeita como essa?

É inegável que estamos diante de uma fantástica construção, uma construção que faz lembrar *lóide*. Pois, se lembramos o que *lóide* significa do ponto de vista de LC, encontramos nesse último trecho a descrição do poder e a infalibilidade de sua forma.

---

<sup>112</sup> “Instrumento em que ocorre interferência de luz ou de ondas eletromagnéticas, utilizado em medições de alta precisão.” Há dois tipos: ‘interferômetro de base muito longa’ e ‘interferômetro radioelétrico’ (cf. Dicionário Aurélio). Lembro-me, com essa explicação de outra fala de LC: [*eu me sinto*] *uma pessoa controlada como se fosse um sistema de rádio*. (ver QUARTO RECORTE)

<sup>113</sup> “Componente de um circuito elétrico que apresenta resistência.” (cf. Dicionário Aurélio)

<sup>114</sup> “Dispositivo constituído por semicondutores, e que pode funcionar como um amplificador de maneira análoga a uma válvula eletrônica.” (cf. Dicionário Aurélio)

<sup>115</sup> Notemos a mesma série que comparece em outros recortes.

<sup>116</sup> Note-se que “fusível RST” é um fusível, dispositivo de proteção elétrica, cujas fases de alimentação (de eletricidade) são R, S e T. LC fala efetivamente de uma corrente trifásica, cada qual com três ampères.

O que é ilustrativo desse trecho é a concentração de todos os significantes que fornecem o material para a reconstrução do mundo de LC. E nesse processo as palavras que têm efeito neológico têm uma função construtiva: elas condensam as “ideias delirantes”, encapsulando-as num processo que envolve uma produtividade do significante. Essas palavras tomam seu material dos significantes em jogo no delírio. E são, todas elas, formações que estão sempre imiscuídas, umas mais e outras menos, na constelação de significantes em jogo na construção do edifício delirante. Seu papel, no dizer psicótico de LC, é situá-lo como diferente, como excepcional. Significatiza, então, seu “ser” numa forma significante que tem efeito neológico. E aí não há lugar para a angústia.

Pode-se chegar a uma importante conclusão com essa discussão: o discurso da ciência, notadamente da eletrônica, fornece, para LC, o material para a reconstrução. São nos momentos em que comparecem as séries de termos técnico-científicos, que, note-se, se mantêm, que observamos não só uma atenuação da angústia como também a construção de um lugar, com palavras, em que LC possa habitar. Esse lugar é o delírio, recheado de termos científicos. É, sobretudo, nesse lugar em que comparecem as palavras de efeito neológico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo discutir e analisar o estatuto da palavra que no dizer psicótico tem efeito neológico. Empreender, contudo, tal discussão mais abre questões do que as fecha.

A palavra que tem efeito neológico não é um neologismo porque é uma forma possível na língua e não reconhecida como atualizada pelo falante. Ela fica restrita à fala do sujeito. No caso do dizer psicótico, fica restrita ao delírio em que está imiscuída.

Deparo-me, com isso, com a necessidade de rever um dos pontos de partida que me levou a este estudo. Qual seja, que a palavra que tem efeito neológico tem a ver com a produção da opacidade semântica do dizer psicótico.

Ora, a análise aponta justamente o contrário. É no momento em que, no dizer de LC, são atualizadas séries de significantes que têm particular importância para ele; é no momento em que rimas, aliterações e toda uma produtividade significativa é escutada em seu dizer; é no momento em que LC tem mais segurança e, portanto, no seu dizer há menos errância ou deriva que observamos a aparição de palavras de efeito neológico. Essa palavra está do lado do que, nesta dissertação, chamei de reconstrução.

Note-se a dificuldade de analisar *alfásica*, pois ela está localizada no dizer de LC num momento de particular angústia. Isto é, no momento em que ela irrompe, há errância e, além disso, também podemos notar, ela está ligada a “ideias delirantes” que remetem a temas associados a perseguição, perplexidade e angústia, encapsulando-as. Contudo, trata-se de um momento em que também observamos a atualização de cadeias significantes que contêm termos técnico-científicos que têm uma significação especial no delírio de LC. Embora essa oscilação dificulte a análise, a presença desses termos abre a possibilidade de ler as representações em trânsito no delírio, e, por conseguinte, as possíveis condensações que estariam em jogo na formação de *alfásica*.

Ou seja, não é a palavra que tem efeito neológico que produz opacidade no dizer psicótico, mas sim a estrutura do delírio. Mas por que ela é produzida? Essa é uma pergunta de particular dificuldade, pois exige discussões mais profundas no que se refere à tese de que existe uma diferença estrutural entre neurose e psicose. Contudo, é possível, a partir de tudo o que foi discutido, dizer algo sobre isso.

Essa opacidade é evidente nos momentos de perplexidade e angústia. Neles há mais deriva significativa; os temas mudam abruptamente e dão lugar à proliferação de pontos

obscuros no dizer. Nesses momentos, percebemos que a relação que LC tem com o que diz saber é determinante, pois ao dizer não saber de determinadas coisas, ele parece ter certeza de que os outros sabem que ele não sabe. Isto é, são nos momentos em que LC se defronta com um enigma – seja do pai, seja da mulher – que toda uma sorte de infortúnios recaem sobre ele, mergulhando-o em um estado de angústia e perplexidade.

O oposto ocorre quando LC sabe de tudo e é perfeito. Nesses lugares, o delírio ganha força e sua linguagem fica rebuscada, com termos sobretudo pertencentes ao universo da eletrônica. Quanto mais esses termos remetem à significação (delirante) da importância fundamental da eletricidade como componente mais que superior e que corre em suas veias, menos errância e mais coerentes se tornam as séries constituídas por esses termos e, conseqüentemente, seu dizer.

É nesse momento que irrompe *lóide*. Momento privilegiado em que LC consegue encapsular numa forma significativa a representação delirante de que ele controla todo o mundo com o pensamento, vale dizer, com as palavras, como se elas fossem coisas.

Notemos que *lóide* irrompe como efeito significativo de *andróide*, por eco. Por outro lado, essa última palavra tem a ver, como vimos, com *a forma do corpo*. Por conta disso, está ligada a representações que remetem a temas angustiantes.

Além disso, esse processo que leva de *andróide* a *lóide*, que é exemplar do trabalho delirante como um processo de significantização, parece ter como fim atenuar a angústia. Como? Pela construção de um edifício delirante em que os significantes ligados a representações negativas e aos significantes *doença*, *saúde* e *corpo* possam ser ressignificados em algo com fins superiores.

Então, ao que tudo indica, a mobilização do significante é fundamental para que a angústia seja atenuada. Com efeito, estamos diante da questão da posição do delirante frente ao enigma que suscita nele angústia. Ora, é na posição de LC frente a determinados significantes que parece constituir a possibilidade dele edificar um delírio para atenuar a angústia. Dito de outro modo, é na relação estabelecida com o significante que ele pode se reconciliar ou não com representações angustiantes. Se ele estabelece uma relação com *andróide* como algo que permite a Deus ser *perfeito*, há atenuação da angústia. Se, contudo, *andróide* se ligar à representação daquilo que lhe *falta*, eis que ressurgem a angústia. A reconciliação, então, parece ter a ver com a posição que o sujeito tem diante de determinados significantes. Estamos, pois, no bojo da questão trazida por Freud da relação que o delirante estabelece com as palavras: ele as trata como coisas, uma vez que desistiu do investimento

nas coisas do mundo. Seu dizer, nesse sentido, é opaco porque há uma primazia da relação com os significantes, e não com as coisas do mundo.

Eis que estamos diante de uma das questões que se abrem nesta dissertação: o efeito neológico é efeito dessa posição do sujeito diante do significante? Ou melhor, qual é a relação entre efeito neológico e a posição do sujeito na estrutura do delírio?

Antes de encerrar, gostaria de ressaltar que muitos conceitos psicanalíticos foram deixados de lado, pelo simples fato de que exigem um tratamento mais detido. Por conta disso, algumas questões foram deixadas para trabalhos futuros.

Uma delas diz respeito ao uso do termo ‘construção’ e ‘reconstrução’. Optei por utilizá-los não de forma sistemática, mas como sinônimos. Um uso sistemático desses termos, contudo, aponta para pontos muito interessantes. Afinal, poder-se-ia tomar a ‘construção’ como uma noção que diz respeito ao delírio crônico, ao delírio já sistematizado ou estabilizado; a ‘reconstrução’ como uma noção que diz da “reação” após o desmoronamento do mundo subjetivo do delirante. Essa diferenciação tem implicações importantes para pensar a angústia na psicose.

Além disso, há a proposta de Maleval de entender o delírio como um ‘processo de significantização do gozo deslocalizado’. Isto é, um processo mediante o qual o sujeito procura elaborar e fixar uma forma de gozo aceitável para ele (cf. Maleval, 1998, p.22). Essa proposta, na opinião de Maleval, “situa sua especificidade no posicionamento original do sujeito em relação com certos significantes” (Ibid.).

Ambas as abordagens implicam conceitos da psicanálise tais como ‘Nome-do-Pai’, ‘Forclusão’ e ‘gozo’. Trazer esses conceitos para uma discussão mais alentada do tema que é meu objeto de estudo é o que me move na direção ao doutoramento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria (2004). **Neologismos** – criação lexical. 2ª ed., 3ª reimp.. São Paulo: Ática.
- BAKHTINE, Mikhail (1977). **Le marxisme et la philosophie du langage**. Essai d'application de la méthode sociologique en linguistique. Paris, Minuit *apud* ZHENHUA, XU (2001). **Le néologisme et ses implications sociales**. Paris: L'Harmattan.
- BALBURE, Brigitte (2007). Narcisismo. In: (Roland Chemama e Bernard Vandermersch) **Dicionário de psicanálise**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, pp.255-256. [trad. Francisco Settineri e Mario Fleig do original "Dictionnaire de la psychanalyse", Paris, Larrouse, 2005.]
- BARBOSA, Maria (2001). Da neologia à neologia na literatura. In: (Ana Oliveira e Aparecida Isquerdo, orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2ª ed., pp.33-51.
- BEAUCHESNE, Hervé (1989). **História da psicopatologia**. São Paulo: Martins Fontes. [trad. Álvaro Cabral do original "Histoire de la psychopathologie", Paris, Puf, 1989.]
- BERRIOS, German E. (1998). **The history of mental symptoms: Descriptive psychopathology since the nineteenth century**. Reimpr.. Cambridge: Cambridge University Press.
- BERRIOS, German E. (1999). Falret, Séglas, Morselli, and Masselon, and the "Language of the Insane": A conceptual history. **Brain and Language**, USA, v.69, n.1, pp.56-75.
- BIÉDER, Joseph; BUBROVSKY, M.; CALLENS, H. (2002). Réflexions sur les néologismes. **Annales Médico-Psychologiques: Revue Psychiatrique**, France, v.160, pp.409-415.
- BOBON, Jean (1952). **Introduction historique a l'étude des néologismes et des glossolalies en psychopathologie**. Liège: H. Vaillant-Carmanne.
- BOBON, Jean (1962). **Psychopathologie de l'expression** – Rapport de psychiatrie présenté au Congrès de Psychiatrie et de Neurologie de Langue Française. Paris: Masson et C<sup>ie</sup> Editeurs.
- BOUQUET, Simon (2000). **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix. [Trad. Carlos A. L. Salum e Ana L. Franco do original "Introdctuion à la lecture de Saussure, Paris, Payot, 1997.]
- CALLIGARIS, Contardo (1989). **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CERESOLA, Michele (2003). Neologismi e psicopatologia. **Psychomedia Telematic Revuem**: La Rivista Telematica di PM, Roma. Disponível em: <http://www.psychomedia.it/pm/modpsy/psypat/ceresola.htm>. Acesso em: 01 out. 2007.
- COORDENAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (1993). **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Descrição clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas. [Trad. Dorival Caetano.]
- CORREIA, Margarita e LEMOS, Lúcia San Payo (2005). **Inovação lexical em português**. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.

- DASCAL, Marcelo e FRANÇOZO, Edson (1988). **The pragmatic turn in psycholinguistics: problems and perspectives**, v.15. Berlin / New York: Walter de Gruyter.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães (1991). **Saber a língua e o saber da língua**. Campinas: IEL/UNICAMP.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães (2003). *Corpo & Corpus*. In: (Nina Leite, org.) **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras/FAEP-UNICAMP, pp. 21-29.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães (2006). Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem. In: (M. Francisca Lier-DeVitto e Lúcia Arantes, orgs.) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC/FAPESP, pp.21-32.
- DE SANCTIS, Sante e LONGARINI, P. (1900). Neologismi e pseudoneologismi nei neurastenici. **Rivista Sperimentale di Freniatria e di Medicina Legale delle Alienazioni Mentali**, Itália, v.26, pp.82-94, *apud* BOBON, Jean (1952). **Introduction historique a l'étude des néologismes et des glossolalies en psychopathologie**. Liège: H. Vaillant-Carmanne, pp.56-59.
- DORGEUILLE, Claude (1995). **Les glossolalies**. Disponível em: [http://www.freud-lacan.com/articles/articles.php?url\\_article=cdorgeuille150695#](http://www.freud-lacan.com/articles/articles.php?url_article=cdorgeuille150695#). Acesso em 04 fev.2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2004). **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª ed.. Curitiba: Positivo.
- FOUCAULT, Michel ([1961] 2003). **História da loucura na idade clássica**. 7ª ed.. São Paulo: Perspectiva. [trad. J. Teixeira Coelho Netto de “Histoire de la folie à l'âge classique”, Paris, Gallimard, 1972.]
- FOUCAULT, Michel ([1963] 2003). **El nacimiento de la clínica: una arqueología de la mirada médica**. Buenos Aires: Siglo XXI. [trad. Francisca Perujo, “Naissance de la clinique”, Paris, Puf.]
- FOUCAULT, Michel (1984). **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro [trad. Lilian R. Shalders do original “Maladie mentale et psychologie”, Paris, Puf, 1962].
- FOUCAULT, Michel ([2003] 2005). **El poder psiquiátrico**. Curso en el Collège de France. 1973-1974. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina. [trad. Horacio Pons, “Le pouvoir psychiatrique. Corus au Collège de France (1973-1974)”, Paris, Seuil/Gallimard.]
- FREUD, Sigmund ([1891] 1973). **La afasia**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión [trad. Ramón Alcalde del original “Ueber Aphasie”].
- FREUD, Sigmund ([1911] 1996). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente. In: (Sigmund FREUD) **Obras completas de Sigmund Freud, Standard Edition**, v.7. Buenos Aires: Amorrortu, pp.1-76. [Trad. José L. Etcheverry del original alemán.]
- FREUD, Sigmund ([1915] 2006). O inconsciente. In: (Sigmund FREUD) **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, v.II: 1910-1920. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. [Trad. Cláudia Dornbusch et al. do original alemão.]

- HIKIDA, Takatoshi et al. (2007). Dominant-negative DISC1 transgenic mice display schizophrenia-associated phenotypes detected by measures translatable to humans. **PNAS**, v.104, n.36, pp.14501-14506.
- HINSIE, Leland E. and CAMPBELL, Robert Jean (1960). **Psychiatric dictionary**. Third edition. New York: Oxford University Press.
- LACAN, Jacques ([1955-56] 1981). **Le séminaire**, livre III: les psychoses. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil.
- LACAN, Jacques ([1955-56] 2002). **O seminário**, livro 3: as psicoses. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [trad. do original por Aluísio Menezes.]
- LACAN, Jacques (1955-56). **Le séminaire III** – les psychoses. École Lacanienne de Psychanalyse, Bibliothèque, Sténotypies - Version J.L. Disponível em: <http://www.ecole-lacanienne.net/seminaireIII.php>.
- LAMBOTTE, Marie-Claude (1996). Narcisismo. In: (Pierre Kaufmann, Ed.) **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise** – O legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp.347-356. [trad. Vera Ribeiro e M. Luiza Borges do original “L’apport freudien: éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse”, Paris, Éd. Bordas, 1993.]
- LANTÉRI-LAURA, Georges (1976). **Los aportes de la lingüística a la psiquiatría moderna**. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión. [trad. José Sazbón del original “Les apports de la linguistique a la psychiatrie contemporaine”, Paris, Masson et C<sup>ie</sup>, 1966.]
- LANTÉRI-LAURA, Georges (1989). Prefácio. In: (Paul BERCHERIE) **Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp.13-20. [trad. Vera Ribeiro do original “Les fondements de la clinique: histoire et structure du savoir psychiatrique”, 2 ed., Paris, Navarin Editeur, 1985.]
- LÉVI-STRAUSS, Claude ([1949] 1998). L'efficacité symbolique. In: (Claude LEVI-STRAUSS) **Anthropologie structurale**. Paris: Plon, pp.213-233.
- MALEVAL, Jean-Claude (1998). **Lógica del delírio**. Barcelona: Ediciones del Serbal. [Trad. Daniel Alcoba del original “Logique du délire”, Paris, Masson, 1996.]
- MORAES, Maria Rita Solzano (2002). **Letra e escrita na metapsicologia freudiana**. Texto inédito apresentado no evento “Letra e Escrita na Clínica Psicanalítica” na Escola de Psicanálise e Campinas.
- NEISSER, Clemens (1890). Ueber das Symptom der Verbigeration. **Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie und Psychisch Gerichtliche Medizin**, Berlin, v.46, p.168, *apud* BOBON, Jean (1952). **Introduction historique a l'étude des néologismes et des glossolalies en psychopathologie**. Liège: H. Vaillant-Carmanne, pp.46-48.
- NEISSER, Clemens (1897). Ueber Sprachneubildungen Geisteskranker. **Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie und Psychisch Gerichtliche Medizin**, Berlin, v.55, p.443, *apud* BOBON, Jean (1952). **Introduction historique a l'étude des néologismes et des glossolalies en psychopathologie**. Liège: H. Vaillant-Carmanne, pp.46-48.
- NOVAES, Mariluci (1995). **Os dizeres nas esquizofrenias: uma cartola sem fundos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. [Disponibilizada on-line: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000087702>]

- OZEKI, Yuji *et al.* (2003). Disrupted-in-Schizophrenia-1 (DISC-1): mutant truncation prevents binding to NudE-like (NUDEL) and inhibits neurite outgrowth. **PNAS**, v.100, n.1, pp.289-294.
- PENNISI, Antonino *et al.* (200-?). **Lettere dal Mandalari: un progetto di ricerca tra filosofia, linguística e psicopatologia del linguaggio**. Disponível em: <http://scef.unime.it/pennisi/34.html>. Acesso em: 15 mar.2008.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa (2002). O futuro da psicanálise. In: (Aristides Alonso e Rosane Araújo, orgs.) **O futuro da psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, pp.239-266.
- PETIT ROBERT, Le. (1987). **Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française**. Paris, Dictionnaires le Robert.
- PICARDI, Fernanda Duayer (1997). **Linguagem e esquizofrenia: na fronteira do sentido**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. [Disponibilizada on-line: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000113682>]
- PINCERATI, Walker Douglas (2006a). O dizer de uma mãe psicótica. **Fort-Da – Revista de Psicoanálisis con Niños**, Buenos Aires, v.9. Periódico on-line: <http://www.fort-da.org/fort-da9/pincerati.htm>
- PINCERATI, Walker Douglas (2006b). O efeito neológico – o que é que o psicótico diz? **Revista Organon** – Revista do IL da UFRGS, Porto Alegre, v.20, n.40/41, pp.107-122.
- PINCERATI, Walker Douglas (2008). Retornando ao caso Schreber, para ler o delírio. In: (Nina Leite e Flavia Trocoli, orgs.) **UM retorno a Freud**. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, pp.195-204.
- PIRO, Sergio (1987). **El lenguaje esquizofrénico**. D.F./México: Fondo de Cultura Económica. [Trad. Carlos M. Moreno del original "Il linguaggio schizofrenico", Milano, Giangiacomo Feltrinelli Editore, 1967.]
- RAJAGOPALAN, Kanavillil (2000). A relevância social da lingüística. In: **Estudos Lingüísticos**, GEL/São Paulo, v.29, pp. 33-42.
- RAMELLA, Florence C. (2004). Le fou "nosognosique" sous le regard médical: Les lettres d'Eugénie Nogarède adressées au Dr. Hans Steck. **L'Évolution Psychiatrique: Clinique Phénoménologique**, Paris, v.69, n.3, pp.451-460.
- REY, Alain (1976). Néologismes: un pseudoconcept?. **Cahiers de Lexicologie**, n.28, pp.3-17, *apud* CORREIA, Margarita e LEMOS, Lúcia San Payo (2005). **Inovação lexical em português**. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português, p.17.
- ROUDINESCO, Elisabeth et PLON, Michel (1997). Automatismes mentales (ou psychologiques). In: **Dictionnaire de la psychanalyse**. Paris: Fayard.
- SAUSSURE, Ferdinand de ([1916] 2002). **Curso de Linguística Geral** (Charles BALLY e Albet SECHEHAYE, orgs.; Albert RIEDLINGER, colaboração). São Paulo: Cultrix. [Trad. Antônio Chelini, José P. Paes e Izidoro Blikstein do original "Cours de Linguistique générale", Paris, Payot.]
- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte (1993). Neologia, terminologia, lexicologia: a descoberta do morfema. In: **História do falar e história da lingüística**. Campinas: Ed. Unicamp, pp.289-306.

- SCHREBER, Daniel Paul ([1903] 1995). **Memória de um doente dos nervos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. [trad. Marilene Carone do original “Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken”.]
- SÉGLAS, Jules (1892). **Des troubles du langage chez les aliénés**. Paris: J. Rueff et C<sup>ie</sup> Editeurs.
- SNELL, Ludwig Daniel (1852). Ueber die veränderte Sprechweise und die Bildung neuer Worte und Ausdrücke in Wahnsinn. **Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie und psychiatrisch gerichtliche Medizin**, Berlin, v.9, p.11.
- SNELL, Ludwig Daniel. ([1852] 1980). Des altérations de la façon de parler et de la formation d'expressions et de mots nouveaux dans les délires. **L'Évolution Psychiatrique: Clinique Phénoménologique**, Paris, v.45, n.2, pp.365-374.
- SOLER, Colette (1990). Le sujet psychotique dans la psychanalyse. In: (R. BROCA et al., org. et dir.) **Psychose et Creation**. Actualite de l'École Anglaise. Paris: GRAPP, pp.23-30.
- STRANSKY, E. (1905). Ueber Sprachverwirrtheit. Beiträge zur Kenntnis derselben bei Geisteskranken und Geistesgesunden. **Slg. Abh. Nervenkrankheiten**, v.6, p.1, *apud* BOBON, Jean (1952). **Introduction historique a l'étude des néologismes et des glossolalies en psychopathologie**. Liège: H. Vaillant-Carmanne, pp.100-106.
- TANZI, Eugenio (1889-1890). I neologismi degli alienati in rapporto col delirio cronico. **Rivista Sperimentale di Freniatria e di Medicina Legale delle Alienazioni Mentali**, Itália, v.15, pp.352-393, *apud* BOBON, Jean (1952). **Introduction historique a l'étude des néologismes et des glossolalies en psychopathologie**. Liège: H. Vaillant-Carmanne, pp.28-45.
- TEULIÉ, Guilhem (1925). **Les rapports des langages néologiques et des idées délirantes en médecine mentale**. Paris/Leipzig: Éd. Auguste Picard/Éd. Alfred Lorentz.
- THUILLIER, Jean (1996). **La folie**. Histoire et dictionnaire. Paris: Éd. Robert Laffont.
- TRAVAGLINO (1911). Wordnieuwvormingen. **Nederl. Tijdschr. Geneesk.**, 11, A, p.1725, *apud* BOBON, Jean (1952). **Introduction historique a l'étude des néologismes et des glossolalies en psychopathologie**. Liège: H. Vaillant-Carmanne, pp.149-152.
- ZHENHUA, XU (2001). **Le néologisme et ses implications sociales**. Paris: L'Harmattan.

## ANEXO

22/05/95

**Picardi:** E aí LC? Tudo bem?

**LC:** Eu tô melhor tia, eu tô melhor. Ainda sofro a mesma crise que eu soma de pequeno.

**Picardi:** Que que você sofria quando você era pequeno?

**LC:** Eu sofria de... como fala? Uma espécie de paralisia misturado com agilidade, né? Agilidade corporal misturado com paralisia ao mesmo tempo no cérebro e um calor estranho no corpo.

**Picardi:** Você sentia isso desde que você era criança?

**LC:** Desde que eu nasci. Sabe tia eu tinha medo de pegar fogo tia.

**Picardi:** De pegar fogo?

**LC:** É.

**Picardi:** Por quê?

**LC:** Porque eu tinha tudo na minha cabeça especial, energia, forma, tudo, né? Mas existia um líquido na minha cabeça que ainda tava fora do lugar, tava fora do lugar, eu não sei se o líquido tinha que sair ou tinha que se transformar numa outra coisa prá misturar junto ou se era pura e simplesmente ficar líquido mental. Num sei tia. Toda vez que eu chegava perto de uma menina, sabe? Esquentava, sabe?

**Picardi:** O quê que esquentava?

**LC:** Esquentava o cérebro.

**Picardi:** O seu cérebro?

**LC:** É.

**Picardi:** Por que que você acha que isso acontecia?

**LC:** Não sei. Acho que era atração hormonal.

**Picardi:** E agora isso não acontece mais?

**LC:** Não. Como eu tenho os hormônios muito pesado tia, então eu, aquecia o cérebro, aquecia o cérebro. Não sei se era por causa dos hormônios ou porque que era que aquecia.

**Picardi:** Hum?

**LC:** Não sei.

**Picardi:** Tem muito tempo que você faz tratamento aqui LC?

**LC:** Tem tia.

**Picardi:** Tem quanto tempo?

**LC:** Aqui faz quatro anos. O que eu acho sabe, tia? É que, Pô!, a gente leva a vida na boa., né? Trabalha de tudo quanto é jeito, faz tudo quanto é coisa, tudo quanto é serviço, tudo quanto é ideologia, mas falta assim é um ... um reparo na gente, sabe, tia? Que a gente é dependente de saúde muito terrível. Tudo que a gente faz no mundo, a gente faz pro bem dos outros, né? Faz pro bem dos outros, a gente faz prá solucionar o problema deles.

**Picardi:** Deles quem?

**LC:** Das pessoas do mundo, das pessoas do mundo, como se fosse um tira, um médico, um advogado assim misturado, um Batman, um Capitão América, um Thor, um Robim, coisa assim, né? Mas, falta, falta a parte feminina, a parte dos amigos, os homens (incompreensível)

**Picardi:** Você não tem amigos aqui, LC?

**LC:** Num tenho direito, tia, porque todos os meus amigos eles são amigos, tá certo? São amigos, mas no fundo eles querem mesmo é o meu sangue, meu sangue especial que eu tenho no corpo, sangue “o” negativo. Todo mundo quer ter o sangue “o” negativo limpo, igual o meu. Só isso. Eles lutam prá conseguir o meu sangue “o” negativo. Eles lutam prá conseguir o meu sangue “o” negativo.

**Picardi:** Por que que você acha isso?

**LC:** É, num sei, eu tenho certeza, né? É o jeito, todo mundo quer se sentir saudável e rico em sexo, ao invés de ser rico em saúde, rico em vida, em modo de viver, em comunicação e expressão, coisas assim. Eles querem passar o golpe na gente, sabe tia? Eles querem passar o golpe na gente. Eles num gosta que a gente chega perto de mulher, num sei o que e a gente sabe chegar perto de mulher.

**Picardi:** Quem não gosta LC?

**LC:** Meus colegas. Mas, às vezes a gente tem que cuidar de pai e mãe, né? Cuidar de pai e mãe.

**Picardi:** Você mora com os seus pais, né?

**LC:** É. Mas a minha mãe, tia, ela tem o sangue “o” negativo igual o meu, mas o sangue do meu pai

não, o sangue do meu pai é “ab”, é “a” ou “b”, quer dizer, “a” ou “b”, pode ser que seja “b” também. O velho não tem o sangue igual todo mundo tem. E essa operação nele prá ele ficar com o sangue igual o meu e o da minha mãe...

**Picardi:** Que operação?

**LC:** Ah, num sei uma transfusão.

**Picardi:** Hum...

**LC:** Necessitaria de uma transfusão, pro velho não ficar muito gordo, sabe? Ele engorda demais, ele engorda muito. Precisaria operar ele e... operava a gente, num sei. Mas eu ainda não descobri como que faz prá operar as pessoas.

**Picardi:** Operar de quê?

**LC:** Eu sei que precisava ser descarga elétrica, né?

**Picardi:** Descarga elétrica?

**LC:** Uma onda de columb.

**Picardi:** De quê?

**LC:** Columb. Raios Columb, energia Columb. Beta, beta ômega alfásica, beta, alfa e ômega. Tem que aplicar isso no corpo dele.

**Picardi:** Prá operar?

**LC:** É.

**Picardi:** Operar de quê, LC?

**LC:** Operar o cérebro.

**Picardi:** Hum. Prá mudar de sangue?

**LC:** É pra ele se tornar uma pessoa de sangue “o” negativo, uma pessoa de sangue “o” negativo. Que nem eu sou que nem minha mãe é.

**Picardi:** LC, antes de você começar a fazer tratamento aqui, você se tratava em outro lugar?

**LC:** Eu já tratei em bastante lugar, tia. Já tive no (incompreensível), na PUC, na UNICAMP, no Bezerra de Menezes, tive no Santa Fé, Indaiatuba, Tibiriça...

**Picardi:** Você estudava antes, né LC?

**LC:** Estudava.

**Picardi:** Que que você estudava?

**LC:** Eu estudava eletrônica.

**Picardi:** Por quê que você parou?

**LC:** Eu não consegui estudar mais, tia.

**Picardi:** Que que aconteceu?

**LC:** Eu já sabia tudo, já entendia tudo e conforme eu ia aprendendo a tirar nota, me dava um negócio na cabeça estranho.

**Eu:** O quê que acontecia? Que negócio?

**LC:** Tampava tudo as letra. As letra tampava tudo e muitas mulher assim de longe ficava mexendo comigo. Naquela época eu era mais bonitinho, né? Era mais bonitinho... agora tô feio prá caramba. Tô com a cabeça grande, deformada, num sei como é que é...

**Picardi:** Sua cabeça não está deformada.

**LC:** Isso aqui foi abaixando (coloca a mão debaixo do queixo), cresceu prá baixo. Invés de ser assim como ele era, ao invés de ser assim ou assim, diminuiu, foi prá cima, foi prá cima, não sei por quê, num sei que estória é essa.

**Picardi:** Você se lembra o quê que aconteceu, LC?

**LC:** Hum?

**Picardi:** Aconteceu alguma coisa prá você começar a sentir essas coisas na cabeça? Antes você não sentia nada, né?

**LC:** Aconteceu, tia, aconteceu.

**Picardi:** O quê que aconteceu?

**LC:** Foi lá na escola, né? Eu estudava lá nesse colégio, começaram a me obrigar a ficar quieto, a não falar, não sei o quê, porque eles sabiam do meu pai, né? Que meu pai era doente, sabiam que meu pai era doente.

**Picardi:** Seu pai é doente?

**LC:** É, que meu pai tinha sangue “AB”. Eles começaram a me... e descobriram isso ai meu segredo,

né?, começaram a me chamar de bruxo, de nazista, me chamar de pecebista, fascista, me chamar de negro também uns falavam, invertiam a cor, outros falavam que eu era racista, que eu num gostava de negro, cada um tinha uma mania. Até índio apareceu lá, sabe? Uns índio lá, lá na escola, começou a estudar lá, aí os índio também me enchia o saco...

**Picardi:** Joga seu cigarro fora, LC, vai queimar sua mão.

**LC:** Os índio me enchia o saco... depois eles arrumaram um jeito sabe do que, tia?

**Picardi:** Não.

**LC:** De me fazer tomar todo dia uma Fanta Uva, pô, achava a Fanta Uva gostosa, eu tomava uma Fanta Uva e comia uma coxinha, né? E eles, por exemplo, tomava tudo Coca-Cola, eu tava com mania de tomar Fanta Uva. E aí que eu fiquei doente, só tomava Fanta Uva, Fanta Uva, Fanta Uva ... E eles não, ao invés deles tomar Fanta Uva, eles tomava Coca-Cola, tomava Sprite, tomava, tomava uma outra que tinha 'lha', ah não, é 'ta', não é sim, não é não, é Soda Limonada Antártica, Soda Limonada Antártica e Brahma. Ficava tudo com Guaraná, uma Brahma e uma Coca-Cola, né? Tomando essas coisas e eu, quanto mais que eu queria, tomava Fanta Uva. Que eu fiquei hipnotizado, eles roubaram minha velocidade de tratamento, eles aplicavam contra eu com força bruxésima assim né? que eu não tenho, eles faziam isso prá me enrolar. Ficavam correndo atrás de mim aonde eu ia, subindo, descendo, falando, entortando, desentortando, enrolando, aonde eu ia. Isso foi lá no Aníbal de Freitas, escola onde eu recebi o Colegial.

**Picardi:** Hum.

**LC:** Depois é que eu fui aprendendo a estória, aí é que eu fui aprendendo a estória, mas ai eu saí logo.

**Picardi:** O quê que você aprendia lá? Na Eletrônica?

**LC:** De tudo.

**Picardi:** Eu sei, mas conta prá mim eu não sei como é.

**LC:** Fios elétricos, junção do cobre com o manganês, do cobre com, com o lítio prá fazer fibra ótica, todas essas coisas. É transistores, válvulas, circuitos à válvula, transistores, máquinas especiais que eu falava que era máquina butóca, né? (.....) Tinha área de limpeza do material, conserto, teoria, teoria sobre como modificar a eletrônica, tudo isso tinha, tinha de tudo, só que o professor escrevia tudo aquilo numa pasta, né? tinha assunto escrito prá todo mundo entender assim se essa era o futuro (tosse), mas, pô, a gente lia e entendia o que tava escrito.

**Picardi:** Hum, hum. Você costuma escrever LC?

**LC:** Eu não tia.

**Picardi:** Não? Conto? Poesia? Essas coisas...

**LC:** De jeito nenhum.

**Picardi:** Você escrevia pro jornal, não escrevia?

**LC:** Aqui eu escrevia.

**Picardi:** Na sua casa você não escreve?

**LC:** Na minha casa não.

**Picardi:** Você não gosta de escrever?

**LC:** Eu num gosto.

**Picardi:** Você escreve umas coisas interessantes. Eu li um texto seu no jornal.

**LC:** Hum. Hum. Aquele "O começo do mundo"?

**Picardi:** Isso.

**LC:** Ah.

**Picardi:** Isso mesmo. Ele tá aqui. Quer ver?

**LC:** Hum hum.

**Picardi:** Segura aqui prá mim.

**LC:** Tinha "O começo do mundo" e tinha um outro também.

**Picardi:** Tá aqui. Eu acho que tem três... Aqui "Criação do mundo". Esse é seu, não é? E esse aqui também é seu "O fim do mundo". Engraçado que você escreveu sobre a criação do mundo e o fim do mundo, né?

**LC:** Ah. Posso ler, tia?

**Picardi:** Claro que pode.

**LC:** "Criação do mundo. Quanto antes do mundo acontecer, quando antes do mundo acontecer existia trevas e névoas, só que a nasa, só que a nasa era constituída por 'K' 'I'."

**Picardi:** O que que é 'K' 'I'?

**LC:** Massa, massa, não é nasa não, tia é massa.

**Picardi:** Escreveram errado aí.

**LC:** Elas escreveram errado. “massa era constituída por KI instituído a vocação, ou seja, a forma natural, corporal de vida de todos. A vida morta do espaço ia trabalhando para construir o mundo. Juntaram-se também as formas de energia semi-mortas e começaram a se formar. Depois passaram de um lugar para outro do mundo. Mais tarde fixaram um corpo para cristalizar como se um grande cristo que deveria ser chamado de Pai ou seres dos pais. E assim criaram vidas sobre as formas humanas e assim conseguimos sermos mais pecadores com o nosso e a nossa vida normal e atual. Todos nós acho mesmo que queríamos ser deuses mas devíamos de tentarmos aprendermos.” Ahn. Sabe o que eu acho, tia?

**Picardi:** Sim?

**LC:** Não é que construíram bem um Cristo, não foi isso que eu quis dizer, né? Quis dizer assim, né? Era uma

espécie de um Cristo, que pô, não se sabia prá que que ele ia servir.

**Picardi:** Por que que ele era uma espécie de Cristo?

**LC:** Tem gente que lê isso aí e num sabe, pensa que eu sou maluco, né? de falar desse jeito. Eu acho que eu tô protegendo a lei, né?

**Picardi:** Que lei, LC?

**LC:** A lei do humano, né? A lei da sobrevivência.

**Picardi:** Você protege a lei?

**LC:** É. De falar sobre que o primeiro ser humano era um Cristo. Ele não era um Cristo, ele era um rei, não era um Cristo, ele era um rei (incompreensível), ele era o pai nosso, que foi alimentado prá que, prá que aquela massa produzisse um material especial nele prá sobrevivência do todo e não simplesmente por ideologia, por vontade, por querer fazer aquilo, mas por que era um curso material também da matéria de constituir o ser mais especial que não pudesse ser deformado ou desmontado, transferido prá outro lugar do mundo, prá outro tipo de vida.

**Picardi:** E esse foi o primeiro ser humano?

**LC:** Primeiro ser humano do mundo.

**Picardi:** E os outros seres humanos?

**LC:** Os outros foram dependendo dele, né? Dependendo dele.

**Picardi:** Os outros são iguais a ele?

**LC:** Não. Os outros não são iguais a Jeová. Jeová é um ser muito poderoso. Ele é o pai mesmo, né? É o pai mesmo.

**Picardi:** E esse texto aí você quer ler?

**LC:** Vou ler: “O fim do mundo. Poderíamos reunir isto num setor só: a morte. Quando morremos o mundo acabou para nós. Acho que o fim do mundo seria a desintegração da matéria. Se formos pessoas para trabalhar numa área a outra área também vai precisar de serviço para que todos funcionemos bem. Quando o ritmo da matéria eletricidade é abalada a gente arruma com outras peças, mas a confusão mental leva, às vezes, em alguns casos, mais tempo para se repousar. O fim do mundo viria, viera em uma dessas possibilidades para dormir, despojar a eletricidade não beneficia a vida dos seres vivos, fossem eles humanos, extraterrenos, animais, plantas, germes, etc. Enfim o fim do mundo só pode ser controlado como Jesus Cristo disse com muito amor e dedicação. Se afetarmos também demais os irmãos e a matéria, muitos dizem que sim mas e, mas em certas horas que a gente pensa se seria mesmo certo e se só seria isto para todo mundo. Tem certas horas que eu acho que se a gente deixar as pessoas em paz ficaríamos bem melhor.

**LC:** E este poema: (lendo) Esta que passa por aí...

**Picardi:** Este é de outra pessoa. Eu queria que você me falasse sobre o seu texto...

**LC:** O que eu escrevi, tia?

**Picardi:** É

**LC:** O que eu escrevi, tia, que pô, eu acho que se se afetasse demais o corpo de Deus, né?, se afetasse demais o corpo de Deus que talvez a gente poderia até murchar de novo.

**Picardi:** O quê?

**LC:** O corpo, a mente, a alma podia murchar de novo.

**Picardi:** De novo?

**LC:** É. Que talvez tenha sido criado assim, mas por seres que ainda eram muito atrasados, muito

atrasados demais, muito ideologistas, cientistas comuns.

**Picardi:** O quê que é ideologia, LC?

**LC:** Não máquinas sonhando com o futuro, não máquinas sonhando com o futuro... Talvez ideologias, né tia? Ideologias como uma forma de criar Deus. Conceitos químicos, físicos, matemáticos, genéticos, científicos, conceitos científicos (gráficos) ainda que com todo aquele peso, eles só descobriram um modo de fazer ele mandar... nas coisas.

**Picardi:** Quem?

**LC:** Deus. Fizeram ele só mandar. Mas acho que prá ele ser perfeito mesmo, ele necessitaria assim dum choque, dum raio, de um remédio, de uma droga construída por andróides vivos mesmo, aqueles que já tinham mais borbulhação elemental.

**Picardi:** Quem são os andróides?

**LC:** Alguns andróides que já existissem assim no mundo, né?

**Picardi:** Existem andróides no mundo?

**LC:** Eu acho que existe, eu acredito que existe.

**Picardi:** Você falou uma vez que você achava que você tava virando um andróide?

**LC:** Eu virei mesmo.

**Picardi:** Você é um andróide?

**LC:** Eu virei mesmo, tia.

**Picardi:** Como que é isso, LC?

**LC:** É o conhecimento que eu tenho, o modo de organizar as coisas, de interpretar e de fazer funcionar associadamente, perto da gente, né? E tenho também um, vamos dizer caracteres, a força da saúde também, tia. Força da saúde da gente de sangue tipo A negativo que corre na minha veia. Essas coisas assim.

**Picardi:** Mas como que você começou a virar um andróide, como que você percebeu isso?

**LC:** Eu nasci assim, tia ..

**Picardi:** Você nasceu assim?

**LC:** Eu nasci assim.

**Picardi:** Mas o que que é ser um andróide?

**LC:** Ah, ser um andróide ... , ser andróide é controlar o mundo, tia, controlar o mundo: a vida de cada um, a matéria, os sonhos, as idéias, o sexo, a família, a distração, a ginástica, a eletrônica, a mecânica, a guerra, os pensamentos, o afloramento pensamental, as distâncias, os metros, os quilômetros, os centímetros, os milímetros, os segundos, os dias, as noites, os tempos, as semanas, os anos, os decênios, os decênios, os milênios, os séculos, os milhões de anos, a lembrança, o ponto, o local, a tangência, a hidrologia, coisas assim, tia.

**Picardi:** Você controla isso tudo?

**LC:** Controlo tudo isso, tia.

**Picardi:** Como?

**LC:** Com o pensamento. Que eu sou mais um lóide do que um andróide, né?

**Picardi:** Que que é lóide?

**LC:** Sou mais um lóide, um ser muito especial, muito evoluído, né?, um ser muito evoluído que entende de tudo, ser muito evoluído que tem um agasalho, né?, prá sair na rua de um lugar para o outro, agasalho prá sair de um lugar pro outro.

**Picardi:** Que agasalho?

**LC:** Mas andróide mesmo seria a forma da matéria da gente. As estrelas que a gente tem no corpo. Por exemplo, sabe, tia? Sabe o que falta prá mim, prá mim me tornar um andróide especial?

**Picardi:** Hum?

**LC:** Só uma estrelinha do mar, sabe aquelas estrelinhas que dá no mar, estrelinha da água salgada?

**Picardi:** Sei.

**LC:** Só faltava eu comer uma daquelas.

**Picardi:** Comer?

**LC:** Anhhan.

**Picardi:** Ahn!

**LC:** Comer uma daquelas vivas.

**Picardi:** É por isso que você come as coisas, as pontas dos lápis...

**LC:** Num é, tia, mas eu gostaria de comer uma estrelinha daquelas.

**Picardi:** Que que você acha que ia acontecer se você comesse uma estrela?

**LC:** Num sei tia, mas é capaz de meu androideano se tomar saudável, né?, mais saudável, eu não tenho também muita saúde. Tenho o corpo torto, feio, torto. Eu gostaria de comer uma daquelas enchova, vamos dizer, ou ostra com limão, qualquer coisa assim, tomar água salgada, comer (incompreensível), por um pouco de vinagre, qualquer coisa assim. Aí era capaz de funcionar o corpo.

**Picardi:** Você já foi à praia?

**LC:** Já fui, mas eu tinha três anos, três anos, eu não tinha essa idéia, não tinha esse tipo de idéia ainda, não tinha esse tipo de idéia. Depois, quando eu fiz uns sete, nove anos que eu descobri isso aí.

**Picardi:** Isso o quê?

**LC:** Essa estória das ostras, uma coisa e outra, mas nunca consegui experimentar uma ostra, uma coisa assim, nunca comi. Uma vez eu ainda engoli (incompreensível) umas duas ou três, mas não me fez efeito, num me fez efeito porque eu tava com o sangue pior do que agora, tava com o sangue com o RH quase valendo oito positivo (8+), meu RH tava quase o peso de oito positivo, tava com o sangue muito chocoalhado demais, muito doente, eu não sei se era o sangue que tava doente ou se era o modo de pensar que tava fazendo o cérebro, a cabeça doente. Acho que .era o modo de pensar, as ideologias, as idéias, as vontades de arrumar de consertar, não sei o que, fazia com que eu me sentisse com o sangue lerdo ou mais ralo, descontrolado. Eu perdi o controle da saúde corporal.

**Picardi:** Você perdeu?

**LC:** Perdi. Não poderia perder não, mas...

**Picardi:** Hum hum. Por que que você come a ponta dos lápis e essas coisas assim, LC?

**LC:** Ah, isso eu como para me manter, né?, tia, prá manter meu sangue "A" negativo em paz, eu tenho medo de perder esse sangue, de perder esse sangue, eu nasci assim, não sei quem me criou assim, não fui eu que me tomei assim, eu nasci assim, minha mãe tem sangue A negativo, meus tios têm sangue A negativo, meus primos, minhas tias tudo têm sangue A negativo, eu penso assim se eu também tenho, eu devo descobrir um modo de ser prá mim que me faça ter saúde com isso. Eu não sei...

**Picardi:** Hum hum. LC, e aquela linguagem que você disse que criou?

**LC:** Qual linguagem?

**Picardi:** Eu não me lembro mais do nome... você disse que inventou uma linguagem da lâmpada.

**LC:** Ah.

**Picardi:** Lembra?

**LC:** Lembro.

**Picardi:** Como é que é essa linguagem?

**LC:** Eu não lembro mais, tia.

**Picardi:** Não lembra?

**LC:** Eu já esqueci. Já esqueci. Não é linguagem da lâmpada.

**Picardi:** É o que? Me explica.

**LC:** É a matemática dos tipos de onda, sabe?

**Picardi:** Hum.

**LC:** É a matemática dos tipos de onda. Beta mais Gama igual a alfa. Coisas assim. Tava estudando a Física, a eletricidade. Mas o que eu queria aprender mesmo sabe o que que é, tia?

**Picardi:** Hum?

**LC:** Noções de saúde, isso eu nunca tive. Desde pequenininho, eu nunca pude ir no médico e receber o meu dinheiro do médico, nunca pude, o médico não me pagava, não me pagava.

**Picardi:** Por que que ele deveria pagar você?

**LC:** Ah não sei, tia, porque eu precisava de um remédio, né?, prá mim continuar vivo, prá mim continuar vivo. Agora não sei as médica, os médico me curava, me dava um remédio bom, mas ao mesmo tempo faltava aquela participação filial, né?, precisava que eles me chamassem de filho como eu sentia até meus nove, dez anos, depois com onze parou, doze, com doze acabou os médico. Comecei a freqüentar médico maluco, só hospital mesmo, psiquiátrico, esqueci do hospital... (ACABA O PRIMEIRO LADO DA FITA)... fortificantes, Biotônico também é fortificante, remédios prá saúde do fígado, do rim, do estômago, remédio prá curar a cabeça, prá curar o ouvido, quando eu sentia qualquer coisa no ouvido eu ia lá pingava um remédio, aí eu voltava a ouvir de novo, sumia a dor, parava de ficar travado o ouvido. É isso. Saí de lá acabou todo, todos os meus médico, me obrigaram a me sentir que nem um velho, me puseram a idéia de que tudo isso era normal, que nada disso era doença, que só as criança que tinha doença, que eu não devia de falar mais prá ninguém que tinha doença, que se eu falasse isso que eles iam até me catar na rua, falaram assim, se eu falasse que eu

tinha doença que iam me catar na rua. E eu vivo doente assim agora desde os meus onze anos, desde os meus doze anos, totalmente doente com o corpo paralisando, a forma ficando torta, quebrada, estranha, os nervos subindo um em cima do outro, descendo um de cima do outro, encavalando tudo, eu andando de um jeito que eu não posso pisar direito no chão porque se eu pisar os nervo encravava mais. Coisas assim, tia, que fizeram comigo. Pararam de me dar o remédio que eu precisava, aquele trifluor lá, o tal ácido que eles me davam, fazia parte da matéria do meu sangue, eles não me davam mais, não me davam mais. Aqui tem um remédio que funciona um pouco, né? Um tal de Mileril, que é eletricidade, ácido, pilha, pilha elétrica, né?, que nem se dá prá paciente que vai tomar choque, precisa de choque, mas pô, esses remédio parece que tem um gosto diferente, parece que não é pura eletricidade, acho que é uma eletricidade atrasada.

**Picardi:** O remédio?

**LC:** É um remédio atrasado. Não é um remédio (incompreensível) é um remédio muito atrasado. Não é tão perfeito quanto parece, a não ser que seja exatamente um super controle, né?, uma eletricidade super controlada, muito peso (incompreensível) Porque desde pequeno, sabe, tia?, eu sinto coisas no cérebro, vejo, percebo e quando eu quero montar prá ver como é que é aquilo desaparece, desaparece, desfaz, desfaz, a memória, o sonho, o pesadelo, vamos dizer que não tem né?, vamos dizer, a noção, a debilidade dos outros que eu vou falar sobre aquilo, aquilo some e revigora, e revigora. Isso foi um remédio que me aplicaram uma injeção de iodo, sabe, tia?, me tornaram, construíram uma pilha, sabe, tia?, uma pilha moderna, né?, aplicaram uma injeção de iodo, uma em cada traseira, uma em cada traseira, e eu fui ficando cada vez melhor, né?, na época. Mas eu só sei que a doutora, que eu fiquei gostando dela quando eu era pequeno, que fez isso comigo e o doutor, não sei o que aconteceu no momento, não sei se foi um “ó vê ene i” ou o que que foi que tava na hora no lugar, enlouqueceu, sabe?

**Picardi:** O que que estava lá?

**LC:** Um “ó vê ene i”.

**Picardi:** Um OVNI?

**LC:** Um extraterreno.

**Picardi:** Sei.

**LC:** Eu vi um hominho verde perto do carrossel... Era muito esperto, era fiel, firme, forte. Quando eu fui brincar no carrossel eu vi uma navezinha deste tamaninho assim, igual aquela nave do doutor (Hormes), eu falava que era ainda a Interprise, mas não era a Interprise, era igual a nave do doutor (Hormes). Saíram três hominhos de dentro e duas meninas, três hominho de dentro e duas menina, as meninas eram amarela e roxa e verde, amarela, roxa e verde, as duas meninas, cabelo amarelo, cara verde e corpo roxo, com aquele manto verde em cima, riscos amarelos assim e um coração aqui vermelho assim, um coração vermelho desenhado. Eram duas meninas e três homens...

**Picardi:** Desenhado.

**LC:** Na roupa, na roupa. Saiu e queriam... ah, não sei o que eles queriam, acho que eles queriam que eu desse uma guspida, qualquer coisa que eu pudesse fazer prá aliviar eles, eles topavam.

**Picardi:** Aliviar de que?

**LC:** Aliviar a saúde deles com um pouco do meu sangue, um pouco da minha matéria, um pouco da minha elasticidade, que eu tinha, eu era o maior corredor naquela época, era criança mas sabia correr já, fazia de tudo. Quando eu guspi no chão assim, né?, eles jogaram uma coisa assim um negócio com a mão, um quadrado assim, um cubo, não sei como é que era. Aquilo bateu no chão saiu faísca, no mesmo momento caiu um raio, caiu um raio que eu ouvi em Campinas e não tava chovendo nem nada, mas eu escutei um som terrível de um raio que caiu, escutei um som como se fosse o fim do mundo BUM LAAA VRUM LAAA, eu escutei um som assim. Caiu um raio do céu.

**Picardi:** Sei.

**LC:** Parece que foi aí que os hominhos começaram a dominar a minha cabeça. Acho que é isso tia. Os hominhos começaram a dominar a minha cabeça.

**Picardi:** Você ainda vê esses...

**LC:** Eu ainda vejo disco voador ainda, mas não daquele lá, né?, aquele eu parei de ver, é muito grande. Vejo bolas azul, bolas marrom bolas verde, chamiscos, objetos brilhante que a gente não sabe que forma tem, não porque não sabe, mas porque não consegue ver eles de perto, não consegue ver eles de perto, ele lá em cima ele tem uma espécie dele, cada hora ele vira num lugar, muda de forma tudo e a gente não sabe exatamente o que que está interferindo na mente da gente obrigando a gente a

pensar uma coisa diferente daquilo que a gente pensa, a gente não consegue ver exatamente o que tá lá em cima, mexendo lá, trabalhando, tremendo lá em cima...

**Picardi:** LC, vamos dar uma paradinha porque tá na hora do grupo de medicação.

**LC:** Sabe por que eu falo diferente dos outros, tia? Eles usam gás na garganta prá emitir sons, eu não, eu devo ter uma fonoaudiologia tão perfeita que a minha voz é criada mais ou menos por movimento, movimento de osso e de matéria, de carne e de corpo, não é o gás que sai agora é como se eu fabricasse o som e o som saísse, como alguma máquina radioativa.

**Picardi:** E é só nisso que você acha que a sua fala é diferente da das outras pessoas?

**LC:** Ah eu não sei, tia. Eu acho que deve ter muito mais coisa também, né?, deve ter muito mais involução, mas eu não sei provar prá ninguém por quê. Não é nem assim nada radioativa é um modo de se mover, sabe, tia?, como que uma caixa que se move bem que promete som, cheiro, coisas diferentes. Agora cheiro eu não sinto, cheiro diferente eu não sinto nenhum, só sei o som, eu sei o som.

**Picardi:** Som de quê?

**LC:** O som da voz, eu acho que é muito estranho o som da minha voz. Uma voz minha é assim como se eu fosse o senhor som, daquele filme que tinha do robô do doutor Smith. O doutor Smith parece que ele quer roubar o meu modo de conversar, sabe, tia?, o doutor Smith. Só isso.

---

29/05/95

---

**LC:** Eu não sei o que que eu vou falar, tia.

**Picardi:** O que você quiser, eu quero te ouvir. Você não fala lá no grupo das suas coisas, das suas questões, de como você tá...

**LC:** Eu sei o que falar assim é dessa questão que a gente vê no mundo, vendo todo mundo suando mentalmente, com eletricidade saindo do corpo, vem tudo com esses negócio apontado prá gente, inverte, qualquer coisa joga alguma coisa que tem na garganta. É isso aí, tia, é isso, aí. As pessoas trata a gente como se fosse uma descarga, uma coisa assim. Eles não admitem nem se a gente fosse isso de verdade, eles acham que primeiro tem que torturar, depois entender o motivo, primeiro eles torturam, vai matando, matando, matando, mata toda a família da gente no final ainda sobra duas pessoas maluca, fala que é pai da gente.

**Picardi:** Quem faz isso, LC?

**LC:** O mundo tia.

**Picardi:** Quem?

**LC:** O mundo.

**Picardi:** Mas quem no mundo?

**LC:** As pessoas do mundo.

**Picardi:** Todo mundo?

**LC:** Todo mundo. Eu não sei quem guia eles, mas sempre acontece alguma coisa toda vez que nasce um rei, nasce uma rainha, talvez, né?, acontece as frustração, os problema. Sempre assim. Eu, por exemplo, eu nasci, inventaram tanta besteira prá mim quando eu nasci, falaram tanta bobagem, tanta bobeira, tanta blasfêmia na minha cabeça, me enterraram num círculo de vidro, sete círculo, enterraram sete vezes... Ficaram passando por cima da gente, tacando ferro de passar roupa na cabeça da gente. Não é brincadeira não. Só se eles tem falta de filho, falta de filha, né? Deve ser isso.

**Picardi:** Quem?

**LC:** Esse pessoal, eles não gostam de ninguém, não sei o que é. Eles não gosta de ninguém, eles não topa a gente que ao invés de fazer o mal, faz o bem, eles não topa a gente, eles queriam que todos fizessem o mal. Que o mundo fosse assim imundo, um curral, um chiqueiro, acho que é isso eles queriam que o mundo fosse que nem um curral, que nem um chiqueiro, um arraial. E a gente que apanha por tudo isso, a gente que se arreventa, que se estoura, ou se a gente quer fugir do negócio a gente não tem tempo porque aí tem uma praga que segura a gente nessa posição. Aí se a gente reclama, aí os pais da gente, os anjos que também são pai, São Pedro cai em cima da gente e fala faça porque eu tô falando, faça porque senão é pior prá você LC, eles fala.

**Picardi:** O quê?

**LC:** Faz porque senão é pior prá você, que eles fala.

**Picardi:** Fazer o quê?

**LC:** Nada tia, é o jeito. As obrigações.

**Picardi:** Por quê você me chama de tia LC?

**LC:** Hum?

**Picardi:** Por que você me chama de tia? Meu nome é Fernanda eu já te falei.

**LC:** Ah, Fernanda. Tia é parente, né? Fernanda não é. Sabe, eu, a única coisa que eu não entendo nesse mundo são de homem e mulher, sabe? Como é que faz prá homem casar, prá mulher casar, o que é necessário ou não. Porque eu conheço a vida minha, não a vida que as pessoas leva, então. Essa vida de documentos, essa vida de prescrições, eu acredito, eu nasci perfeito, eu nasci tonto, nasci biruta, conheço a lei direitinho, já nasci sabendo como é que era a lei, como que era a justiça, como que era a civilidade, os poderes, os regimes, as maneiras, a cápsula, os acasos, os por acaso, sabia tudo, agora não sei. Achava que eu era que nem uma seringueira, sabe tia?

**Picardi:** Seringueira?

**LC:** É, achava que eu era que nem uma seringueira. Queriam extrair borracha de mim, sabe tia?

**Picardi:** Como?

**LC:** Ah não sei, pensamentos, idéias, jogos, fórmulas matemáticas, métodos físicos, químicos, eletrônicos, genéticos, métodos de guerra, métodos de vida, métodos de sobrevivência, aspirações, idéias, poesias, máquina, controle, aparecimento no lugar mais próprio, mais impróprio, roubaram tudo, isso aí tia. Não sei se eles queriam me agradar ou queriam acabar comigo. Não sei se queriam me agradar ou acabar comigo.

**Picardi:** Eles quem?

**LC:** Esse pessoal. tia! Essas pessoas que eu falo prá senhora que eu não sei quem é. Eles não gosta da gente, então eles mata, eles trai tudo o corpo da gente, transforma a gente num louco, num monstro, numa coisa horrível, depois vão andar pelas ruas, não sei o que, olhar o mercado, não é a senhora, outras pessoas. Depois vem olhar prá gente prá ver se a gente fica que nem eles, mentes iguais, como é que vai.

**Picardi:** Os médicos desse hospital estão incluídos entre essas pessoas?

**LC:** Os médicos, os doutores, mas a senhora não.

**Picardi:** (RINDO) Por quê, não?

**LC:** Talvez a senhora não. A senhora tem um entendimento, um sentimento assim da conversa da gente. Eu lembro da senhora quando era pequenininha, que mesmo sem conhecer a senhora eu sabia que a senhora existia.

**Picardi:** Como que você sabia?

**LC:** Que eu era neném, né? Eu via o funcionamento do mundo, sabia onde morava todo mundo, sabia exatamente cada cachorro onde estava, cada cachorrinho, cada gatinho, no mundo inteiro, no planeta, no universo. Tudo quanto é coisa eu sabia.

**Picardi:** Como é que você sabia?

**LC:** Ah, eu tinha a mente como todo mundo nasce. Como todo mundo nasce: sabendo, entendendo, vendo.

**Picardi:** Você acha que todo mundo nasce sabendo, entendendo...

**LC:** Ahn han. Acho que todo mundo... Enfiar estepe na cabeça da gente, um ferro. (FALANDO MUITO BAIXO)

**Picardi:** O quê?

**LC:** Enfiar um ferro na cabeça da gente, estepe, uma coisa gigantesca que você não sabe nem prá que serve, estouram a mente da gente, ficam batendo o pé na cabeça da gente, batendo o pé na cabeça da gente, arrastando o salto, cada vez tem um formato, o sutien, o óculos, o gorro, a peruca, o cabelo, o penteado, a cor, o blush, a cor dos olhos... Fica batendo essas coisas em cima da gente. Acho que eu já morri, doutora.

**Picardi:** Você morreu?

**LC:** Acho que sim.

**Picardi:** Quem tá falando agora?

**LC:** Meu sotaque, meu fígado, né? Fígado meu que sobrou do corpo, matéria do meu corpo que desencantou e que agora fala no meu lugar. Faz eu falar, eu mesmo devo estar enterrado em algum lugar por aí. Não sei se aqui é um telégrafo que puseram enquanto fico enterrado num lugar tentando fazer bastante coisa lá enterrado e quando eu tô aqui alguma coisa, quando eu tô lá alguma coisa faz eu sentir uma pessoa aqui controlada como se fosse um sistema de rádio, e eu me sinto essa pessoa (incompreensível).

**Picardi:** Você se sente controlado?

**LC:** Não sei por quê. (FALANDO MUITO BAIXO)

**Picardi:** Não sabe por quê?

**LC:** Não. Sabe o que é, tia?

**Picardi:** Não.

**LC:** É que a gente tem mais um costume.

**Picardi:** Que costume?

**LC:** O costume de viver com Deus. Com a palavra de Deus. Construir o mundo, (ajuntar no mundo) (INCOMPREENSÍVEL) o problema sócio-político, sócio-econômico ...

**Picardi:** Se você falar baixinho assim eu não vou escutar, LC.

**LC:** Sócio-político, sócio-econômico, social, né, doutora? Tem esse costume, né?

**Picardi:** Hum hum.

**LC:** Não sei, procurar fazer sempre o bem, sempre olhar, a gente tem medo de se cristalizar com alguém, de chamar uma mulher de bonita, qualquer coisa, querer casar com ela.

**Picardi:** Por quê?

**LC:** Ah, porque se a gente fizer isso o mundo pode acabar, né, doutora?

**Picardi:** Por que você acha que o mundo pode acabar?

**LC:** Tem gente que tem uma luz tão grande no corpo, né, tia?, um desenvolvimento tão metafísico, extrametafísico, super-cinético que se ela falar bobagem assim no meio dos outros, aquelas pessoas vão começar a ficar olhando as esquadrias da parede, os rodapé, os teto, as lâmpada, os quadro, uma coisa e outra, vão se sentir enebrecida, né?, enebrecido, com vontade de se desintegrar, de engordar, de emagrecer.

**Picardi:** O que que é enebrecido?

**LC:** Ah assim doente, né tia?, com uma visão parcial matemática, física, genética, química, qualquer coisa assim, que vai trazer transtorno, né? para o universo destruição da vida. Às vezes a gente é uma máquina tão perfeita, mas às vezes a gente só tem mesmo é mais uma palavra, né?, aquilo que a gente põe, é mais uma palavra ou um sentido, um modo de controlar, tudo, talvez nem que a gente tivesse máquinas melhores do que essas que a gente tem, a gente também não poderia arrumar nada não, aí que tá, a não ser que realmente inventaram uma máquina mais superior que essas porcarias que eu tenho em casa.

**Picardi:** Máquina prá fazer o quê?

**LC:** Prá tratar da gente, das pessoas.

**Picardi:** Você tem máquinas na sua casa?

**LC:** Ah, no cérebro, né?

**Picardi:** Ahn.

**LC:** Neurônios, neurônios especiais, neurônios muito especiais.

**Picardi:** Como são os neurônios especiais?

**LC:** É o alimento, tia. A força da percepção, da inteligência e a força da compreensão. Um líquido, tia, que nasceu no meu cérebro, percebo tudo, sei tudo. Agora eu não sei exatamente se o meu cérebro é (incompreensível) importante nesse mundo porque enquanto eu faço todas essas coisas, deve ter os meus amigos as pessoas que me amam, que me adoram, não sei o quê, que falam que não gostam, não sei o quê, mas que ficam delirando com o que eu falo, deve tá tudo meio dobrado, meio apagado, meio caído. Realmente acho que no mundo quem inveja mais a vida mesmo é os mafioso.

**Picardi:** Por quê você acha isso?

**LC:** Ah porque quem faz o mal uma vez prá alguém, né, tia?, ele ganha muito mais energia do que aquele que faz (INCOMPREENSÍVEL) de atos de fé, de esperança, de arrumações, de melhorias, eu acho assim, tia, essas pessoas que faz o mal eles sobem na vida. Acho que depois vão tudo se encontrar no inferno, tudo se encontrar no inferno com a cabeça bem pesada, bem quente, bem forte. Lá deve ter um mestre lá que arma eles e dá revolver, da faca, dá roupa, não sei o quê e ainda fala prá eles “ó já que você tá aqui comigo mesmo, fica sempre aqui, não me abandona não, essa aqui é a ‘KKK’ verdadeira, né? ‘KKK’ verdadeira.

**Picardi:** É o quê?

**LC:** KKK.

**Picardi:** O quê que é ‘KKK’?

**LC:** KIu klu klus khan, tia.

**Picardi:** Ah, KIu KIus Khan.

**LC:** Eles fala que não é a verdadeira klu klus khan que é certa. Eles falam que a verdadeira é a deles.

**Picardi:** Lá no inferno?

**LC:** É lá no inferno.

**Picardi:** Você acredita que existe inferno.

**LC:** Acredito. Talvez nesse mundo mesmo aqui que nós vivemos. Nesse mundo mesmo, é um problema de órbita, de visão, de percepção, de saber onde se tá andando, como que se anda, quando tá se gastando, tá se pagando prá andar. Pode ser que a gente teja sentado que nem agora aqui, pode ser que o inferno tá em volta da gente, né? Nessa hora a gente tá acabando de entrar num buraco sem fundo, né?, entrando num buraco sem fundo prá jamais sair dali, ficar que nem uma bola de aço que não pode aumentar o tamanho, não pode diminuir e sem o sistema principal de saúde prá se sentir bem, não se sentir mal. Sabe o que eu queria mesmo tia?

**Picardi:** Hum.

**LC:** Queria que alguém me explicasse assim a carne humana de que que é feita?

**Picardi:** De células e essas células são constituídas de elementos básicos...

**LC:** Graças a Deus, né, tia?

**Picardi:** (RINDO) Graças a Deus, por quê?

**LC:** Competitividade.

**Picardi:** Como?

**LC:** Competitividade.

**Picardi:** Por que competitividade?

**LC:** Saber que as células são perfeitas. Às vezes a gente tem aquelas dúvidas, né? Tem medo de achar, de pensar, de dizer, de falar, a gente não tem certeza de prá que que serve o corpo mesmo, né?

**Picardi:** Prá que que você acha que serve?

**LC:** Não sei, tia. O corpo é que nem uma mesa, né?

**Picardi:** Uma mesa?

**LC:** É, dois pés, dois braços, dois braços na frente e dois pés atrás, um quadrado que é a medula, depois a tábua de cima.

**Picardi:** E a cabeça?

**LC:** A cabeça faz parte da fórmica, né?, da madeira pintada, lixada, envernizada.

**Picardi:** Mas prá que que serve uma mesa?

**LC:** A mesa, tia? A mesa seria um objeto assim de compreensão, né? Tentar entender a estatura dela, é mais a estatura, tia. A mesa é um complexo de estatura. A mesa é um complexo de estatura.

**Picardi:** E o corpo humano?

**LC:** O corpo humano seria assim um temporal dentro de uma mola, né?, um monte de bexiga do vizinho tudo voando, um monte de bexiga do vizinho cheia de gás voando, ficaria uma bola, sentiria aqueles raios voando em volta da gente, descendo na gente, consumindo a gente, ao mesmo tempo fazendo a gente se mover melhor, ao mesmo tempo fazendo a gente se sentir melhor, depois a gente ainda via os bichinhos, os peixinhos, tudo isso, coisa do ser humano. Qualquer ser humano é assim, qualquer ser humano é assim, todos somos assim, na certa todos nós somos assim. Uma espécie de uma máquina, de um testador.

**Picardi:** Testador de quê?

**LC:** De transistor. Testador de transistor, de força, de eletricidade, de alimentação, comportamento, de forma infalível.

**Picardi:** Só que a gente é uma máquina que fala, né?

**LC:** É. É isso que eu nunca consegui descobrir. Eu sei como é que eu falo, né?

**Picardi:** Como que você fala?

**LC:** Eu sei que há movimentos específicos que eu consigo fazer, meu corpo também, prá ser mais normal, assim meu jeito de ser, não gastar muito material, por isso que eu tenho uma percepção superior. Eu faço pequenos movimentos, vibro, vibro os ultrassom da minha cabeça e a voz sai, vibro os ultrassom e a voz sai. Tem movimento na língua, os dente, movimento na feição, olho, tudo. Eu realmente, doutora, eu não tenho mais subconsciente.

**Picardi:** Você não tem subconsciente.

**LC:** Eu acho que eu não tenho mais subconsciente.

**Picardi:** O que que é subconsciente?

**LC:** O único subconsciente que eu tenho é prá controlar o sono.

**Picardi:** Por que que você acha que não tem mais subconsciente?

**LC:** Por que eu acho que eu mesmo acabei destruindo ele, né, tia?, achava ele prejudicial prá minha forma, mentalidade, um modo de viver, o jeito que me ensinaram. Eu acho mesmo que eu nasci sem subconsciente. Eu nasci realmente com o cérebro sem uma região, meu cerebelo, ele quase nem funcionava direito, ele só pensava, meu cerebelo, quando eu nasci. Eu tinha um cerebelo, tinha o radiano, uma parte raquidíaca, o sistema raquidiano muito equipado, mas a glândula da duplicidade polar minha não funciona direito.

**Picardi:** Prá que que serve a glândula da duplicidade polar?

**LC:** Acho que é prá atrasar o cerebelo, né?, prá transformar ele num ser destrutivo. Seria como se Jeová tivesse deixado uma dessa prá cada um, prá ele ser um operador de som, né?, de lá de cima, lá do céu. Aí quando a pessoa precisar de roupa, ele 'PFIL', punha a roupa na pessoa, se a pessoa tivesse que jogar a roupa, tirava a roupa, quando a pessoa tivesse que morrer, morria também, se tivesse que sofrer depois de morto, sofria, quando tinha que voltar no mundo, voltava, eu acho assim. Mas o que eu tenho medo de falar mesmo sabe o que que é, tia?

**Picardi:** Hum?

**LC:** O material exato prá manter a vida eterna. Eu conheço esse material.

**Picardi:** Você conhece?

**LC:** Eu tenho ele na minha cabeça, o meu pai e a minha mãe têm, muita gente que já conversou comigo tem, minha família deve ter, não sei. Mas ao mesmo tempo eles são doente, né?, porque eles não tem personalidade perfeita que nem a minha, certas meninas que tem um modo assim. Eu não sei nem explicar doutora como é que fala essas coisas, essas pessoas...

**Picardi:** Mas como que é esse material da vida eterna?

**LC:** Magnésio HG, né? Magnésio HG RES6.

**Picardi:** E o que que é isso? Um composto químico?

**LC:** Um composto, é um composto elétrico.

**Picardi:** Como que você consegue esse composto?

**LC:** Ah forçando a mente, prá sentir a energia igual a que tem na cabeça, prá receber energia em volta da cabeça, receber energia em volta da cabeça. (SILÊNCIO)

**Picardi:** LC, fala prá mim sobre aquela linguagem que você disse que inventou. Lembra?

89

**LC:** Acho que é a 'Lin lin u', né, tia?

**Picardi:** É essa mesma. Chama 'Lin u'?

**LC:** 'Lin lin u', é a língua do japonês ou do chinês, mais é do japonês. 'Lin lin u'.

**Picardi:** Como é que é?

**LC:** Ah, não lembro mais.

**Picardi:** Você sabe escrever?

**LC:** Também não. Eu não sei escrever em língua de japonês. Eu sei falar em japonês, conversar com japonês. Eu conversava com os japonês, com as pessoas e eu entendia, mas eu não sei como é que fala assim como é que fala, como é que escreve eu não sei.

**Picardi:** Só essa linguagem que você inventou ou tem outra?

**LC:** Essa, o 'Zarazeu'.

**Picardi:** Como?

**LC:** Zalgareu.

**Picardi:** Como que é?

**LC:** É a linguagem da sobrevivência.

**Picardi:** Fala um pouquinho prá mim sobre essa linguagem.

**LC:** Seria como que catetizar os ditongos, as sílabas, as paroxítonas, diminuir os ditongos, aumentar os ditongos, diminuir os hiatos e produzir mais sujeito na palavra, né? ao invés de predicado, de predicativo, ou seja, mas no fundo só sobra o predicati... (FIM DO PRIMEIRO LADO DA FITA)

**Picardi:** Por que que essa linguagem tem esse nome?

**LC:** Por que é como se fala a palavra ZA-RA-ZEU, né? Zarazeu. Prá azarar, é prá azarar Zeu, né?

**Picardi:** Quem é Zeu?

**LC:** Zeu seria um deus do universo. Zeus, né?

**Picardi:** Hum. Zeus.

**LC:** Seria assim (ESCREVENDO) ZEU→ZEUS. Tava faltando a condização dele. Ou seja, (escrevendo) ZEU→PONDERAÇÃO. Ficava assim, né (ESCREVENDO) ZEUS, não é isso? Zeus ficava assim.

**Picardi:** E aí tá faltando a ponderação.

**LC:** É tá faltando a ponderação.

**Picardi:** Por isso que falta o 'S'?

**LC:** É. Por isso que falta um 'S' e aumenta um 'U'.

**Picardi:** Hum hum. Então escreve alguma coisa nessa linguagem.

**LC:** A linguagem é muito expressiva como eu falei prá senhora. (LENDO O QUE ESCREVEU) 'Ati micou' MICOU não sei se é verbo do português ou se realmente é uma linguagem ... 'Ati micou noun town dow den teo noetus(nêtus) ceres erradododo din thíners'. Acho que eu tô esquecendo, isso parece que tá saindo linguagem do português. Eu tava falando, eu sabia o calendário desse povo, tia.

**Picardi:** Que povo?

**LC:** O povo de Zeus, né? O povo de Zeus.

**Picardi:** E você vai traduzir prá mim ou não tem tradução?

**LC:** Tem.

**Picardi:** Traduz assim cada palavra.

**LC:** (LENDO À MEDIDA QUE ESCREVE) Vamos preparar um cêntuplo?!? Não não no que vamos afundar o barco. Por menores ruivos antes de que taxaximns.

**Picardi:** O que que tá escrito aqui?

**LC:** Taxaximus. (ESCREVE EM SILÊNCIO A SEGUINTE FRASE: Deus sou o pai - não quero ninguém nem o Cristo.) (LENDO) 'Deus, Deus sou o pai, Deus sou o pai' tá interferindo aqui essa palavra, Deus tá falando comigo.

**Picardi:** Ele tá falando com você? O que que ele tá dizendo?

**LC:** Ele tá dizendo, ele quer saber qual é a cor da minha lanterna verde.

**Picardi:** Se ela é verde.

**LC:** Ele quer saber que cor que é?

**Picardi:** Por quê?

**LC:** Talvez porque Ele seja assim que nem essa caneta, né?, perfeito, de um material assim igual ao dessa caneta, se sente superior, forte, perfeito, agora ao mesmo tempo... (UM PACIENTE NOS INTERROMPE PARA PEDIR INFORMAÇÕES SOBRE O GRUPO DE MEDICAÇÃO). Sabe, doutora, eu ia dizer que eu acho que a metafísica dessa palavra aí sabe o que é?, seria assim (ESCREVENDO) [ pq ] □ G F I H θ, né, doutora?, não é isso?

**Picardi:** O que que é isso mesmo?

**LC:** Seria essa técnica aí de escrever, né doutora.

**Picardi:** Qual técnica?

**LC:** A técnica de escrever que eu tava mostrando.

**Picardi:** Ah, sei.

**LC:** É assim, não é doutora, o funcionamento dela?

Eu: Explica prá mim.

**LC:** Isso aqui é uma forma de onda da eletrônica, forma de onda da eletrônica.

**Picardi:** Hum hum.

**LC:** Passei anos e anos pesquisando essas coisas e ao mesmo tempo eu engoli um grilo de Cristo.

**Picardi:** Você engoliu...

**LC:** Um grilo de Cristo, é. Quando eu tava me sentindo tão prendido junto com os Deuses que queriam que o mundo sobrevivesse eu comecei a engolir dólar umas coisas que me deixava louco, me deixava louco, me deixava louco, que eu não agüentava mais ver o mundo viver do jeito que ele vivia tentando se destruir um pouco mais a cada segundo, cada pensamento impróprio, de jovem, de criança, de beleza da vida, foi isso. Eu não sei se eu tô no meio de amigos, acho que também tô, não sei se são amigos, se eles tem mesmo mais força que eu ou se até eles aprenderam essa linguagem comigo, sei que eu sou um herdeiro desse verbo, dessa voz que veio em mim quando eu nasci e realmente eu faço, tudo o que eu faço na minha vida, doutora, mesmo sem saber se fosse isso, né? É exatamente prá manter esse sistema existindo, prá ninguém ficar esse mundo (INCOMPREENSÍVEL). Não é assim o mundo, doutora? Oscar dois?

**Picardi:** Oscar dois? O que que é 'OSCAR DOIS'?

**LC:** Oscar dois, não é assim que fala, doutora? Óscar deve ser o óscar também, oscar né? Deve ser um O vezes esse (O x S) Agá vezes I (H x I) Zê vezes tê (Z xT) eme a mais um vezes dez a vinte e cinco vezes três vírgula quatorze quinze dividido por dezessete, não é isso?

**Picardi:** Três vírgula quatorze quinze é o número pi ( $\pi$ ).

**LC:** É o pi. E isso é notação científica nove vezes dois a vinte e Cinco e o número da constante da eletricidade, número da constante da eletricidade.

**Picardi:** Hum, e essa fórmula é de quê?

**LC:** Essa fórmula é um método concreto de se mandar no mundo.

**Picardi:** Ah, esse é um método concreto de se mandar no mundo?

**LC:** É um método concreto de se mandar no mundo.

**Picardi:** E é através dessa fórmula que você controla o mundo?

**LC:** Controlo o mundo. Quer ver doutora? Eu faço assim ó, (DESENHA UMA ESPÉCIE DE TALHA) tem uma talha assim na minha casa, a talha é assim, aqui é mais assim, aqui é mais assim, agora, tem um cano que desce assim que tá entupido, na talha, tá entupido.

**Picardi:** Hum hum.

**LC:** Agora depois vem uma pessoa e faz assim encosta um bastão assim na talha e bate na talha, nisso a casa inteira balança, o mundo inteiro fica doido e eles ainda escreve assim (ESCREVENDO) Seisho-no-iê, aí eu falo parabéns, né? Parabéns, aí a pessoa vem (DESENHANDO) põe uma onda assim, uma onda assim que não deixa a matéria desagregar.

**Picardi:** Que pessoa põe essa onda?

**LC:** Um japonês, um japonês que tem muito conhecimento, mas que o dom dele é a mente humana. (SILÊNCIO)

**Picardi:** Deixa eu te falar uma coisa... Você já viu um dicionário, num já?

**LC:** Hum.

**Picardi:** O quê que é um dicionário?

**LC:** Ah, um dicionário seria um livro em linguagem alfabética, né?

**Picardi:** Hum hum.

**LC:** Que tenta descrever palavras, comportamentos, terminações das palavras, categorias, armazenamentos alfabéticos, tritongos tristes e triviais, como uma fronteira entre a matéria e o som de sinalizações robustas e tudo o mais... Mas eu acho que um livro muito mais importante que o dicionário é a Bíblia, né?

**Picardi:** Sei. Eu tô te falando isso porque eu queria que você escrevesse o significado dessas palavras prá mim como se fosse dicionário. (APRESENTO A ELE UMA LISTA NA QUAL CONSTAVAM AS SEGUINTE PALAVRAS: ANEL, DOR, GATO, RÁDIO, VERDADE; LC ESCREVE)

**Picardi:** Agora lê prá mim o que tá escrito aqui que às vezes sua letra é complicada. Vamos ver, compensado...

**LC:** Compensado rústico envolvente demais, demais mesmo.

**Picardi:** Rústico que tá escrito aqui, né?

**LC:** Hum hum.

**Picardi:** Aqui, DOR?

**LC:** Sentimento impróprio, oculto e insensato.

**Picardi:** GATO?

**LC:** Ser insatisfeito do terceiro... não sei eu não entendi exatamente o que eu quero falar com a senhora por isso que eu tô escrevendo essas coisas... ser insatisfeito do terceiro reembolso de demografia reticular.

**Picardi:** Rádio?

**LC:** Aperitivo de urnas duas horas de corretos de sindifacismo.

**Picardi:** O quê que tá escrito aqui?

**LC:** Corretos, correção.

**Picardi:** Corretos?

**LC:** É Assim quase dentro de um espaço de duas paralelas elétricas que transforma um vôo de elétrons retos, planos dentro daquele habitat de dois carros.

**Picardi:** Ahn e por que DE SINDIFASCISMO?

**LC:** Agora, fascismo, é porque o fascismo é uma espécie de frequência, né? que pode ser notada, falando assim, o estado que eu quero dizer da onda, né? O estado da onda, né?, matemática. Seria um estágio de onda apagada, acordada, bem apagada e ao mesmo tempo um pouco ondulosa, né?

**Picardi:** E o que que é fascismo?

**LC:** Então, fascismo seria isso também, é a minha opinião que eu tenho do fascismo.

**Picardi:** Mas cê sabe o que é fascismo?

**LC:** Fascismo é um regime da Itália. Os italianos tentam derrubar os monopólios heterolíticos da cicatrização da lei e produzir uma lei cada vez mais saudável.

**Picardi:** Monopólio o quê, LC?

**LC:** Monopólio heterolítico.

**Picardi:** Teolítico?

**LC:** Heterolítico.

**Picardi:** Heterolítico?

**LC:** Isso mesmo.

**Picardi:** E o quê que significa isso?

**LC:** Ah seria o comprimento da evasão da carne, um melhor plurevalismo e uma conquista daquela meta que se quer a cada dia, a cada instante...

**Picardi:** E aqui, VERDADE?

**LC:** Eletromagnitude de vinte ohms, trinta ohms, sessenta e seis ohms, cinquenta e cinco ohms, trinta ohms.

**Picardi:** E por que quevocê definiu VERDADE assim?

**LC:** Eu não queria ensinar nada prá ninguém, porque se eles não entenderem que eles tão me forçando demais, tão causando a destruição do universo com esse sofrimento que eles tão preparando ou talvez reparar a cabeça, reparar a cabeça junto de um Jesus junto com um Buda, outra hora num reparar, né? que é o certo, num reparar que na certa Deus não gosta que faça isso. Só sei que eu tô me sentindo forte agora, encontrei uma pessoa que nem a senhora que a gente entende, um pouco da realidade do mundo. Por que eu tô muito triste doutora, tô triste mesmo, o que eu faço prá manter esse mundo de pé a cada dia, doutora. É terrível, eu corro mais que...acho que Gabriel no sétimo dia no céu não fazia o que eu faço. Agora não sei, num existe uma injeção prá mim que me dê um pouco de pulso no sangue prá mim pode fazer o que eu quero fazer em paz, sem ter que pagar imposto de renda prá pessoas mais doentes que querem saber exatamente o que que a gente tá falando, de onde a gente veio e, principalmente, não se liga na gente já hoje em dia, fica que nem pai e mãe desligado da gente, num querendo saber se o que a gente fala é aquilo que a gente é, se faz o que faz ou não faz, qual que é a verdade do mundo, eles acham que tomando uma água de coco num sei o que assim a vida inteira, que o mundo vai se manter belo, feliz, elimina-se a religião, dá um fim no Espírito Santo, em Jesus, em Jeová, Satanás, Miguel, (INCOMPREENSÍVEL), esses loucos do espaço, esses reis, esses mussolinis, embora sejam mais superior que a religião, Mussolini seja o pai da decantação, Hiroito o chefe da divindade, assim que o mundo tem solução desse jeito, né? O importante é trabalhar. Não basta que as pessoas tomem cuidado prá ter sentimento, acham que as pessoas deve ter sentimento e não ter cuidado prá ter sentimento. Depois põe uma máquina aqui nesses coitado que tem lá em cima, tem eu aqui em baixo, tudo, um curto circuito do que fala. Eu que não nasci nem saudável, nasci torto, quebrado, estourado, mas com o meu serviço em dia, muito bem ajudado pelas pessoas. De repente eu tê vendo que tá chegando a minha morte, tá chegando a hora de eu ser enterrado no chão, de eu passar cinco mil anos enterrado debaixo da terra, quem sabe eu nunca mais vou voltar a viver que nem muitos dos mortos que morreram, como todos os mortos que morreram e pô, parece que todo esse estudo que a gente fez de misticismo, de mesquinharia, de anti-sincretismo, anti-filosofia, anti-estrutura, anti-científico, analcientismo nótifico, parece que o que vale mesmo é terapia alemã, sabe, tia?

**Picardi:** Terapia alemã?

**LC:** É NOTI, parece que coisa que nem o NOTI, que nem a TOSHIBA do japonês, que nem o SEIKO do suíço, essas marcas protegem o universo, dão vida, dão tudo pro ser vivo que quer viver, são superiores, agora não sei como provar prá essa gente toda que essas marcas não podem ser que sejam desligadas, pode ser que não estejam funcionando em lugar nenhum do mundo, pode ser que nem existam e se existem aí sim são mais perfeitas talvez até que eu mesmo, né?

**LC:** Se não existir a gente vai tentar um dia destruir o universo, na época que a gente achar que chegou a hora e depois fazer ele com a máquina do tempo viajar com métodos de reparação de matéria, fazer ele viajar quando se entender como se repara o som, a água, o gás, a luz, a treva, fazer o mundo viajar tudo de novo até ressuscitar todos os vermes, fazer viver todos os seres vivos dessa época bem, confortável, saudável, se der fazer o futuro existir também numa grande velocidade rápida, fazer o futuro também existir junto, estar lá o presente, o passado e o futuro, lá no céu o máximo que der prá se chegar, mas num certo dia que não se sabe exatamente quando vai ser esse dia, essa visão, esse constatemento perfídico, que é o que eu falo, né, tia?, também existe, sobrepaliência, oniposência,

sobrepaciência, um modo de interferir no controle das coisas, que nem aqui (LENDO) compensado rústico envolvente demais, demais mesmo. Compensado rústico, é rústico.

**Picardi:** O quê que é rústico?

**LC:** O anel, doutora, o anel da cabeça da gente, esses anéis que a gente tem dentro da cabeça, pequenos pasmoglinfos.

**Picardi:** Pequenos o quê?

**LC:** Plasmoglinfos. Pequenos plasmoglinfos.

**Picardi:** O que que é plasmoglinfos?

**LC:** É a forma de arco que eu falo, né? Pequenos plasmoglinfos reticulares sem manipulação, sem interferômetro, são interferentes, são resistocados, né? resistocados.

**Picardi:** Mas o que que é plasmoglinfo?

**LC:** São os recromossomos aí, né?

**Picardi:** O quê?

**LC:** Recromossomos.

**Picardi:** Mas o quê que é recromossomo?

**LC:** O que tem na cabeça da gente, né?

**Picardi:** Me explica o que é recromossomo.

**LC:** É uma forma indivisível da matéria, inquebrável, desmontável só pelo curso do funcionamento, que num deve se desligar sozinha, nem por ninguém, que não há ordem de desligar mesmo, existe o extrato nitrólito dela, são os fusíveis RST de três ampères cada um, passa por base em fase RST e depois é um circuito assim anti-dor, né? seria uma evasão da fé onde se consegue sentir nem dor, nem cansaço e o cansaço alimenta. Nem dor nem cansaço e o cansaço alimenta. Que nem falava Jesus dessas coisas.

**Picardi:** Evasão da fé?

**LC:** Não, não é da fé. É a evasão do intuitismo, evasão do intuitismo, do florescimento, aprimoração, da retice, da requice, requice.

**Picardi:** Que que é requice?

**LC:** Requice seria... (RINDO) sabe um tanque de guerra, né, doutora?

**Picardi:** (RINDO) Ah, é de reco, né?

**LC:** De japo... , de brasileiro, o brasileiro mas não um tanque pintado de preto, um tanque pintado de verde mesmo, tentasse uma laser, caixinha laser assim, saia derrubando árvore de eucalipto na rua.

**Picardi:** Isso é requice?

**LC:** Isso é requinte.

**Picardi:** Requinte?(rindo)

**LC:** (rindo) Requinte, pá pá pá, derrubava tudo. O corguinho ia descendo, o coitado do pé de eucalipto levava descargas elétricas de tudo quanto é tamanho, o comandante do meta, o comandante meco ia destruindo as árvores, tacando fogo em matéria verde, tacando fogo em matéria verde.

**Picardi:** LC, Tá na hora da gente ir pro grupo de medicação.

**LC:** Eu vou escrever uma palavra aqui. (ESCREVE AZUL) AZUL, Né?

**Picardi:** Hum hum.

**LC:** (LENDO ENQUANTO ESCREVE) “menos compatibilidade antes do ...

**Picardi:** Você não escreveu ANTES.

**LC:** sendecitismo nívico de dois graus de matéria a três graus.

**Picardi:** (LENDO) “menos compatibilidade”, você ia escrever ANTES, não é isso?

**LC:** Não.

**Picardi:** É DO DO, mesmo?

**LC:** "menos compatibilidade do sendecitismo nívico de dois por cento de matéria a três graus centígrados.

**Picardi:** Mas o que que é SENDECITISMO?

**LC:** Ah, agora não sei, agora eu não consigo analisar, o relógio da senhora tá...

**Picardi:** Interferindo?

**LC:** Tá interferindo na cabeça.

**Picardi:** Esse relógio chato, fica aí. Pronto tirei ele, não tá mais interferindo?

**LC:** Não, agora não.

**Picardi:** Então fala prá mim o que que é SENDECITISMO?

**LC:** SENDECITISMO seria um, um vasto continente gelado, né, doutora?, a América. Um vasto continente gelado.

**Picardi:** E o nóvico?

**LC:** Nóvico? A Europa florescia, né? A Europa florescia, intransigente seria a África ou a Austrália tomando um banho de sol, né?, tomando um banho de sol.

**Picardi:** Então tá bom, então vamos terminar...

**LC:** Eu, por exemplo, sabe, doutora?

**Picardi:** Hum?

**LC:** Eu descobri, peráí um pouco, (COMEÇANDO A ESCREVER) deixa eu mostrar, quinze graus centígrados, não é bem quinze graus centígrados, noventa e nove dá nove igual nove oito um, um nove sete vezes três dá cinco sete seis, agora seis sete nove dividido por quinze ou dezessete mesmo é igual a sete.

**Picardi:** Hã? E o que que é isso aí, conta?

**LC:** Não sei, doutora.

**Picardi:** Tá bom, depois eu vou ver se eu entendo.

---

27/06/95

---

**LC:** Sabe por que que eu sou doente, tia?

**Picardi:** Hum?

**LC:** Porque eu não entendo nada de saúde. A única coisa que eu entendo que me faz Viver, eu tô descobrindo agora, só que eu não tenho certeza, sabe o que é tia?

**Picardi:** Não.

**LC:** O sangue O negativo.

**Picardi:** O que que tem o sangue O negativo? Esse é o seu tipo de sangue?

**LC:** Eu tenho sangue O negativo, é. Azedo, tenho sangue azedo, ao mesmo tempo salgado, ao mesmo tempo amargo. Ele fica ao mesmo tempo azedo, salgado e amargo.

**Picardi:** Você machocou a mão, LC?

**LC:** Machuquei.

**Picardi:** Onde você machucou?

**LC:** Não lembro.

**Picardi:** Esqueceu, né?

**LC:** Esqueci. Não, foi ali na cerca de arame, fui apanhar cana mas aí tinha um buraco no lugar que eu pisei, aí escorregou e a mão ficou no arame que eu pensei que não ia ficar, ficou no arame.

**Picardi:** Você passou remédio depois? Desinfetou? É perigoso arame enferrujado...

**LC:** Depois eu saí, pus a mão no arame de novo sem cortar sem nada, aí eu pedi pro arame curar, mas ele não quer curar, aí eu fui na Neusa, a Neusa fez eu lavar bem e pôs mertiolate. Mas não tá bom ainda não, ainda tá aberto.

**Picardi:** Vai ficar bom. Posso ver seu desenho?

**LC:** Pode.

**Picardi:** O que que você desenhou?

**LC:** Minha vida.

**Picardi:** Sua vida?

**LC:** Como que eu acho que é minha célula.

**Picardi:** Tem umas coisas escritas aqui, posso ler?

**LC:** Pode.

**Picardi:** (LENDO) “Se vocês não tirarem eu deste hospital, eu vou aprontar uma boa prá vocês, já estou fazendo e ainda faço mais ainda. Eu só eu.”

**LC:** Mas não é vingança, não. Fugi de casa não adiantou nada.

**Picardi:** Não entendi o que está escrito aqui.

**LC:** (LENDO) “Assinatura que lá vai, que lá vai, não falei mesmo contra o meu pai e minha mãe.” Mas eu falei que eu quero que eles me dê alta de qualquer jeito meu pai com a minha mãe, não tô falando do pessoal aqui, não.

**Picardi:** Mas quem tem que te dar alta?

**LC:** Meu pai com a minha mãe tem que arrumar um jeito de me curar, eles não podem continuar me sugando eu desse jeito. Que como eu o meu pai e minha mãe tem sangue O negativo, também, tá? O meu pai vai fazer exame, arruma um jeito de pôr no exame que o RH dele é positivo e que o sangue dele é AB, isso que ele fala. Só prá dizer que os dois são birutas, os dois são doentes, são são malucos.

**Picardi:** Os dois quem?

**LC:** Os dois, meu pai e minha mãe. Eles falam que são doente, não sei o quê, mas eu sei que eles não são doentes. Eles falam que tão ficando doente de ver o que eu falo em casa, não se o quê, que ficam doente, que tão doente, que não querem saber do que eu falo. Querendo me expulsar até de casa, não gosto do que eles falam, eu tô com medo de ficar em casa, tô com medo de uma certa hora dessa meu pai ir lá conversar com o cachorrinho no quintal dos outros e o cachorrinho “au au eu sou Jesus, eu sou Jesus pega o seu filho e corta o pescoço dele que ele sara”, aí ele vai lá catar a faca e é capaz dele vir cortar o meu pescoço.

**Picardi:** Você acha que o seu pai é capaz de fazer isso?

**LC:** Eu acho.

**Picardi:** Será que isso não é coisa da sua cabeça?

**LC:** Não é tia.

**Picardi:** Seu pai me pareceu muito calmo.

**LC:** Ele é calmo, mas às vezes ele é muito nervoso também, de vez em quando, tia.

**Picardi:** Mas todo mundo é assim. Você também não é?

**LC:** Eu sou um pouco, tia, eu sou um pouco, mas não sou muito não. Eu não sei pensar.

**Picardi:** É claro que você sabe pensar.

**LC:** Num é, tia, é que aniquilaram todas as minhas possibilidades de falar o que eu quero, dizer o que eu quero, fazer o que eu quero. Fico olhando as plantas, tia, eu vejo nascer jabuticaba, caju, limão, laranja, tomate, tudo da árvore, e ainda quando a gente chega perto de um pé de manga, o pé de manga dá mais bonito que as outras coisas, deixa a gente biruta. Que a manga dá mais bonito do que as outras frutas. Eu gostaria de ser um pé de amora, um pé de limão, um pé de laranja brava, um pé de limão bravo, limão cravo, um pé de jiló, qualquer coisa assim, foi justo eu ficar perto da maçã, do tomate, da uva, maçã, tomate e uva, fico perto desses três, não sei prá que que serve o que eu falo, que que eu faço prá sair dessa. Que eu chego perto do pé de mangueira eu sinto todo o rancor que o pé de mangueira tem.

**Picardi:** Ele tem rancor? Contra quem?

**LC:** Ah contra as pessoas mais clara, mais calma, mais brava principalmente, normal, o pé de manga fica roendo a gente, o pé de planta, fica roendo a gente, ainda tem as manga, as manga então, se a gente olha torto prá elas, elas acerta a gente na cabeça, como se fosse vivo.

**Picardi:** (APONTANDO PARA UMA ÁRVORE PRÓXIMA) Isso aí é um pé de manga?

**LC:** Dois pés de manga, aí ó parado aí enchendo o saco.

**Picardi:** (Rindo) Enchendo o saco?

**LC:** Falando que tá vivo.

**Picardi:** Mas eles estão vivos.

**LC:** Não. Então, falando que tá vivo.

**Picardi:** É outro tipo de vida, vida vegetal, mas é vida.

**LC:** Isso parece um troço assim desse tamanho de elefante que tá de pé ali prá pegar a gente, mas tá de pé alí só prá acabar com a gente.

**Picardi:** Olha lá que pássaro bonito. Que pássaro é aquele? Você conhece?

**LC:** Gavião.

**Picardi:** Gavião?

**LC:** É.

**Picardi:** Você gostaria de poder voar assim?

**LC:** Eu gostava, tia. Se eu pudesse voar assim, eu gostava. Eu já sei voar, tia.

**Picardi:** Sabe?

**LC:** Eu sei. Se eu quiser levantar vôo eu sei.

**Picardi:** Você não quer me ensinar?

**LC:** É só fazer assim, tia.

**Picardi:** Bater os braços?

**LC:** É.

**Picardi:** Deve ter alguma coisa mais, Ó não voei. O que que falta?

**LC:** Falta enzima no corpo. Enzima, né, tia?

**Picardi:** Por quê que falta enzima?

**LC:** Por que, pô, se a senhora tivesse uma boa enzima no corpo, a senhora teria mais capacidade prá voar mais rápido.

**Picardi:** E você, tem?

**LC:** Ah, isso eu acho que eu não tenho também. Tenho compreensão, né? Enzima mesmo não é fácil não. Enzima não é fácil de roubar, tem que chegar perto de um pé de pinheiro, catar uns três galhos de pinhão, puxar a casaca assim e chupar aquele leite.

**Picardi:** A seiva do pinheiro?

**LC:** É.

**Picardi:** E aí faz a gente voar?

**LC:** Aí dá prá voar. (SILÊNCIO)

**Picardi:** LC, você consegue repetir aquela definição de mistério que você deu hoje no grupo da Sula?

**LC:** Mistério é um fluids que excreta a compatibilidade misturada do cérebro hormonal com a relatividade do operador nougat que leva em sistema três princípios: aceleração, cicatrização e umectação, depois a pessoa consegue também arrumar dinheiro prá se manifestar, não se ponderar.

**Picardi:** Mas você tinha definido mistério como “uma flor platinada de vasúvia colocooidal”, como que é? Você mudo sua definição de mistério, por quê?

**LC:** Hum. Não lembro, tia.

**Picardi:** Mistérios são muitos, né?

**LC:** Mistério tem prá caramba, mistério não acaba nunca. Sabe, tia, do mesmo jeito que existe a vida, existe a morte. Depois se a gente virá vida e aparecer alguém morto vai acabar com a gente, porque ele tem o cérebro diferente do da gente. Tentar cicatrizar o aço em terceiro lugar, acho que aí dá certo. Em primeiro lugar seria a aproximação da saúde que a gente procura com toda força, em segundo seria um produto dietético que a gente produzisse no corpo da gente com ginástica e em terceiro cicatrizar o aço, o aço do corpo da gente.

**Picardi:** Que aço, LC?

**LC:** Esse aço eu acho que é uma pilha, uma fonte de força incapaz de ser destruída, uma super forma de força, a pessoa come aquele aço, a pessoa não tem mais vontade de perder o aço de jeito nenhum. Quando é preciso o aço sair de um lugar prá ir pro pênis na hora do casamento, tudo, aí sai senão num sai.

**Picardi:** O aço não é o sangue, então?

**LC:** É o sangue. Em primeiro lugar o sangue, mas não só o sangue o osso também, o osso principalmente, a medula, e aquela casca que fica embaixo do osso com uma membrana que não deve ser transformado em membrana, deve ser recuperado e transformado em aço. Agora não sei exatamente, direito, a composição desse aço aí, tia, como é que é a composição desse aço. Eu acho que eu tenho um aço muito bom no meu corpo, mas eu já vi, eu vi numa revista lá dentro uma moça com um peito assim, tia, mas não era peito de carne, era uns ferro assim, uns ferrinho, uma humanóide, OVNI, né? Ela tinha os peitos com um monte de ponta assim dos dois lados, embaixo do braço também acho que devia de por por que ela não tem, acho que devia por um aqui (APONTA PARA A CABEÇA), um aqui (IDEM) e depois ainda falta um aqui nas costas. Mas isso na mulher, né?, porque o homem é mais atrasado.

**Picardi:** Você acha que a mulher é mais avançada, evoluída que o homem?

**LC:** É. A mulher é mais avançada então uma vez que ela é perfeita, ela sofre perto dos homens. A mulher, por exemplo tem útero, dois ovários, um útero, vagina, mais prá cima, como é que fala?, uma espécie de apêndice, depois tem apêndice, tem vesícula, tem rim, tem fígado, tem pâncreas, o que mais que a mulher tem?, intestino grosso, intestino delgado. A mulher sempre foi mais cuidada pelo homem do que o homem cuida da mulher ou pode ser que não também, né?, pode ser que a mulher é que fica fazendo a comida em casa, ainda não sei. O que eu queria descobrir mesmo é quem tomou mais energia: o homem ou a mulher.

**Picardi:** Energia?

**LC:** Energia solar, energia elétrica, aço, coisa assim, energia cósmica, energia neutra, positiva, negativa, um monte de coisas. Por exemplo, tia, o que quer dizer um méson, um pósitron, um ânion, um cátion, o que quer dizer um néon, que, pô!, eu tenho medo dessa turma que fica cheirando gás em casa, eles cheiram muito néon, tia.

**Picardi:** Quem cheira gás?

**LC:** Uns maluco que vem aqui, uns negão.

**Picardi:** É? E O que que acontece quando cheira néon?

**LC:** Ah, dá um ritmo acelerado, né? Da saúde de verdade nas pessoas. Eles fazem um buraco aqui, tia (APONTA O UMBIGO), depois põe aquela tampa no lugar e põem um pirulito dentro, um pirulito de carne dentro da barriga.

**Picardi:** Hum?

**LC:** Prá fazer mal pros outros, prá virar rei, virar rainha, aí quando o médico chega a pessoa já tá mais adiantada do que o médico. É que nem a cabeça da formiga, tia, você já viu as formigas?, a cabeçona que as formigas têm?

**Picardi:** Já vi.

**LC:** Formiga é o bicho mais terrível do universo inteiro, deve ser pior do que um cachorro, um gato ou uma galinha.

**Picardi:** Por quê?

**LC:** Por que a forma física é um diagrama superior.

**Picardi:** Você tá dizendo que a forma física traduz o que a gente é?

**LC:** Ô, tanto que um ser humano se ele quiser morrer, basta ele mexer com um animal qualquer que tenha aí na rua, que o animal é mais terrível, que o animal ele tem a raiva por condição mesmo, não é nem por relatividade ou qualquer coisa assim, o cachorro tem a noção de fazer o mal mesmo, cachorro, galinha, esses bichos todos roga pra gente.

**Picardi:** Tem algum que não tenha essa condição de ser mau por natureza?

**LC:** O pato, né, tia?, o pato é o único animal mais quieto, o pato.

**Picardi:** Por que que você acha...

**LC:** Bom, porque o pato ele é criança, tem mente de criança de verdade, faz assim “Quenque, quenque, quenque, quenque, quenque”, o pato faz “quenque”, agora os outros não, os outros é “Auuuuuuu, au au au, miauuu”, tudo treinado mesmo se alguma coisa acontece os bichos começam a rodear da direita prá esquerda, da esquerda prá direita, tomam aquele banho perto da gente vai dormir, vai descansar e vai embora.

**Picardi:** E o passarinho?

**LC:** O passarinho eu não sei direito, tia, passarinho não consegui estudar, mas eu acho que o passarinho é o animal mais esperto do mundo, o passarinho nunca foi bom, o passarinho é o bicho que produz a guerra, a discórdia, o pecado, a traição, a dor, essas coisas assim, o passarinho, os insetos. Ah, não ser que não sejam eles, que, pô!, olha esses figos aí, tia, esses figos tão rindo da nossa cara. Eu queria tomar uma injeção de choque, mas não só esses comprimidos que eu tomo aqui, eu queria tomar uma injeção.

**Picardi:** Prá quê?

**LC:** Mas não bem injeção de choque, eu queria tomar um comprimido mais forte eu, tomar três de uma vez.

**Picardi:** Você não disse hoje no grupo de medicação que era trágico tomar remédio?

**LC:** Não mas esse remédio não faz mal.

**Picardi:** Qual é o efeito do remédio?

**LC:** Ah, deixa a gente assim como se fosse assim um sal mineral, sais minerais, a gente se sente como se fosse feito de sais minerais, como se tivesse um elo em volta da gente com raízes tudo apontado prá não pegar ele e que fosse totalmente saudável.

**Picardi:** E quando você não está tomando remédio, como é que você se sente?

**LC:** Ah, quando eu não tô tomando remédio eu tenho medo, eu começo a sentir coisas que eu tenho medo de eu não ter o rim, o fígado, a vesícula boa de verdade. O remédio é uma flora, uma fauna, uma pesca e tudo, o remédio é a atividade da pessoa escrita, a atividade do trabalho, atividade do registro.

**Picardi:** Você não acha que você pode ficar sem o remédio, LC?

**LC:** Ah, não, tia, não sei, tenho medo de produzir um efeito trágico a falta do remédio.

**Picardi:** Por exemplo?

**LC:** Que nem batom de mulher, tia.

**Picardi:** Hum?

**LC:** Mulher passa batom na boca e fala, vai ver é uma camada de óleo, película de óleo fininha que tem na boca dela. Uma vez eu beijei uma neguinha aí, tia e tinha uma tal que eu falava que era Miguel, uma menina maluca que tinha aí, eu pensava que era São Miguel, beijava a menina, tia, ficava que nem uma camada de pele assim por cima da minha pele eu queria tirar e não conseguia tirar, nem lavando com ácido, com sabão, com detergente, passando álcool, não saía.

**Picardi:** Por quê você achava que ela era São Miguel?

**LC:** Ah, porque ela era legal, ela tava me ajudando a viver. O que eu gosto mesmo, tia e desses negocio

aqui. (TIRA DO BOLSO UM DROPS)

**Picardi:** Bala?

**LC:** Pastilha Garoto, chiclete Adams, chiclete Ping Pong, Ploc, Babaloo, Bolin Bola, chocolate, como de tudo, tia, o que aparecer prá mim vai. O meu mal é não ir atrás de mulher, tia, me sinto muito feio, eu não sei, tia, acontece que eu tenho uma cabeça quando eu apalpo ela, né?, quando eu olho no espelho eu vejo uma cabeça assim desse tamanho (GESTO INDICANDO UMA CABEÇA IMENSA) de vez em quando, como se tivesse uma alma se penando ali prá me manter daquela forma, se queimando, se derretendo, se torturando ali prá produzir um sofrimento na minha cabeça prá eu continuar a ficar daquele jeito. Posso desenhar, tia?

**Picardi:** Claro, eu vou pegar o papel. O quê que você desenhou?

**LC:** Hum? Um robô.

**Picardi:** Um robô?

**LC:** É igual ao que eu penso que eu sou.

**Picardi:** É complicado esse seu robô.

**LC:** Por isso é que eu sou assim. Sabe o que eu acho, tia?

**Picardi:** Hã?

**LC:** Que tudo o que a gente faz ou a gente aprende ou a gente estraga o ambiente. A gente desenha no papel, o papel assume a posição do que a gente fez, nesse mundo nada é neutro, assume o desenho, assume a forma, tudo é forma. Que nem o carro a gente lava ele, ele fica lavado prá sempre, o material dele é diferente do terráqueo. O terráqueo ele toma banho e fica limpo, dali umas horas por que ele tem condicionamento de saúde de suar, ele gosta de suar prá se limpar, prá manter o ritmo por causa da biologia superior de saúde, ele acaba suando de novo, agora o carro não, o carro só suja mesmo porque a terra cai nele, por que cai folha, cisco, eletricidade, umas coisas assim, que não é, né? Mas, pô!, se ele ficar do jeito dele depois que lavar ele não precisa lavar nunca mais. O corpo da gente é uma caixa, né?, um aquário, uma caixa, um cano, um poste, uma árvore, um banco, uma madeira, qualquer coisa, agora espírito mesmo, essas coisas que aborrecem, seria ou irmão da terra, do chão, do ser vivo ou então qualquer coisa que pega na gente, por ele por alguma coisa, alguma forma de energia estranha. Eu só tenho esse papo mesmo, tia. Eu nasci estudando a eletrônica. (APONTANDO A FIGURA DA CAPA DO LIVRO “AMOR DA LÍNGUA”) É eu mesmo, tia, é que nem eu, mas não com essa cara, né?

**Picardi:** (RINDO) Por quê que é que nem você?

**LC:** Que a minha cara é quase igual essa, mas não é isso, não. Eu não sei tia, só fiz eletricidade e forma e conhecimento, essas coisas, eu não sei pensar que nem as pessoas, falar de carinho, por isso que eu não falo isso, minha cara também acho que não fica mais bonita prá eu poder fazer as coisas que eu penso em fazer, tia, casar, essas coisas.